

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**

**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**LETÍCIA ANDRADE BATISTA SILVA**

**A NATUREZA DO SERVIÇO: O LIXO COMO QUESTÃO DE “HYGIENE”  
URBANA NO RIO DE JANEIRO (1865-1940)**

**Rio de Janeiro**

**2022**

**LETÍCIA ANDRADE BATISTA SILVA**

**A NATUREZA DO SERVIÇO: O LIXO COMO QUESTÃO DE “HYGIENE”  
URBANA NO RIO DE JANEIRO (1865-1940)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História da Saúde.

Orientador: Prof. Dr. André Felipe Cândido da Silva

**Rio de Janeiro**

**2022**

**LETÍCIA ANDRADE BATISTA SILVA**

**A NATUREZA DO SERVIÇO: “HYGIENE” URBANA E A QUESTÃO DO QUE  
FAZER COM O LIXO DO RIO DE JANEIRO (1865-1940)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História da Saúde.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. André Felipe Cândido da Silva (Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz) - Orientador

---

Prof. Dr. Bruno Rangel Capilé de Souza (Universidade do Vale do Rio Doce)

---

Prof. Dra. Ingrid Fonseca Casazza (Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

**SUPLENTES**

---

Jó Klanovicz (UNICENTRO)

---

Prof. Dr. Gabriel Lopes (Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

**Rio de Janeiro**

**2022**

S311b Silva, Letícia Andrade Batista.

A natureza do serviço : o lixo como questão de “hygiene” urbana no Rio de Janeiro (1865-1940) / Letícia Andrade Batista Silva. – Rio de Janeiro, 2022.  
118 f. ; il. color.

Orientador: André Felipe Cândido da Silva.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.

Bibliografia: f. 112-116.

1. Limpeza Urbana. 2. Saneamento Urbano. 3. História do Século XIX. 4. História do Século XX. 5. Brasil.

CDD 363.92

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Responsável pela elaboração da ficha catalográfica: Marise Terra - CRB6-351

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi realizada com o financiamento e concessão de bolsa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Meu primeiro contato com a pesquisa aconteceu ainda na graduação por meio das bolsas de iniciação científica. Por isso, não posso deixar de mencionar a importância do programa de bolsas de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para o fortalecimento das pesquisas acadêmicas em nível nacional e a minha permanência, assim como de outros colegas, no Ensino Superior no país.

Do mesmo modo, não posso deixar de mencionar a importância da preservação das Instituições de Pesquisa e de seus acervos mediante aos ataques a ciência durante os anos de 2018 e 2022. Agradeço, de forma mais específica, a existência e manutenção da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ao Arquivo Nacional e ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e todos seus funcionários (as).

Estendo os agradecimentos aos professores do PPGHCS e funcionários (as) da Secretaria do PPGHCS.

É difícil referenciar os acontecimentos transcorrido nos últimos dois anos sem mencionar a pandemia mundial de covid19. Digo isso com a certeza de que todos lembrados ajudaram não apenas a continuidade do meu trabalho, mas foram companhia virtual e a distância em tempos tão solitários e silenciosos.

Aos amigos e colegas de mestrado agradeço, sobretudo, a paciência, solidariedade e a compreensão de todos.

Os parágrafos nasceram de todas nossas risadas, abraços, encontros em bar, a correspondência diária via mensagens e o resgate do significado de vida quando a morte chegou tão perto.

Talvez eu seja muito breve e não consiga condensar de forma simples o significado de todos vocês em minha vida e peço perdão se me faltar palavras.

Em primeiro lugar a minha família. Faço parte da primeira geração a alcançar o Ensino Superior em Universidade Pública. Isso não seria possível sem o esforço e o

trabalho de quem veio antes de mim e pavimentou o caminho que pude seguir. Às minhas avós, duas Marias. Ao meu avô Ataliba e a memória do meu avô Alonso. Aos meus pais, Maurício e Rosana, pela decisão de me ensinar a importância da educação. Em especial, a minha irmã: Fernanda. Obrigada por todo o apoio ao longo da vida, segurança e o “café tá pronto!”, não sei aonde eu chegaria sem você.

Em segundo lugar, a família que não tem laços de sangue. Em memória do meu tio Milton, ao Marcos Vinicius, Marcio e Miriam.

Agradeço ao professor André Felipe Cândido da Silva por aceitar me orientar, ter paciência e compreensão de limitações, ao esforço de orientação e as ideias compartilhadas.

Obrigada aos membros da banca de qualificação e de defesa Bruno Capilé, Ingrid Casazza, ao professor Jaime Benchimol.

Estendo meus agradecimentos a professora Lise Sedrez, a orientação durante a graduação e a generosidade.

Ao Lucas, bom e velho amigo, um brinde a nossa amizade. Aos nossos encontros e reencontros, você me apresentou os pequenos prazeres da vida.

Sem dúvida agradeço a Natasha Barbosa, amizade construída por lanches e fofocas, também por afeição, pela mão amiga estendida nos piores momentos de crise, aos conselhos e à segurança.

Ao grupo de pessoas que tenho o prazer de chamar de amigos. Guardo vocês com muito carinho. Carlos, Guilherme, Hana, Paula, Lis, Catarina, Jonathan, Pedro.

Finalmente aos colegas de mestrado do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Saúde.

## RESUMO

No período entre 1865 e a década de 1940 a Ilha de Sapucaia, no interior da Baía de Guanabara, era usada como vazadouro de lixo pelos moradores do Rio de Janeiro. Desde o século XVII era relatado o uso de espaços alagadiços para despejo de material fecal, cadáveres, restos de comida e outros produtos provenientes do corpo social e dos animais residentes na socionatureza carioca. A transferência do lixo para a Sapucaia fazia parte de medidas tomadas pelos administradores da cidade (Estado, médicos, engenheiros) para deixar o Rio de Janeiro mais limpo, belo, organizado e também como parte dos esforços de sanitização de espaços e impedir a proliferação dos depósitos de lixo nos rios, praias, pântanos, ruas, ou seja, espaços mais próximos ao centro urbano mais povoado. Com isso, a partir de 1830 o Rio de Janeiro passou por diversas experiências de implementação de serviços de limpeza urbana compatíveis com as necessidades dos seus moradores ao longo de quase um século. Nesta pesquisa será analisado como o lixo estava inserido em mudanças no padrão do metabolismo urbano: demografia, tamanho, até mesmo na concepção de função do espaço e da própria cidade transcorridos entre o século XIX e a primeira metade do século XX. O debate proposto ao longo do trabalho prioriza a interação entre os humanos e os não-humanos na tarefa de limpeza do Rio de Janeiro, compreendendo a dimensão institucional (leis, médicos, engenheiros, lixeiros, tecnologia, teorias), o uso de espaços físicos da cidade como meio de circulação de lixo (rios, praias, mangues, animais) e os impactos causados ao meio ambiente usado para a descarga dos produtos.

Palavras-Chave: Lixo. Rio de Janeiro. Limpeza Urbana. Metabolismo Urbano. História Ambiental Urbana.

## **ABSTRACT**

In the time between 1865 and the 1940s, Sapucaia Island, inside the Guanabara Bay, was used as a garbage dump by the residents of Rio de Janeiro. Since the 17th century, the use of swampy spaces for dumping fecal material, food scraps and other products from the social body and Rio residents has been reported. The action of transferring garbage to Sapucaia Island by the city administrators (State technicians, engineers) was part of a plan to transform Rio de Janeiro in a more clean, beautiful, organized city, as well as part of the efforts made to sanitize spaces and prevent the transformation of other spaces such as rivers, beaches, swamps, streets, spaces closer to the most populated urban center in garbage dumps. As a result, from 1830 onwards, Rio de Janeiro went through several experiences of implementing urban cleaning services, according to the needs of its residents and changes in the social metabolism for almost a century. In this research it will be analyzed how garbage followed the social metabolically changes in the city: demography, size, even in the changes of the function of the city itself between the XIX and de the first half of the XX century. The debate proposed in this work prioritizes the interaction between humans and non-humans cleaning tasks in Rio de Janeiro trying to understand the institutional dimension (law, doctors, engineers, human spaces, physical technology, theories) established to deal with the refuse, the means of circulation of garbage, the role of places and beings like beaches, mangroves, animals) and the impacts on the environment used to discard the products.

Key Words: Garbage. Rio de Janeiro. Urban Cleaning. Urban Metabolism. Urban Environmental History.



## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: BARREIROS, Eduardo Canabrava. Rio de Janeiro, 1965. Mapa do Rio de Janeiro no início do século XIX. Fonte: ImagineRio Disponível em: <https://www.imagnerio.org/en/iconography/maps/2589215>

Figura 2: Charge comparando o antes e depois da recepção de melhoras urbanísticas nas freguesias centrais do Rio de Janeiro. Percebe-se a quantidade de lixo amontoado no canto da rua na imagem da esquerda. *Semana Ilustrada* n°471-19/1868, página 3755. Fonte: ABREU, *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op cit, pg. 42.

Figura 3: Vaso de Imundície. Debret. Fonte: EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009. Pg. 103.

Figura 4: Tigres ou cabungos, Rio de Janeiro. Fonte: EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009. Pg. 103

Figura 5 “Preto do lixo”. Fonte: AIZEN; PECHMAN, *Memória da Limpeza Urbana no Rio de Janeiro*, op. cit.

Figura 6: Modelos e veículos de Aleixo Gary. Fonte: AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit

Figura 7 Carroça de irrigação Pública. Fonte: AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit

Figura 8: Augusto Malta. 1928. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 0817] *Limpeza do canal do Mangue*.

Figura 9: BARREIROS, Eduardo Canabrava. A cidade do Rio de Janeiro depois da Reforma Pereira Passos. Rio de Janeiro, 1965. Disponível em <https://www.imagnerio.org/en/iconography/maps/2589090>

Figura 10: Rua do Passeio, n° 82. Sede da Superintendência de Limpeza Pública Imagem: Possível Augusto Malta. 1928. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal.

Figura 11: Possível Aristógiton Malta. 1938. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 2478]

Figura 12 Campanha lançada em 1930 para conscientizar a população sobre os perigos de lançar lixo nas ruas. Fonte: AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit. pg 107.

Figura 13: Possível Aristógiton Malta. 1938. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 2674]

Figura 14 Forno para incineração dos detritos de limpeza pública e particular. Fonte: Arquivo Nacional. Código de Referência BR RJANRIO PI.0.0.7365

Figura 15: Chaminé com o Castelo de Manguinhos ao Fundo. Fonte: Base Arch Instituto Oswaldo Cruz. Código de referência: BR RJCOC 02-10-20-05-003-0

Figura 16 Antigas instalações e chaminé do forno incinerador de lixo. Código de Referência: BR RJCOC 02-10-20-05-001-06

Figura 17: Provável Augusto Malta. Sem data. Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 2974]

Figura 18: Provável Augusto Malta. Sem data. Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 2973]

Figura 19. Fonte: A noite. [Como vive e como pensa o povo. Os lixeiros vivem a céu aberto e não pensam como os outros homens. Rio de Janeiro. Ano XVIII. N°46.040. página 1. 11 de setembro de 1928.

Figura 20 “Mapa dos depósitos de lixo no litoral do Rio de Janeiro. Sem escala. Base cartográfica: PLANTA da cidade do Rio de Janeiro organizada na Carta Cadastral. Rio de Janeiro: Serviço Geographico Militar, 1928.” Fonte: Capilé, os muitos rios do Rio.

Figura 21 Mapa da Baía de Guanabara. Fonte Arquivo Nacional.

Figura 22: Possível Augusto Malta. Sem data. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/PAM/PC – 1428]

Figura 23: Ponte de descarga de resíduos em São Cristóvão, 1928.

Figura 24. Ilha de Sapucaia. Fonte: Arquivo Nacional.

Figura 25 Planta hidrográfica da Baía do Rio de Janeiro. Levantada em 1810 por uma comissão de oficiais da Armada e novamente correta e aumentada por Joaquim Raimundo de Lamare. Capitão Tenente da Armada N.e1 em 1847. Fonte: Arquivo Nacional.

Figura 26: Casa das famílias. Fonte: Correio da Manhã [A Sapucaia e suas relações com a cidade. Um punhado de cousas curiosas que não foram, de roldão, no lixo abandonado. Fortunas achadas pelos trapeiros - A resistencia orgânica dos trabalhadores - Na Ilha não há doentes - Como se vende uma greve - Os garys e a "pubelle" s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N °11.408. 20 de fevereiro de 1932

Figura 27: Figura 26: Casa das famílias. Fonte: Correio da Manhã [A Sapucaia e suas relações com a cidade. Um punhado de cousas curiosas que não foram, de roldão, no lixo abandonado. Fortunas achadas pelos trapeiros - A resistencia orgânica dos trabalhadores - Na Ilha não há doentes - Como se vende uma greve - Os garys e a "pubelle" s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N °11.408. 20 de fevereiro de 1932

Figura 28. Fonte: Jornal do Brasil. [Prefeitura s/título]. Rio de Janeiro. Anno XIV. N.123. página 1. 2 de maio de 1904.

Figura 29. Fonte: Jornal do Brasil. [Prefeitura s/título]. Rio de Janeiro. Anno XIV. N.123. página 1. 2 de maio de 1904.

Figura 30. Vista aérea da Ilha do Bom Jesus e Ilha de Sapucaia. Rio de Janeiro, [sem data]. Fonte: Acervo Arquivístico da Marinha. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/4563>

Figura 31: Possível Uriel Malta. 1945. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 0917]

Figura 32: Possível Uriel Malta. 1945. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 0917]

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 UMA TRAJETÓRIA BIBLIOGRÁFICA ATÉ O LUGAR DO LIXO NA HISTÓRIA AMBIENTAL URBANA .....</b>	<b>21</b>
1.1 Os caminhos pela História Ambiental .....	23
1.2 - História Ambiental Urbana .....	28
<b>CAPÍTULO 2 EM BUSCA DA “CLOACA” CARIOCA.....</b>	<b>39</b>
2.1. A descoberta do lixo como problema urbano .....	41
2.2 O reconhecimento do lixo como problema de saúde.....	52
2.3 A burocracia do lixo.....	59
2.4. O lixo no século XX .....	67
2.5 A solução pelo fogo: os incineradores .....	75
<b>CAPÍTULO 3 LUGARES DE DESPEJO: A ILHA DE SAPUCAIA E OUTRAS CLOACAS .....</b>	<b>79</b>
3.1 Os corpos do trabalho.....	81
3.2 O movimento entre as cloacas .....	86
3.3 A maior cloaca.....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>112</b>

## INTRODUÇÃO

Tudo tem história, até mesmo o lixo. Por meio da pesquisa histórica é possível lançar luz sobre a coleção de objetos, instrumentos, acessórios, materiais orgânicos e resíduos considerados lixo ao longo do tempo, ou seja, historicizar o lixo a partir de referenciais da cultura e sociedade. “Em primeiro lugar, o que é considerado lixo varia entre uma cultura e outra”, bem nos lembrou Peter Burke.”<sup>1</sup>

Esta pesquisa nasceu a partir da observação e discussão dos problemas ambientais sob perspectiva histórica durante minha graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando participei do Laboratório de História e Natureza. Ali me familiarizei com a história ambiental e me engajei em um projeto relacionado ao reflorestamento do Morro da Babilônia, no bairro do Leme, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro.<sup>2</sup> Pela participação nesta pesquisa, pude notar como as árvores, morros e encostas, as enchentes, as favelas, as praias, o Pão de Açúcar, a Baía de Guanabara, a Floresta da Tijuca que são reconhecidamente parte da natureza da cidade, abrangem também o lixo e todos esses componentes estão sujeitos a dinâmicas de transformações que englobam processos socioeconômicos, culturais e ecológicos.

Em função disso, decidi dedicar-me a pesquisa sobre a história do lixo na cidade do Rio de Janeiro, um objeto com enormes possibilidades de análise, mas que do ponto de vista da história ambiental e da saúde lança luz sobre as culturas materiais do passado, sobre os complexos metabolismos que conformam a cidade, sobre o papel do descarte de resíduos na configuração das paisagens urbanas e, por fim, sobre a relação dos esforços de coleta, circulação e depósito dos rejeitos com as ideias médico-científicas acerca da relação entre saúde e ambiente.

Este é o objetivo dessa dissertação de mestrado: analisar os elementos humanos e não-humanos responsáveis pelo asseio ou a falta de salubridade do Rio de Janeiro. Os propósitos da investigação são de elucidar a relação estabelecida entre a natureza urbana do Rio de Janeiro e os locais de disposição final de resíduos: os mangues, as praias, os terrenos acima e abaixo do solo, as ruas e a principal, a Ilha de Sapucaia, no interior da Baía de Guanabara, como partes finais do metabolismo urbano carioca.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0912200109.htm>. Acessado: 26 de julho de 2022 às 10:35.

<sup>2</sup> SEDREZ, L. F. BARBOSA; N. A. Narrativas na Babilônia: Uma experiência de história oral, risco climático, reflorestamento e comunidade (1985-2015). In: Andrea Casa Nova Maia. (Org.). *História oral e direito à cidade*. 1 ed. São Paulo: Letra e Voz, 2019, v. 1, p. 79-98.

Percebo a cidade como a junção entre o natural e o humano. Os caminhos de pesquisa levaram ao campo teórico da História Ambiental Urbana ao perceber a cidade como resultante da interação entre os seres humanos e a natureza. Através da base teórica da História Ambiental Urbana a narrativa em proposta busca romper com a dicotomia entre o natural e o humano. Tal perspectiva separa a cidade – como a esfera de atuação dos seres humanos e as relações sociais, local não natural – enquanto promove a visão de natureza como ambiente não intocado, remoto com pouco ou nenhuma intervenção da humanidade.

De forma a quebrar os padrões exemplificados, a narrativa sobre a cidade leva em consideração o ser humano como agente atuante e associado à complexidade material do ambiente. O norteamento teórico desta pesquisa leva em consideração como o ambiente urbano está sujeito a intervenção do Estado, dos engenheiros, médicos, administradores urbanos, do trânsito de carroças, pessoas e animais, do calor, das chuvas, das hortas e jardins, também dos animais domésticos, moscas, lama, terra, o estrume e o lixo.

Desses complexos círculos socio biológicos, físicos e socioculturais de interações de diferentes níveis, visíveis e invisíveis, acima e abaixo do solo, nasce a sacionatureza urbana com complexidade própria. O conceito ajuda a direcionar o modelo de cidade para além do cenário protagonista do desenrolar dos fatos humanos e os seres humanos como único agente de intervenção na materialidade. A tipificação de sacionatureza vem da possibilidade de superar a dualidade e enxergar cidades e natureza de maneira conjunta.

Ao longo deste trabalho discutirei a sacionatureza urbana do Rio de Janeiro e a formação do metabolismo urbano carioca. A referência ao metabolismo tem referência na comparação de cidade com o corpo humano.

Entendo o metabolismo como a quantidade de energia, bem como os serviços necessários à manutenção da urbanidade. O corpo urbano funciona por meio do fluxo de mercadorias, dos mercados, da prestação de serviços, os meios de transporte, enfim, de toda a extensão de atividades cotidianas básicas. Via de regra, os fluxos de energia trafegando internamente no meio urbano precisam de espaços de saída. Esta saída é realizada pelo sistema excretor desta cidade.

O sistema excretor é o responsável pela retirada dos materiais perigosos e nocivos à saúde e ao meio ambiente. Os produtos – o esgoto, a fumaça, o lixo - são eliminados por meio de descargas no meio ambiente urbano em meios aquáticos, terrestres, solo e ar.

Os serviços de limpeza urbana e de esgoto são parte do sistema excretor. Trataremos, em específico, da montagem do sistema de limpeza urbana do Rio de Janeiro com atuação nas ruas e outros espaços com a finalidade de embelezar e suprir as necessidades sanitárias

da socrionatureza urbana. Os excrementos humanos (fezes e urina) eram usualmente destinados ao esgoto em construção ou acumulados em recipientes e mais tarde jogados em mangues, praias, até mesmo nas ruas. Há de se levar em consideração a existência dos rejeitos humanos, porém não será o foco da pesquisa.

Em relação à terminologia da palavra, optei por usar o termo “lixo” para abranger a quantidade de material orgânico ou não orgânico descartado por todo o conjunto de atividades relacionados ao metabolismo urbano carioca dentro dos contextos sociais, espaciais e temporal. Isto é, o conceito de lixo diz respeito à diversidade de material descartado, extracorpóreos e por todo o conjunto não humano residentes do espaço urbano ao longo do tempo. Desse modo, o processo de pesquisa se desdobrou na coleção de palavras usadas como sinônimo de lixo, como sujeira, imundice e restos nos mecanismos de busca na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A escolha foi feita para agregar os diferentes materiais considerados lixo e aprofundar a investigação. O lixo compreendido como parte da produção material desta sociedade, como resultado da interação entre sistemas sociais, animais, insetos, a tecnologia e a cultura.

De maneira mais estruturada o serviço de limpeza recolhia os rejeitos em estado sólido extracorpóreos depositado nas ruas ou dentro das casas, a lama, a poeira, as algas nas praias, a carcaça de baleia, cadáveres de animais, os estrumes de cavalos, os restos de comida, os trapos de roupas e tecidos como será pontuado no capítulo 2. Também variedade de objetos descartados como vasos de cerâmicas, frascos de vidro e até mesmo colchão e botas encontrados pelos trabalhadores da Ilha de Sapucaia como será visto no capítulo 3.

O lixo fez parte do manejo dos indesejáveis do ecossistema urbano e esteve ligado a processos da perda de resiliência de territórios naturais. No Rio de Janeiro, a criação de locais para despejo de lixo regular esteve ligada ao uso dos mangues, das lagoas e locais alagadiços, das praias desde a chegada dos portugueses.<sup>3</sup> E o aterramento desses espaços foi um procedimento muito usual na dinâmica de expansão da malha urbana da cidade.

O exame da construção dos sistemas sanitários cariocas revela os diferentes usos de espaços naturais e elementos da geografia ao longo do tempo como agentes de limpeza. As areias das praias reservadas ao banho de mar, hoje em dia tomadas por multidões e guardasóis no verão quente carioca, foram por muito tempo espaços sujos, mau cheirosos e pouco

---

<sup>3</sup> AMADOR, Elmo da Silva. *Baía de Guanabara ocupação histórica e avaliação ambiental*. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2013.

convidativos, com cadáveres de animais depositados nas areias à espera do trabalho dos ventos e da maré para carregar o lixo.

Durante obras recentes no centro histórico do Rio de Janeiro para a construção do Veículo Leve sobre Trilhos, arqueólogos alcançaram ruas antigas aterradas e nelas encontraram parte de objetos jogados fora nas ruas ao longo do tempo. A coleção de artefatos escavados incluía urinóis, escarradeiras, penicos, frascos de remédios de vidro (em sua maioria laxantes, como óleo de rícino), barro e cerâmica. Em grande medida, os instrumentos serviam como repositório de fezes, urinas e outros fluidos corporais. Os objetos catalogados eram parte da cultura cotidiana, privada e muitas vezes desconhecida praticadas na intimidade do lar.<sup>4</sup>

A arqueóloga responsável pela pesquisa destaca a força das teorias neo-hipocráticas em circulação no Rio de Janeiro oitocentista por meio da análise das coleções encontradas nas ruas. Acreditava-se que o adoecimento era parte do desequilíbrio de quatro elementos constituintes do corpo do indivíduo, isto é, o sangue, pítuita, bile amarela e a bile negra. O equilíbrio do corpo ou a erradicação do estado de adoecimento era feito a partir do uso prático desses objetos ou de estímulos ao corpo, como no uso de laxantes. As escarradeiras, os urinóis e outros tipos semelhantes visavam a eliminação de fluidos corporais de modo a evitar o desequilíbrio das forças dentro do indivíduo a fim de evitar o adoecimento ou estimular a recuperação. O sangue, vômito, catarro, material fecal, urina, bile funcionavam como regulamentadores do metabolismo corporal.<sup>5</sup>

Isso mostra como a recuperação do material descartado pelas sociedades do passado traz subsídios relevantes para se pensar a história da cidade, não só pelo aspecto mais evidente de elucidar o cotidiano da população, por análise dos materiais empregados na construção, na dieta e no vestuário, por exemplo, mas também os significados atribuídos a esses rituais a partir do repertório de ideias prevalecentes no período.

O lixo não é novidade na história humana; pelo contrário, sempre convivemos com o lixo, nem sempre nas proporções de grave problema ambiental, como constatado atualmente. No entanto, as compreensões do que significou no decorrer do tempo e a própria composição do que foi considerado rejeito variaram significativamente no decorrer do tempo. Como também se transformou o destino desses rejeitos e a proximidade das sociedades com eles, uma vez que as sensibilidades em relação a aspectos vistos como

---

<sup>4</sup> ANDRADE LIMA, Tânia. Humores e odores: ordem corporal social no Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro: História, Ciências, Saúde - Manguinhos, II (3): 44-96, nov. 1995. Fevereiro, 1996.

<sup>5</sup> *Idem*.



inerentemente ligados ao lixo, principalmente o olfato, igualmente se modificaram de acordo com as configurações sócio-históricas.<sup>6</sup>

Sempre produzimos lixo. Primeiro como catadores e coletores. Os grupos nômades faziam uso do ambiente. Em seguida, continuavam o processo de migração, de maneira que os restos, de natureza orgânica, eram incorporados aos ciclos naturais por processos de decomposição ou pela queima e aterramento. No final de todo o processamento de insumo, a matéria consumida (restos de comida, cadáveres, ossos, pele, gordura, excrementos, folhas, madeira etc.) tinha como resultado a produção de lixo. Depois, no modo de vida sedentário e nas sociedades agrícolas em que grande parte da matéria era reutilizada em processos de adubação da terra.<sup>7</sup>

O lixo foi um dos primeiros sinais da pegada humana no Planeta. A descoberta, principalmente pela arqueologia, de fogueiras e restos de material calcificados (como os sambaquis ou ossadas humanas ou não humanas) revelam o modo de vida de sociedades anteriores ao surgimento da escrita e até mesmo há quanto tempo a região era habitada, processos de migrações, os artefatos e todo tipo de objeto calcificado no processo.<sup>8</sup>

Mais à frente o lixo se tornou um problema de maior dimensão com a criação das primeiras cidades durante a Antiguidade. O espaço limitado, o salto demográfico e as construções (fortificações, casas, comércios) reuniram as condições para maior produção de lixo e, como consequência, maior concentração de sujeira (carcaça de animais, produtos da varrição de rua, barro, lama, cerâmica) nesses espaços limitados. Não havia espaço adequado para queimar ou enterrar, ou seja, técnicas antigas de manejo de resíduos já não encontravam lugar em meio ao ambiente construído.<sup>9</sup>

No entanto, isso não implica afirmar que o lixo sempre pertenceu à mesma categoria de problema no decorrer do tempo ou se apresentou em proporção comparável à crise ambiental e social contemporânea.

Isso não é ignorar os problemas relacionados à poluição, mas reconhecer que produzido em menor escala e em diferentes composições, o lixo não era um perigo tão grande à saúde ambiental e humana. O interessante é analisar como sociedades no período pré-industrial lidavam com os resíduos e de que maneira o lixo estava colocado em outros tipos

---

<sup>6</sup> CORBAIN, Alan. *Saberes e odores o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

<sup>7</sup> EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009.

<sup>8</sup> RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e Ilusão O lixo como invento social*. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

<sup>9</sup> MUMFORD, Lewis. *La Ciudad en la historia: Sus Orígenes, Transformaciones y Perspectivas*. Logroño: Pepitas de Calabaza, 2012

de sistemas sociais e culturais, quais os dispositivos tecnológicos mobilizados para a resolução do problema. Certamente os níveis de tolerância ao mau cheiro e a sujeira eram diferentes, as cidades nem sempre perseguiram os mesmos padrões de limpeza, pelo contrário, pesquisas apontam para cenários insalubres.<sup>10</sup>

Na Península indiana, existe o conhecimento de casas construídas com calhas para captação de águas da chuva, sistemas de reservatórios de águas e redes de drenagem de água completamente separados das águas servidas para evitar a contaminação cruzada. O sistema consistia em grandes paredões de escadas construídos entre o século VIII e IX d. C na região desértica do Rajastão.<sup>11</sup>

O caso mais famoso é a construção dos sistemas de esgoto da Roma Antiga, *Cloaca Maxima*. Na Grécia encontra-se um dos lixões mais antigos do mundo. O depósito se tornou um dos maiores sítios arqueológicos do mundo. O funcionamento dos sistemas era fundamentado no uso das correntezas d'água e da força da gravidade como forma de movimentar a matéria residual de um ponto ao outro.<sup>12</sup>

Depois da reestruturação do Império Romano, na Europa Medieval a situação sanitária mudou. Com base nas epidemias, alta mortalidade e a grande quantidade de doenças circulando, os pesquisadores inferem sobre a falta de salubridade do meio urbano, com pouca cobertura do sistema de circulação de águas ou ausência total de qualquer estrutura construída em específico para a limpeza, ou seja, as pesquisas apontam para o quadro geral insalubre mantido pelos séculos seguintes.<sup>13</sup>

De modo mais acelerado, o lixo se tornou problema estrutural das cidades a partir de mudanças tecnológicas decorrentes da Revolução Industrial e do conseqüente crescimento urbano. Desde então, as cidades se tornaram maiores, mais numerosas e mais poluentes. A composição básica dos dejetos produzidos no século XIX consistia em poeira, lama, terra, esterco, vidro, cinzas, restos de varrição das ruas, cadáver de animais. Até o século XIX, a proporção entre a produção de lixo e de pessoas era suficientemente bem equilibrada para não sobrecarregar os sistemas sócio naturais.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup>MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities: Refuse and Reform and the Environmental*. University of Pittsburg Press: Pittsburg PA, 2005.

<sup>11</sup>DORON, Assa; JEFREY, Robin. *Waste of a Nation Garbage and Growth in India*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018.

<sup>12</sup>EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009.

<sup>13</sup>EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009.

<sup>14</sup>MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities. Op Cit.*

A partir daquele período, a curva de produção de resíduos tem sofrido acentuado crescimento. A demanda por novos produtos e novos mercados de atuação, a invenção do motor de combustão, os animais de transporte, mercadorias e pessoas estavam diretamente relacionados à maior produção de resíduos. O uso do aço, concreto, de combustíveis fósseis e o aumento da capacidade produtiva de mercadorias (método taylorista e fordista) diversificaram a quantidade de material a ser descartado. O mercado de consumo desenvolvido a partir da Revolução Industrial comprava cada vez mais produtos sintéticos.

15

De modo mais expressivo, o lixo começou a se amontoar nas ruas ao redor do mundo. Na descrição sobre a Manchester convulsionada pela Revolução Industrial em *A situação da Classe Operária Inglesa*, Engels chegou a descrever o estado das ruas: “que imundice! Lixos e detritos amontoados por todos os lados, poços em vez de canaletas e um mau cheiro que impede a um homem minimamente civilizado de viver nesse bairro.”<sup>16</sup>

Do outro lado do Atlântico, na cidade de Nova York durante o século XIX, balsas saíam diariamente da cidade em direção ao Oceano Atlântico carregando os refugos. O volume de lixo cresceu ao ponto de a maré devolver à costa nova yorkina parte do lixo levado.<sup>17</sup>

Na Inglaterra, movimento parecido acontecia em direção ao Rio Tâmesa. A sujeira nas ruas eram reflexo tanto do novo modelo de consumo quanto do crescimento urbano.

A água, em realidade a movimentação das correntes e a vastidão do mar, eram um dos modos bem documentados em cidades costeiras de finalizar a tarefa da limpeza. O método era considerado o mais barato e operacionalmente simples sem considerar o impacto ambiental negativo causado na costa marítima.

A produção industrial e os impactos nos modos de vida das sociedades alteraram significativamente a constituição do lixo. Pesquisadores tendem a relevar invenções e tecnologias a partir dos seguintes grupos dentro e fora das fábricas: a madeira (inclui aqui a madeira pintada), o vidro (jarras, potes, lâmpadas, refratários), borracha (pneus, estradas, calçados), algodão (roupas), aço (ferrovias, navios), máquinas movidas a vapor, dínamos e todo seleção de produtos sintéticos dos combustíveis fósseis (óleos, combustíveis).

---

<sup>15</sup> MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities. Op Cit.*

<sup>16</sup> FRIEDRICH, Engels. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008. pg. 93.

<sup>17</sup> MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities. Op Cit.*

A declaração da historiadora Susan Strasser sintetiza o cerne da questão: “americanos de todo o país e de todas as classes passaram a comer, beber, limpar, vestir e sentar em produtos feitos em fábricas”.<sup>18</sup> Certamente o mesmo não pode ser extrapolado na mesma proporção a outras formações sociais menos impactadas pelo industrialismo e crescimento urbano e que obedeceram a ritmos históricos particulares.

Desde o fim da II Guerra Mundial vem crescendo a preocupação em nível global de como tratar de forma ambientalmente correta o descarte de lixo. Até então, as opções incluíam o despejo em territórios terrestres (disposição de camada de lixo sobre terrenos abertos ou aterros sanitários controlados), o uso do mar como sumidouro e a queima ao ar livre ou em incineradores.

A velocidade da produção de resíduos só aumentou durante a segunda metade do século XX impulsionadas pelas grandes indústrias – com destaque para a petroquímica, têxtil, alimentícia do *fast food* e alimentos ultra processados – em meio ao movimento de globalização e de expansão do capitalismo mundial. Materiais sintéticos passaram a representar porção cada vez maior dos rejeitos, com a consequência de intensificarem o acúmulo por não serem integrados aos fluxos materiais e energéticos dos ecossistemas. Sacolas plásticas, isopor, garrafas pet inundaram o mercado com embalagens e a pilha de lixo crescente. Aumentou, também, a velocidade com que jogamos algo fora.

O crescimento significativo da produção de lixo, especialmente os plásticos, está ligado à maior exploração de recursos naturais e ao uso de combustíveis fósseis. A título de comparação, em 1964 a média anual de produção de resíduos plásticos era de 15 milhões de toneladas. O número saltou para 311 milhões de toneladas em 2014. De acordo com dados do Fórum Econômico Mundial em 2050, o oceano terá mais plástico que peixes. A partir dos anos 2000, produzimos cerca de metade de toda a quantidade de plástico já fabricada e 75% deste montante já foi descartada.<sup>19</sup>

Em questões de definição do conceito, o lixo pode ser enquadrado como todo o resto gerado a partir de atividades humanas corpóreas ou extracorpórea (originada a partir de sintetização de matéria).<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> STRASSER, Susan. *Waste and Want a social History of Trash*. Nova York: Owl Books, 2000.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/10/07/O-Oceano-Pac%C3%ADfico-tem-mais-pl%C3%A1stico-do-que-se-pensava>.

<sup>20</sup> EIGENHEER, Emílio M. *Op Cit*, 2009.

Em caráter técnico, existem classificações do lixo de acordo com a fonte de produção de resíduos (orgânico, industrial, hospitalar, tóxico, radioativo etc.), também pelo grau de risco às populações humanas e ao meio ambiente apresentado por cada tipo.

Em síntese, diversas são as fontes de produção de lixo e as formas de classificar os resíduos. Do ponto de vista técnico, existem três classificações: lixo, resíduo sólido e rejeito. O lixo é tudo aquilo que é descartado. Já os resíduos sólidos, de acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) sancionada em 2012, são:

material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível.<sup>21</sup>

Os resíduos sólidos consistem em tudo aquilo separado do lixo (em casa, na coleta, em centros de recepção ou nos lixões e aterros sanitários) e encaminhado para reutilização, reciclagem ou compostagem de forma a se tornar reutilizável. Os rejeitos, por sua vez, não têm mais utilidade e demandam soluções à parte e ambientalmente adequadas ao descarte.

É importante levar em consideração que as definições sobre o lixo, as classificações e os procedimentos para lidar com ele ressoam os repertórios culturais de uma sociedade em um dado período histórico. O que é encarado como lixo, a tolerância em relação à proximidade e convivência com ele e, conseqüentemente, as medidas acionadas para lhe conferir um destino, fazem parte da cultura de uma sociedade. Registros que guardam as distintas percepções acerca do lixo representam fontes oportunas para compreender seus significados em um dado período histórico. Este é o caso da literatura, por exemplo.

Para a escritora Carolina Maria de Jesus, o lixo encontrado pelas ruas de São Paulo era comida para seus filhos, matéria-prima para seus diários, paredes e teto para o barraco construído na favela do Canindé, às margens do Rio Tiete, em 1950.<sup>22</sup> O homem bicho do poema de Manuel Bandeira pouco se preocupava com o estado da comida no lixo - quando avistava, logo engolia.<sup>23</sup> Na crônica de Luis Fernando Veríssimo, o lixo assume o caráter de objeto de ligação entre vizinhos pouco conhecidos, a não ser pela observação do conteúdo

---

<sup>21</sup> Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm)

<sup>22</sup> JESUS, Carolina Maria de. *O Quarto de Despejo* diário de uma favelada. 10ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2014.

<sup>23</sup> BREMER, Maria Ligia. A imagem da realidade, poesia "o bicho" de Manuel Bandeira. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. pp. 1796-1804, 2011.

das sacolas plásticas que ambos carregavam em direção à lixeira do prédio.<sup>24</sup> Nas artes plásticas, Vik Muniz e os catadores de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, criaram arte a partir do lixo.<sup>25</sup>

Em adicional à literatura, o lixo vem ganhando notabilidade no audiovisual. Em 2011, um ano antes do fechamento do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, a vida dos trabalhadores da Cooperativa de Jardim Gramacho foi documentada pelo artista plástico Vik Muniz enquanto transformavam o lixo recolhido do dia a dia em arte. As peças foram finalizadas e exibidas em Londres. O registro desse processo foi feito em documentário, intitulado “Lixo Extraordinário”, que chegou a concorrer ao Oscar de 2011. Nas décadas anteriores, o próprio lixão de Jardim Gramacho e o Aterro de Itaoca, do outro lado da Baía de Guanabara, no município de São Gonçalo, também foram cenário de dois filmes. O primeiro longa, “Boca do Lixo”<sup>26</sup>, de 1996, dirigido por Eduardo Coutinho segue um grupo de catadores em Itaoca e aborda o estigma social relacionado ao trabalho com lixo. Já em Estamira, de 2005, a personagem título do filme argumenta diante da câmera sobre problemas sociais, ambientais e de saúde mental na condição de catadora de lixo.<sup>27</sup>

Em comum, os filmes mostram a camada de complexidade da vida dos trabalhadores e de outros residentes nos lixões entre pessoas, máquinas, porcos, urubus, moscas e as montanhas de lixo desde o pioneiro “Boca de Lixo”. O longa metragem captura a dimensão de lugar, já nos primeiros minutos a câmera passeia pelo chão de lixo revirado (sacolas, embalagens de todos os tipos e cores) e quando abre a perspectiva traz ao primeiro plano o coro de vozes dos catadores enquanto garimpam o caminhão recém-chegado.

No caso de Eduardo Coutinho, a câmera do diretor parece intrusa ao cotidiano normal apressado dos catadores. Os entrevistados mantêm a atenção difusa entre a chegada, a descarga dos caminhões e as perguntas feitas pelo diretor. Poucos olham diretamente para a câmera ou para o interlocutor: a maioria esconde o rosto por vergonha de seu trabalho ou pedem desculpas a todo momento pelo uso coloquial da língua portuguesa por conta da baixa escolaridade. A equipe de filmagem chega, então, à barraca de uma mulher que permanece de costas, Coutinho interpela a entrevistada e pergunta o nome do lugar onde estão, no que

---

<sup>24</sup> ARAUJO, Lucy Aparecida Melo. As marcas de oralidade na crônica de Luís Fernando Veríssimo. *Verbum Cadernos de pós-graduação*. n. 6, p.69-82, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/viewFile/19074/14485>

<sup>25</sup> MUNIZ, V. *Lixo Extraordinário*. São Paulo: G ERMakoff casa editorial, 2010.

<sup>26</sup> ABREU, Nuno César Pereria de. *Boca do lixo: cinema e classes populares*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

<sup>27</sup> PRADO, Marcos. *Estamira*. Rio de Janeiro. Zazen Produções Audiovisuais, 2005.

ela prontamente responde: “Boca do lixo”. Situação diferente da retratada em Estamira, o filme se baseia em extenso monólogo entre a personagem principal e a câmera em relação direta.

Já o artista plástico Vik Muniz e os catadores da Cooperativa de catadores de lixo de Jardim Gramacho trabalharam para conceber outro significado estético ao lixo na transformação do material reciclado pela Cooperativa em obras de arte.

O audiovisual trabalhou o lixo e a profissão dos catadores de forma a mostrar parte pouco visível. Os filmes buscam sair da estigmatização e apresentam o lixo e os catadores como produtos da sociedade moderna.

Os filmes, até mesmo os infantis, imaginam um futuro em que a humanidade deixou o planeta Terra tomado pela catástrofe do lixo em busca da vida em outros planetas ou em naves fugindo de toda a sujeira e poluição causadas.<sup>28</sup> O imaginário transformado em animação revela parte de como a vida tem sido tratada e conduzida até aqui,

Por exemplo, é mais fácil imaginar um futuro ambiental apocalíptico da humanidade (aquele referenciado por especialistas no aquecimento global, ativistas da preservação da biodiversidade) do que imaginar mudanças políticas e do metabolismo social no atual estado de ordem social, mudança esta que produziria a reconstrução dos ambientes conhecidos.<sup>29</sup>

Nota-se, portanto, que o lixo tem sido tema da produção cultural escrita e audiovisual. Por certo tempo houve certo distanciamento do assunto, entre outras coisas, por ele apontar para a finitude da vida humana e de suas criações, por remeterem à precariedade e à transitoriedade.<sup>30</sup> No cenário mais recente, esses produtos culturais procuram sensibilizar sobre o lixo como problema socioambiental agudo, principalmente nos grandes centros urbanos. Também em função disso, e das várias possibilidades analíticas que encerra, o lixo tem sido objeto de reflexão acadêmica para além das áreas dedicadas especificamente e de forma aplicada a questões concernentes à esfera urbana, tecnológica e ao campo ambiental.

Na historiografia, o lixo tem sido tema da história social, cultural e ambiental, como também tem inspirado narrativas históricas de caráter memorialístico ou sem um enquadramento analítico elaborado a partir de conceitos e metodologias da operação historiográfica.

---

<sup>28</sup> WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Produção: Jim Morris. Emeryville, CA: Disney-Pixar, 2008.

<sup>29</sup> SWYNGEDOUW, Erik. In the Nature of Cities. Urban political ecology and the politics of urban metabolism, Nova York: Routledge Press, 2006.

<sup>30</sup> EIGENHEER, Emílio M. Op Cit, 2009.

Emílio Maciel Eigenher em “*Lixo: a limpeza urbana através dos tempos*” tem o propósito de comunicar a um público não-especializado o desenvolvimento histórico da coleta de lixo. Ele revisita os principais marcos desse processo, com a aposta de que “as práticas de recolher e dar destino ao lixo e aos dejetos têm lugar de destaque em uma reflexão sobre os esforços civilizatórios da humanidade”. Utiliza, para esse fim, narrativas mitológicas, a Bíblia e a iconografia.

Na história cultural, Susan Strasser fez importante pesquisa sobre o aumento dos padrões de consumo desde o século XIX. Strasser em sua carreira acadêmica já havia pesquisado a história do trabalho doméstico e da formação do mercado de consumo em massa nos Estados Unidos durante o século passado. Adicionou ao currículo a publicação de *Waste and Want a social history of trash* ou em tradução livre *Desperdício e desejo: a história social do lixo* em que investigou a substituição da produção manufatureira pela fabril. O trabalho da produção saiu da concentração das casas e começou a ser feito nas fábricas. *Waste and Want* trata objetivamente dos efeitos da propaganda, consumo em massa, aumento da renda como fatores diretamente ligados à produção em massa de lixo.<sup>31</sup>

Em 1992, o professor de arqueologia William Rathje viu nos lixões ou aterros sanitários o melhor campo de pesquisa disponível. A inspiração veio de seu meio de trabalho, a arqueologia e os sítios arqueológicos. Por esta linha de pesquisa, o lixo é um tipo de documento histórico, parte do patrimônio e legado da civilização contemporânea.

Rathje desenvolveu o método de trabalho chamado de *Garbology* ou “lixologia”, em tradução livre, que consiste na busca de informações e processamento de dados sobre a sociedade contemporânea (padrões de consumo, monitoramento de hábitos, influência de propagandas nas decisões, a variedade de produtos comprados) através da avaliação e catalogação dos produtos descartados no lixo. Em resumo, investigar a cultura da sociedade contemporânea pela análise da composição do lixo.<sup>32</sup>

Nos últimos vinte anos cresceu o interesse pela reciclagem como parte da solução ao problema da produção de resíduos dentro da lógica dos chamados “três erres” (reduzir, reciclar, reutilizar) e como forma de refrear o impacto ambiental do lixo ao tirar de circulação objetos, materiais nocivos ao meio ambiente.

O interesse das pesquisas em reciclagem também está em atender à formação de um novo mercado. Parte das pesquisas se inclinam para a economia gerada pela Indústria da

---

<sup>31</sup> STRASSER, Susan. *Waste and want a social History of Trash*. Nova York: Owl Books, 2000.

<sup>32</sup> MURPHY, Cullen; RATHJE, William. *Rubbish! The Archaeology of Garbage*. New York: Harper Collins Publishers, 2001.



Reciclagem. Em primeiro lugar, como efeito direto existe a criação de novos empregos nas usinas de triagem de material reciclável que no geral exigem maior força de trabalho e pouca qualificação. Em segundo, o foco no investimento em tecnologia. Em terceiro, diminuir os custos econômicos para a indústria no reprocessamento e reaproveitamento do lixo. No quesito composição do lixo, o maior volume de material reciclado são os plásticos, madeiras, material orgânico.<sup>33</sup>

O trânsito internacional de resíduos também vem ganhando espaço. Com o crescimento da produção de resíduos, cidades ao redor do mundo e até mesmo países se tornaram dependentes e especializados em reciclar tipos específicos de lixo, como o lixo eletrônico. Componentes de celulares, computadores, câmeras chegam à periferia do mundo enviados principalmente dos Estados Unidos, Europa e China para África e restante da Ásia como resultado da flexibilização de leis ambientais no destino e dos efeitos da pobreza na população local em busca de trabalho, não importa as condições.

O lixo eletrônico é altamente tóxico (contém metais pesados como mercúrio, chumbo, cádmio, arsênio), inflamável e contaminante para pessoas e meio ambiente. Mesmo assim, adultos e crianças arriscam a saúde de forma artesanal nas “minas” como em Agbogbloshie em Gana, considerado um dos lugares mais poluídos do mundo. O objetivo é encontrar ouro, cobre, lítio em pilhas, baterias e outros dispositivos eletrônicos.<sup>34</sup> Na Índia, a cidade Jardim se transformou em lixão. Para não contaminar a fonte, o lixo embarca em navios e são levados cada vez mais longe.

Não menos importante, existe a luta jurídica da população afetada de forma mais direta pela poluição. Os conceitos de racismo ambiental e injustiça ambiental estão diretamente relacionados. Os termos começaram a ser usados nos Estados Unidos a partir da disputa jurídica contra empresas privadas e o Estado de populações minoritárias (hispano-americanos, afroamericanos).<sup>35</sup> Em conjunto, as populações lutavam contra a instalação de estruturas de destinação final de resíduos de classes perigosas nas intermediações de bairros residenciais.<sup>36</sup> De forma mais ampla, o conceito pode ser usado para outras lutas nos centros urbanos como o acesso a água potável, serviço sanitários adequados.

---

<sup>33</sup> ZIMRING, Carla Z. *Cash for your trash scrap recycling in America*. Nova Jérсия: Rutgers University Press, 2005.

<sup>34</sup> DORON, Assa; JEFREY, Robin. *Waste of a Nation Garbage and Growth in India*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018.

<sup>35</sup> CRONON, WILLIAM. *Toxic waste and race in United States A national report on the racial and socio-economic characteristics of Communities with Hazardous Waste Sites*. New York: United Church of Christ, 1987.

<sup>36</sup> PELLOW, David N. *Garbage Wars the struggle for Environmental Justice in Chicago*. Massachusetts: The MIT Press, 2002.

A escrita de trabalhos acadêmicos sobre o lixo é recente e as Universidades são os maiores locais de pesquisa e de produção intelectual sobre o tema no país. Existem poucas publicações editoriais fora do espaço acadêmico das revistas e de programas de pós-graduação. No Brasil, os textos são rastreados até meados da década de 1990 e a maioria se concentra na década passada.

No mapeamento bibliográfico, os assuntos mais relacionados têm ligação com as condições sanitárias do país (menos de 70% dos municípios tem acesso a serviços regulares de recolhimento de resíduos), a situação precária de operação dos lixões pelo país (poluição do ar, dos lençóis freáticos, acidentes de trabalho, degradação ambiental), a implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos de 2012 e a investigação sobre as condições de vida precárias dos trabalhadores formais ou informais chamados catadores de lixo. De forma a estruturar esta revisão bibliográfica selecionei os estudos com maior circulação.

O Rio de Janeiro é cidade muito citada neste corpo de trabalho, porque abrigou um dos maiores aterros sanitários da América Latina, o Aterro Sanitário de Jardim Gramacho em Duque de Caixas na Baixada Fluminense. A economia do lixo pela instalação do Aterro Sanitário gerava trabalho para cerca de 2000 trabalhadores no regime de cooperativa. O lixo também era usado para outras finalidades, como a alimentação direta ou indireta das famílias instaladas em favelas da região.

No Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Valéria Pereira Bastos investigou a instrumentalização da identidade de catadores de lixo do referido aterro.<sup>37</sup> Na mesma Universidade, no Departamento de Geografia, encontrei a dissertação de Giselle Machado com o título de *“Da Ilha de Sapucaia ao Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: a criação de territórios do lixo da cidade do Rio de Janeiro como expressão de segregação espacial.”*<sup>38</sup>

Giselle Machado entende a construção da área metropolitana do Rio de Janeiro de forma dialética estruturada na exclusão socioambiental dos territórios de disposição final de resíduos sólidos urbanos e dos trabalhadores desses locais. Desde o século XIX, os vazadouros e outros dispositivos terrestres usados como território de lixo como Aterro Sanitário controlado e lixões eram levados para área mais periféricas da cidade em contraste

---

<sup>37</sup> BASTOS, Valéria. Profissão: catador: um estudo do processo de construção da identidade. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

<sup>38</sup> MACHADO, Giselle Cardoso. Da Ilha de Sapucaia ao Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: a criação de territórios do lixo da cidade do Rio de Janeiro como expressão de segregação espacial. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

com benefícios de renovação urbana direcionados à porção central da capital carioca. Machado argumentou sobre como relações de poder social fundamentas pelo Estado e pelo capital tem expressão na produção e reprodução de territórios de exclusão social do século XIX ao século XX. A autora constrói um paralelo entre a Ilha de Sapucaia e o Aterro Sanitário de Jardim Gramacho nas dinâmicas sociais, econômicas e ambientais de sociedade e natureza. No entanto, Machado reconhece a dificuldade de acessar fontes sobre a Ilha de Sapucaia e na construção argumentativa da dissertação a Sapucaia é tratada como predecessora do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho como relação de causa e consequência de eventos históricos separados no tempo e no espaço.<sup>39</sup>

Ainda na PUC Rio, outro importante pesquisador no Brasil é o jornalista José Carlos Rodrigues. Em *Higiene e Ilusão*, Rodrigues discute em perspectiva histórica a formação da mentalidade e sensibilidade em torno da invenção do que é lixo. Além disso, discute a relação entre sujeira/poluição *versus* limpeza dentro de sistemas sociais. A relação entre limpo e sujo releva a posição social, sendo usada como marcação de distâncias entre as pessoas da mesma sociedade. O autor discute os aspectos simbólicos da limpeza e da sujeira. O caso mais famoso usado pelo autor é o da Índia, em que a tarefa da limpeza e remoção dos dejetos cabe aos extratos sociais mais baixos.<sup>40</sup>

Do outro lado da Baía, na cidade de Niterói desde a década de 1990 o filósofo e professor universitário da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Emilio Eigenheer desenvolve pesquisas sobre o lixo e é considerado figura de liderança dos estudos sobre o lixo no Brasil.

Eigenheer começou seus estudos a partir de questões operacionais ao introduzir a coleta seletiva no bairro onde morava em Niterói há cerca 35 anos. Desde a experiência, trabalhou em conjunto em oficinas de reciclagem, em acervos de peças encontradas no lixo, expôs os resultados de pesquisa em exposições e ganhou documentário sobre sua obra. Trafegando dentro e fora da academia, lançou “Lixo vanitas e morte”, em que discute noções mais idealísticas ligadas à simbologia e ao comportamento humano em face aos resíduos. Para Eigenheer, a morte e a angústia são os aspectos filosóficos e psicológicos no trato dos resíduos e são parte importante da estrutura intelectual ao longo do tempo: Com isso, já em tempos remotos, temos o início de uma dualidade que vai acompanhar o lixo e os dejetos: o

---

<sup>39</sup> *Idem.*

<sup>40</sup> REIS, José Carlos. *Higiene e Ilusão: o lixo como invento social*. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

necessário afastamento, e mesmo receio e rejeição, de um lado, e aceitação por sua utilidade, de outro.<sup>41</sup>

Depois lançou “Falas em Torno do Lixo” em que convidou antropólogos e jornalistas para integrar com artigos o livro.<sup>42</sup> Em sequência, publicou livro em que reconstitui em cronologia histórica “Lixo a limpeza urbana através dos tempos” voltado ao público geral.<sup>43</sup> É um trabalho cuja linha argumentativa se baseia em discutir como o lixo e a limpeza urbana eram tratadas desde a pré-história até a contemporaneidade. Contudo, não é um trabalho historiográfico, tampouco assume tal pretensão. Os marcos temporais foram usados com finalidade organizacional dentro do livro e com caráter mais factual e menos filosófico, diferente de outros lançamentos do autor. Nele, Eigenheer inclui em destaque a análise dos serviços de recolhimento do lixo no Rio de Janeiro como marco nacional pela quantidade de informações disponíveis e pelo pioneirismo da capital carioca, sem aprofundar uma problemática específica. O livro tem caráter mais expositivo e memorialístico.

Já a historiadora Rosana Miziara narrou a trajetória invisibilizadas no espaço urbano desde as ruas até a formação de espaços institucionais para o lixo.<sup>44</sup> Vale mencionar os casos da História Social e Cultural pelo estudo dos costumes e dos hábitos, da formação da ordem e imaginação de espaço da sociedade burguesa, na busca do ideário da cidade limpa, bela e organizada. Por fim, na Universidade Federal de Santa Catarina, Esther Zamboni conduz pesquisa de doutorado a respeito da coleta seletiva em Porto Alegre no Rio Grande do Sul a partir da História Ambiental. Estes autores constituem parte do cenário da proliferação de estudos sobre o lixo no Brasil.

Neste trabalho, tenho como objetivo investigar a história do Rio de Janeiro em uma perspectiva pouco abordada: a relação da cidade com o lixo do ponto de vista da história ambiental e da saúde. Os modos como a história ambiental vem abordando a história do lixo será tema do primeiro capítulo. Ela representa o principal ponto de partida para os questionamentos que orientaram meu interesse pelo tema e os questionamentos que orientam a narrativa. Como dito anteriormente, o engajamento em projeto de pesquisa sobre a história de iniciativas de reflorestamento na Zona Sul do Rio de Janeiro e a familiaridade com esse campo da historiografia foram cruciais para a atenção ao papel dos fatores biogeofísicos e

---

<sup>41</sup> EIGENHEER, Emilio. *Lixo, Vanitas e morte: considerações de um observador de resíduos*. Niterói: edUFF, 2003. Pg.17.

<sup>42</sup> EIGENHEER, Emilio. *Falas em torno do lixo*. São Paulo: Nova ISER Polis, 1992.

<sup>43</sup> EIGENHEER, Emílio M. *Op Cit*, 2009.

<sup>44</sup> MIZIARA, Rosana. *Nos Rastros dos Restos as Trajetórias do Lixo na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Educ Fapesp, 2001.

do metabolismo marcado por fluxos de matéria e energia na conformação histórica da cidade.

O Rio de Janeiro foi uma das primeiras cidades do mundo a contar com sistema de limpeza. Por quais vias seguiu este elemento visto como sujo, o feio e o desagradável? Quem eram os responsáveis pela tarefa da limpeza? Como a dinâmica de coleta, circulação e depósito do lixo se relacionaram com o desenvolvimento urbano da então capital federal e de que maneira eles integraram o metabolismo da cidade? Que efeitos na paisagem urbana decorreram de tal dinâmica?

O projeto original desta dissertação, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz em dezembro de 2019, e aprovado no concurso de seleção, consistia em investigar a modernização dos sistemas de limpeza urbana no Rio de Janeiro desde a criação da autarquia Superintendência de Limpeza Pública e particular em 1903 pelo prefeito Pereira Passos e a rede estabelecida entre o trabalho humano e não humano na tarefa da limpeza (os rios, a topografia, as praias). Baseava-se largamente na consulta a fontes documentais da Superintendência de Limpeza Pública e Particular, sob a guarda do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. No entanto, a chegada da pandemia de Covid-19 e sua extensão nesses dois anos comprometeram seriamente os objetivos originais da pesquisa, uma vez que inviabilizaram a visita a tais arquivos. Eles tiveram de ser revistos a partir de novas estratégias de pesquisa. A opção foi pelo privilégio a acervos digitais, principalmente a Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Por meio de buscas utilizando os descritores “limpeza pública”, “limpeza particular”, “Ilha de Sapucaia”, “lixo” é “lixeiro” foram recuperadas cerca de 1247 entradas entre o período de 1865 e 1940 nos acervos dos jornais *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio*, *O Paiz* e *Jornal do Brasil*.

Grande parte das colunas consultadas documenta as reclamações de cidadãos comuns sobre o lixo. As colunas “queixa e reclamações” de *O Paiz*, “queixas do povo” do *Jornal do Brasil* foram as de maior destaque com essas características.

Ainda na Hemeroteca Digital, pesquisei nos fundos sobre os Anais da Câmara, a documentação do Ministério do Império em referência a relações contratuais e a produção de relatórios pelos médicos da Junta Central de Higiene Publica. Consultei, também, o acervo de mapas do Arquivo Nacional uma vez que parte da pesquisa é referenciada através da dimensão física da cidade. De grande auxílio em tempos de pesquisa remota foi o fundo iconográfico do Acervo Augusto Malta mantido pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Por fim, o Código de Posturas de 1894 como compilação de legislação.

Esta pesquisa dialoga também com a historiografia que trata da cidade do Rio de Janeiro do ponto de vista ambiental e de saúde. A pesquisa de Jaime Larry Benchimol sobre a reforma urbana acontecida no Rio de Janeiro entre 1903 e 1906, a organização espacial carioca e a institucionalização da medicina social no Brasil foi um subsídio importante nesse sentido.<sup>45</sup>

A historiadora ambiental e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Lise Sedrez, com pesquisa sobre o papel central da Baía de Guanabara no metabolismo urbano carioca foi outro diálogo relevante na confecção deste trabalho. A Baía ocupou papel de defesa, divisão entre estados, diversão, pesca, navegabilidade e as águas como meio de diluição de parte da sujeira na construção da rede de esgoto da cidade com o início da operação da *The Rio de Janeiro City Improvements em 1865* e, mais tardiamente, a beleza da paisagem era tomada pelo lixo flutuante no século XX.<sup>46</sup> Mais recentemente, o tratamento histórico ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio de Janeiro no trabalho de Bruno Capilé representou outra pesquisa importante para este trabalho. Os rios eram parte do sistema circulatório da cidade. O médio e o baixo curso cumpriam papel de abastecimento das casas, irrigação das ruas, lavagem, foram aterrados pela expansão urbana, também acabaram angariados no sistema de limpeza urbana.<sup>47</sup>

Esta pesquisa está interessada em investigar por quais meios físicos e institucionais o Rio de Janeiro estava em busca das cloacas para depósito de lixo:

O lixo gerado, tido como algo indesejável, demanda descarte. Os restos aqui considerados estão vinculados ao seu contexto histórico; não há como dissociá-los dele. O que é passível de descarte atende ao que determinam as expectativas socioculturais das populações. E o que se determina como passível de descarte em determinado tempo, por determinada população, poderá ser aproveitado por uma população distinta, a partir de seu universo cultural. Existem diferentes modos de percepção cultural e gerenciamento de refugos. A ideia do que é sujo, impuro, inútil, fétido e, por vezes, velho, determinará aquilo a ser descartado.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical* a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

<sup>46</sup> SEDREZ, Lise. “The Bay of all beauties”: State and environmental in Guanabara Bay, Rio de Janeiro, Brazil, 1875-1975. Tese (Doutorado em História). Department of History - Stanford University. California, 2004.

<sup>47</sup> CAPILÉ, Bruno. Os muitos rios do Rio de Janeiro: transformações e interações entre dinâmicas sociais e sistemas fluviais na cidade do Rio de Janeiro (1850-1889). Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

<sup>48</sup> QUEIROZ, Umberto; MARAFON, Glauber. Os caminhos do lixo na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, pp. 37–53, jul/dez 2015. pg. 39.

Em primeiro lugar, entende-se a limpeza urbana como parte de ação no espaço em busca de restauração do estado de ruas, praias e demais endereços pela cidade do Rio de Janeiro feito por ação humana e não-humana, também como movimentação final do metabolismo urbano das impurezas para fora da cidade. O marco de criação e de fechamento da Ilha de Sapucaia (1865-1949) é um guia cronológico para entender as mudanças no padrão do metabolismo urbano e social do Rio de Janeiro. De início, a Ilha foi pensada como solução a parte dos problemas sanitários da cidade: o lixo, principalmente a matéria orgânica (estrume, restos de comida, de peixe, cadáveres de animais) espalhada pelos logradouros públicos da cidade. Contudo, nem todo o lixo chegava a Sapucaia e a cidade fazia uso de cloacas menores.

Portanto, entende-se a limpeza como tarefa institucional, tecnológica e como mobilizadora do relevo, hidrografia, atmosfera, animais e insetos constituintes do Rio de Janeiro, ou seja, da sionatureza urbana carioca. Havia constante presença da natureza durante o ciclo do lixo no Rio de Janeiro (seja como produtora de resíduos, agente de circulação, de dispersão). Dessa maneira, compartilho a perspectiva da cidade como meio ambiente urbano em que elementos da natureza e sociais são vistos de forma conjunta e indissociáveis.

Esta dissertação se estrutura em três capítulos. O primeiro deles, já mencionado, aborda como o lixo se enquadra como objeto de reflexão historiográfica na história ambiental, relacionando-o a problemáticas relativas a uma história ambiental do espaço urbano. Esclareço a partir desse diálogo com a historiografia alguns conceitos importantes para a narrativa.

No segundo capítulo, vou tratar do caso específico do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro foi uma das primeiras cidades do mundo a montar serviço de limpeza urbana muito em função da chegada da família real à cidade em 1808. Neste capítulo, incluí o caráter burocrático e técnico da limpeza urbana, isto é, a montagem do serviço, a administração pública, as empresas particulares responsáveis pela tarefa da limpeza e a produção de teorias de profissionais de saúde a respeito da limpeza urbana dando conformidade ideológica à limpeza. Procurei investigar como o lixo circulava pelos endereços da cidade em termos tecnológicos (trabalho braçal, carroças, caminhões). Analiso, também, as leis e as mudanças de comportamento da população mediante o cenário de desenvolvimento da higiene pública e menor tolerância com a sujeira. A limpeza urbana era usada, sobretudo, como recurso de estabelecimento da ordem urbana.

No terceiro capítulo, vou investigar a relação de descarga entre a cidade e a Ilha de Sapucaia no interior da Baía de Guanabara como depósito de lixo. Trato, também, de outras soluções ao problema do lixo enquanto a cidade usava a Sapucaia como principal destino dos resíduos, como o uso das praias e de outras partes do litoral, o lixo usado para aterramento de terrenos públicos e particulares. Procurei nos jornais informações sobre os residentes da Sapucaia e as condições de vida dos residentes da localidade.

O recorte temporal compreende o período entre 1865 e 1940. Em 1865, a criação do vazadouro de lixo na Ilha de Sapucaia era a solução técnica de saúde pública ao problema do lixo amontoado pelas ruas da cidade. Durante os anos de operação a Ilha crescia junto com a cidade até atingir a capacidade máxima de funcionamento e se transformar também em problema junto com o lixo jogado ali até 1949.



## CAPÍTULO 1 –UMA TRAJETÓRIA BIBLIOGRÁFICA ATÉ O LUGAR DO LIXO NA HISTÓRIA AMBIENTAL URBANA

Nunca se produziu tanto lixo quanto no atual estágio de desenvolvimento da humanidade e com sérias consequências à poluição do meio ambiente. O aumento da geração de lixo e o alerta principalmente de movimentos ambientalistas sobre o descontrole da disposição final de resíduos têm impacto direto na produção dos pensamentos sobre o lixo dentro da historiografia e das ciências humanas.

A coleção de publicações historiográficas sobre o lixo é recente e vem crescendo em ritmo acelerado nas últimas décadas. Na língua inglesa já é comum a referência ao conjunto de disciplinas engajadas na pesquisa sobre o lixo como “*discard studies*”, ou em tradução livre, “estudos sobre o descarte”. Os estudos do descarte são formados pelo interesse em comum de pesquisar o lixo na pluralidade de formas ao longo do tempo e espaço com debates teóricos em diferentes disciplinas e métodos de trabalho. Como consequência, é um campo interdisciplinar e reúne, nas ciências humanas, antropólogos, filósofos, cientistas sociais, geógrafos, arqueólogos e historiadores.<sup>49</sup>

O arqueólogo William Rathje, fundador da disciplina e prática de pesquisa “*garbology*” traduzida como “lixologia” tem um dos trabalhos mais conceituados no meio dos estudos do descarte. Rathje era professor de arqueologia na cidade de Tucson, no Estado do Arizona nos Estados Unidos na década de 1970, quando começou a tratar o aterro sanitário como campo de pesquisa sobre cultura material contemporânea. Com o auxílio de equipamentos desenvolvidos especialmente para escavar as montanhas de lixo – tendo em vista a exposição a material cortante, contaminado, gases inflamáveis e tóxicos – Rathje descobriu o percentual de comida jogada fora no lixo, taxas de consumo de álcool e outras informações sobre a composição de produtos consumidos pela população. O objetivo da pesquisa era usar o lixo como referencial de informações quantitativas e qualitativas sobre os residentes de Tucson junto a outros métodos de pesquisa, como censos e pesquisas de opiniões.<sup>50</sup>

Descobriu-se que a população tinha tendência a ocultar dados sensíveis como consumo de álcool e de preservativos quando perguntados em tipos de pesquisa realizadas

---

<sup>49</sup> MAUCH, Christof. *Out of sight out of mind*. Munique: RCC Perspectives Transformations in Environment and Society, 2016.

<sup>50</sup> MURPHY, Cullen; RATHJE, William. *Rubbish! The Archaeology of Garbage*. New York: Harper Collins Publishers, 2001.

de forma direta. A utilidade do método de Rathje era de acessar dados omitidos e transformar o lixo em fonte de pesquisa. O projeto se expandiu por outras cidades nos Estados Unidos e inspirou pesquisadores fora da arqueologia. Para além da coleta e geração de dados, outros resultados mostravam a extensão da degradação ambiental dos lixões ou Aterros Sanitários não controlados e padrões de consumo nacional.

A influência da teoria cunhada por Rathje pode ser medida até a escrita do livro mais recente de Martin Melosi, *Fresh Kills a History of Consuming and Discarding in New York City* ou “Fresh Kills a história de consumo e descarte em Nova Iorque”.

O conhecimento sobre o lixo é amplo. A partir do lixo, pesquisadores produzem trabalhos sobre a história do descarte e do reuso;<sup>51</sup> dos hábitos e do comportamento de consumo; do caráter simbólico dos resíduos;<sup>52</sup> dos restos enquanto parte da cultura material da sociedade contemporânea;<sup>53</sup> da mão-de-obra empregada nos serviços de coleta residual; da Grande Aceleração; dos movimentos de justiça e racismo ambiental;<sup>54</sup> e o lixo como problema sanitário no meio ambiente urbano e do metabolismo urbano.<sup>55</sup>

Portanto, é uma área de pesquisa com muitas questões a serem exploradas e debatidas, fundamentado em trabalhos recentes e a produção desta pesquisa nasce em meio ao cenário efervescente das humanidades ambientais. Busquei na história ambiental urbana o aporte teórico para investigar a relação entre a sociedade, a ecologia e o lixo no ambiente urbano.

Neste primeiro capítulo, tenho como objetivo discutir o estado da arte da historiografia sobre o lixo no quadro internacional e dentro das fronteiras brasileiras. Existe pouca repercussão do grupo de autores pensando o lixo dentro da história ambiental no Brasil. As publicações estritamente historiográficas sobre o lixo são, em maior volume, assinadas por autores anglófonos.

O lixo foi um dos primeiros temas de pesquisa. Chamava atenção dos historiadores por aparecer com frequência a partir do século XIX. No início dos anos 2000, voltou com mais força em função do ambiente impulsionado pelo movimento ambientalista e pela maior gravidade do problema.

---

<sup>51</sup> STRASSER, Susan. *Waste and Want a Social History of Trash*. Nova York: Owl Books, 2000.

<sup>52</sup> SCANLON, John. *On Garbage*. Londres: Reaktion Books, 2005.

<sup>53</sup> THOMPSON, Michael. *Rubbish Theory: The Creation and Destruction of Value*. UK: Pluto Press, 2017.

<sup>54</sup> PELLOW, David N. *Garbage Wars the struggle for Environmental Justice in Chicago*. Massachusetts: The MIT Press, 2002.

<sup>55</sup> MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities: Refuse and Reform and the Environmental*. University of Pittsburgh Press: Pittsburgh, PA, 2005.

Na revisão dessa literatura, dei preferência a livros já publicados de historiadores ambientais, mas citarei outras áreas do conhecimento na medida em que for relevante para a construção argumentativa da dissertação.

### **1.1 Os caminhos pela História Ambiental**

A história ambiental é subárea historiográfica recente, formada a partir da emergência política e cultural dos "ambientalistas complexos e multisetoriais" e à medida em que cresciam debates globais a respeito da crise climática por volta da década de 1970. Outra razão é creditada a mudanças epistemológicas dentro da ciência histórica pela fundação da Escola dos Annales nos anos de 1930 e transformações sobre a noção de natureza no pensamento humano desde a Modernidade.<sup>56</sup>

Os créditos à primeira disciplina universitária com denominação de "História Ambiental" aconteceram na Universidade de Santa Barbara na Califórnia em 1972, ministrada pelo professor Roderick Nash. Logo em seguida, cinco anos depois, foi fundada a *American Society for Environmental History* em 1977 nos Estados Unidos. Pouco mais de vinte anos depois, ocorreu no continente europeu a formação de sociedade similar, a *European Society for Environmental History* em 1999.

Para o historiador ambiental estadunidense Donald Worster, a história ambiental chegou como contraposição a narrativas tradicionais na historiografia, "como parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido".<sup>57</sup> A história ambiental é um método analítico teórico de não excluir a participação de elementos naturais e não humanos da "ciência dos homens ao longo do tempo".<sup>58</sup>

José Augusta Pádua pontua, no entanto, a existência de produções historiográficas que vão de encontro ao "enfoque flutuante na historiografia", isto é, a falta de integração de elementos da paisagem, do lugar, biofísicos de modo geral na narrativa anteriores a época de surgimento da História Ambiental. O mais clássico *O mediterrâneo e o Mundo*

---

<sup>56</sup> PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.24, n. 68, p. 81-101, 2010.

<sup>57</sup> WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, 1991.

<sup>58</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história*, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

*Mediterrâneo na Época de Felipe II* de Fernand Braudel publicado em 1949.<sup>59</sup> No Brasil, *Nordeste*<sup>60</sup> de Gilberto Freyre e *Caminhos e Fronteiras*<sup>61</sup> de Sérgio Buarque de Holanda.

A história ambiental tem a natureza como seu objeto de estudo, propondo reflexões sobre a presença da natureza na vida humana e como ambos se transformam e interagem. O meio biofísico como categoria de análise historiográfica abre um leque de possibilidades e diálogos com outros campos do conhecimento integrando novas fontes e abordagens na confecção das narrativas históricas.

A ideia e a produção de pensamento sobre natureza não são novidades contemporâneas, pelo contrário, ocuparam categorias centrais no pensamento humano desde a Antiguidade. Existem diferenças importantes a serem demarcadas a partir da interferência dos movimentos ambientalistas e a percepção dos impactos de ações humanas no planeta (aumento da temperatura, degradação de ecossistemas, crises ambientais).<sup>62</sup>

O professor José Augusto Pádua listou três importantes diferenças da produção de pensamento sobre a natureza desde meados da década de 1960/1970 quando surgiu o “movimento ambientalista multisetorial”:

1) a ideia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação; 2) a revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e 3) a visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo.<sup>63</sup>

De um lado havia a força exercida pelos debates públicos, de outras epistemologias próprias da ciência histórica. Até mesmo a Escola dos Annales lançou uma edição temática sobre História e Meio Ambiente com a coordenação de *Emmanuel Le Roy Ladurie* em 1974.<sup>64</sup> A conjuntura de formação da história ambiental faz concordância a formulação de que historiadores não estão isolados de seu tempo, constantemente citados por historiadores como Fernand Braudel e que olham para o passado a partir de referenciais sociais, políticos e culturais da coetaneidade.

Worster ao dar forma ao novo campo de estudo, concebeu três níveis de pesquisa para a História Ambiental. O primeiro era o entendimento e leitura da natureza em seus

<sup>59</sup> BRAUDEL, Fernand. *Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II*. São Paulo: Edusp, 2016.

<sup>60</sup> FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 7ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2004.

<sup>61</sup> HOLANDA, Sérgio B. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

<sup>62</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

<sup>63</sup> PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.24, n. 68, p. 81-101, 2010. pg. 83.

<sup>64</sup> *Idem*.

próprios termos (a sazonalidade do clima, das estações, os períodos de chuva, de estiagem). O segundo era socioeconômico, isto é, como o trabalho humano transformava os elementos presentes no meio físico em recursos para manutenção da vida. Por fim, entram as percepções da sociedade a respeito da natureza, dos sistemas cognitivos, da representação, da cultura e do imaginário.<sup>65</sup>

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que os humanos são uma espécie distinta e "supernatural", de que as consequências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas.<sup>66</sup>

Mais tarde, em debates epistemológicos da disciplina foram questionados o alcance teórico dos três níveis propostos por Worster. Os embates ocorrem, sobretudo, na década de 1990, quando a pesquisa sobre história urbana dentro da história ambiental já se encontrava em estágio mais conceitualizado e consciente de si. William Cronon conceitualiza os três níveis de Worster como “excessivamente materialista” e limitante na visão histórica sobre a natureza, em continuidade criticou o desaparecimento do Estado como agente de intervenções e das relações de poder implicadas no processo.<sup>67</sup>

Em outro momento, Joel Tarr e Martin Melosi criticaram a falta de espaço para as cidades na perspectiva de Donald Worster sobre história ambiental no artigo “*Transformations of the earth toward an agroecological perspective in history*” (transformações na terra em busca da perspectiva agroecológica na história) na revista *Journal of American History* em 1993. Melosi criticou o fato de Worster ter incluído em sua análise a agricultura e outros temas agropastoris - a chamada “perspectiva agroecológica” - como parte da história ambiental enquanto excluía a cidade do seu horizonte de análise porque mesmo se tratando de espaços rurais havia claramente intervenções humanas no processo.<sup>68</sup> Na leitura dos autores, a história ambiental continuava a delimitar fronteiras entre o mundo natural e o “ambiente construído”.<sup>69</sup>

---

<sup>65</sup> WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, 1991.

<sup>66</sup> *Idem*. pg. 199.

<sup>67</sup> SIMONINI, Yuri; FERREIRA, Angela Lúcia. A dimensão urbana da natureza: considerações sobre a história ambiental. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 30 de agosto de 2013, Vol. XVIII, nº 1039. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1039.htm>>. [ISSN 1138-9796].

<sup>68</sup> MELOSI, Martin V. The place of the city in environmental history. *Environmental History Review*, Vol. 17, N.1. 1993, pp. 1-23.

<sup>69</sup> MELOSI, Martin V. Humans, Cities, and Nature: How do cities fit in the Material World? *Journal of Urban History*. Vol. 36. N. 1. 2010. p 3-21. Houston. University of Texas.

Os temas mais clássicos da história ambiental concentravam-se nos esforços de preservação e conservação do meio ambiente (movimento conservacionista, florestas, criação de parques naturais) e na relação entre homem e natureza nos meios agropastoris.<sup>70</sup>

José Augusto Pádua afirma a participação das “vozes da rua”, ou seja, do exercício de escuta de movimentos sociais, culturais e políticos fora do círculo acadêmico na construção das bases teóricas da história ambiental.<sup>71</sup> Nesse, tal processo ocorreu até mesmo de forma literal, tendo em vista a ocupação das ruas e de outros espaços em protesto à crise ambiental.

Faz-se importante, a princípio, situar a conjuntura de desenvolvimento das pesquisas neste tema.

No tocante às decisões políticas com impacto coletivo desde a década de 1970, líderes mundiais começaram a se reunir para discutir as causas das mudanças climáticas e formas de reverter o processo em andamento. No século XX, foram duas de maior importância. A primeira reunião de chefes de Estado para discutir a degradação do meio ambiente foi a Conferência da ONU sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano em 1972, em Estocolmo, na Suécia, cuja proposta foi o refreamento das ações humanas sobre o planeta. Vinte anos depois da Conferência de Estocolmo, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (ECO-92), no Rio de Janeiro, impulsionou o debate em torno do conceito de “desenvolvimento sustentável” e voltou os olhares para as novas possibilidades de futuro para as cidades.<sup>72</sup>

Ainda que o lixo não figurasse entre os problemas mais graves a serem discutidos durante a conferência, outros acordos colaterais e o aumento da produção de lixo na virada para o século XX aumentaram as preocupações globais com o tema. A própria ideia de desenvolvimento sustentável discutida durante a Eco 92 viabilizou a inclusão de mudanças no padrão de consumo como parte dos compromissos a serem perseguidos para reverter os efeitos catastróficos da ação humana sobre o planeta.

No meio tempo entre Estocolmo e a Rio 92, houve importante acordo para conter o avanço do despejo de lixo de maneira descontrolada em 1989 na *Convenção de Basileia sobre controle de movimentos transfronteiriços de resíduos perigosos e seu depósito*. Dentre

---

<sup>70</sup> CRONON, William. The Uses of Environmental History. *Environmental History Review*, Vol. 17, No. 3 (Autumn, 1993), pp. 1-22. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3984602?seq=1&cid=pdf>.

<sup>71</sup> PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.24, n. 68, p. 81-101, 2010.

<sup>72</sup> MOLANO CAMARGO, Frank. La historia Ambiental urbana: contexto de surgimiento y contribuciones para el análisis histórico de la ciudad. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*. Universidad Nacional de Colombia. Vol, 43, N. °1, jan-junho 2016, p. 375-402.

outras medidas, a convenção condena o transporte de resíduos sem autorização prévia do Estado de destino para impedir que lixo tóxico e outras classes perigosas trafeguem para países com leis ambientais mais flexíveis causando danos ao meio ambiente e à população de Estados mais pobres.

Em 2015, a Organização das Nações Unidas incluiu os três erres (redução, reutilização e reciclagem) como parte dos 17 objetivos da Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável com metas e ações a serem alcançadas até o ano de 2030.<sup>73</sup> A ONU também chama atenção do mundo ao problema dos lixões. Cerca de 70% das cidades latino-americanas e caribenhas destinam os resíduos nestes tipos de aterro inadequado.<sup>74</sup>

A meta de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) é eliminar até o ano de 2030 os aterros sanitários na América Latina. O documento foi assinado a partir da reunião do Fórum de Ministros do Meio Ambiente da América Latina e do Caribe de 2018.<sup>75</sup>

O aterro é mais barato e rápido de ser construído. No entanto, nem todos operam de forma adequada. A grande maioria dos aterros na verdade são lixões a céu aberto onde o lixo se encontra virado junto a camada de terra sujeito à ação da chuva, erosão do solo, e contribuem para a contaminação de rios e lençóis freáticos principalmente com chorume.

Estamos assistindo neste momento a inclusão do lixo nos debates sobre desenvolvimento sustentável, consumo consciente, o fomento da chamada “política dos três erres” (reutilizar, reduzir e reciclar) e a poluição de diferentes ecossistemas terrestres pelos rejeitos. Não à toa, é constante a menção dos acadêmicos de estudos do descarte a inspiração em seus trabalhos pela observação dos problemas ambientais globais contemporâneos (poluição, efeito estufa, aumento da temperatura, perda de biodiversidade), ou presentes em suas comunidades de origem: os lixões, os trabalhadores do lixo, a falta de acesso a recolhimento (colocar algumas referências dessas menções).

Todo o conhecimento impactou diretamente na produção acadêmica não só na história. O surgimento da sociologia ambiental, direito ambiental, antropologia ambiental está diluído no mesmo caldo cultural de conscientização sobre os problemas ecológicos, sua

---

<sup>73</sup> Disponível em: <https://movimentolixocidadao.com.br/conheca-os-objetivos-sustentaveis-mundiais-para-gestao-dos-residuossolidos/#:~:text=At%C3%A9%202030%2C%20reduzir%20substancialmente%20a,5>.

<sup>74</sup> Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/134328-pnuma-apresenta-roteiro-para-fechamento-progressivo-de-lixoes-na-america-latina-e-caribe>

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.unep.org/es/events/evento-de-onu-medio-ambiente/xxi-reunion-del-foro-de-ministros-de-medio-ambiente-de-america>

expressão na esfera pública e o intenso ativismo político que magnetizou no mundo todo a partir dos anos 1960, mas sobretudo nos anos 1970.

Em terreno latino-americano e Caribenho existe desde 2004 a *Sociedade Latinoamericana e Caribenha de História Ambiental* (SOLCHA). A cada dois anos, a SOLCHA organiza simpósios como forma de reunir historiadores ambientais de todo o continente. Desde 2010 a Sociedade também mantém a revista *História Ambiental Latinoamericana e Caribeña* (HALAC).

## 1.2. História Ambiental Urbana

A História Ambiental Urbana vem ganhando espaço como área de pesquisa desde a década de 1970 e os caminhos do lixo dentro da história ambiental começaram com a fundação da disciplina durante a década de 1970, nos Estados Unidos.

É difícil encontrar uma definição canônica para essa área de pesquisa. De início, a disciplina se constituía à sombra de múltiplas influências: da história urbana, da saúde, da tecnologia, da infraestrutura e história da arquitetura, para citar algumas. No conceito de Joel Tarr, a história ambiental urbana era o “subcampo formado pela união da história urbana e ambiental.”<sup>76</sup>

A publicação de artigos e livros sobre a infraestrutura da cidade industrial, a construção de sistemas sanitários (esgoto e recolhimento de lixo), a poluição (do ar, dos rios, físico-química), abastecimento de água, tecnologia de transporte e circulação de energia nas grandes cidades estadunidenses configuraram o espaço urbano como campo individualizado na história ambiental.<sup>77</sup>

No período inicial de atuação, por volta de 1980, avultava o trabalho de historiadores formados em outras áreas de pesquisa que gradualmente migraram para a História Ambiental conforme crescia os meios de discussão e de institucionalização dessa disciplina. Depois, por volta dos anos de 1990, o grupo de autores com maior interesse de pesquisa sobre o chamado “ambiente construído”, ou seja, em investigar os efeitos da estrutura física da

---

<sup>76</sup> TARR, Joel. *Urban Environmental History. The Turning Points of Environmental History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010. pg. 72-89.

<sup>77</sup> MELOSI, Martin V. Humans, Cities, and Nature: How do Cities Fit in the Material Worlds? *Journal of Urban History*. N.36. 2010, p. 3-21.



cidade sobre o meio ambiente, fundaram outro meio de discussão: a história ambiental urbana.<sup>78</sup>

Os nomes de Martin Melosi e Joel Tarr emergiram no cenário inicial das pesquisas durante a década de 1970 e 1980, também escreveram bibliografia de destaque para a linha de pesquisa de saúde e meio ambiente. Os dois autores migraram para a história ambiental depois de treinamento e formação em outras áreas. Além de promoverem algumas das bases teóricas para a disciplina da história ambiental, Melosi e Tarr acrescentaram a perspectiva urbana entendendo a tecnologia e infraestrutura construída como fatores determinantes da relação entre as cidades e o meio ambiente. A análise da carreira dos dois autores e colaboradores elucida parte do desenvolvimento do subcampo.<sup>79</sup>

A grande área de interesse de pesquisa de Tarr é a história ambiental das cidades, a história da tecnologia e o impacto da construção de sistemas tecnológicos para o meio ambiente, também o meio urbano e seus habitantes. Em linhas gerais, as publicações de maior destaque foram sobre as mudanças nos meios de transporte (o uso de cavalos como força motriz, a substituição pelo motor de combustão, a poluição gerada)<sup>80</sup>, o uso da energia elétrica e a provisão de recursos energéticos a cidade,<sup>81</sup> a medição do impacto da poluição industrial na cidade de Pittsburgh e sobre os meios de descarga dos produtos industriais do metabolismo urbano no ambiente.

Já Martin Melosi investiu na pesquisa da montagem e provisão de serviços sanitários urbanos e dos avanços tecnológicos na captação e tratamento de água, esgoto, transporte, recolhimento e disposição final de resíduos sólidos urbanos. Este último tópico de interesse destaca para a construção teórica desta pesquisa. Melosi chegou a ser apelidado de “historiador do lixo” pela quantidade de livros sobre o assunto.

Na década de 1980, publicou *Garbage in the cities: Refuse and Reform and the Environment* (*Lixo na cidade refugos e reforma e o ambiente*) que ganhou nova edição em 2005.<sup>82</sup> O premiado *The Sanitary City: Urban Infrastructure in America from Colonial Times to the Present* (*Cidade sanitária: infraestrutura na América dos tempos coloniais ao*

---

<sup>78</sup> SCHOTT, Dieter. Urban Environmental history: what lessons are there to be learnt? Boreal Environment Research. Helsinki. Dezembro de 2004.

<sup>79</sup> TARR, Joel. Urban Environmental History. *The Turning Points of Environmental History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010. pg. 72-89.

<sup>80</sup> TARR, Joel A; MCSHANE, Clay. *The Horse in the City: Living Machines in the Nineteenth Century* (Animals, History, Culture). Maryland: Johns Hopkins University Press, 2011.

<sup>81</sup> TARR, Joel A; DUPUY, Gabriel. *Technology and the Rise of the Networked City in Europe and America* (Technology and Urban Growth Series). Philadelphia: Temple University Press, 1988.

<sup>82</sup> MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities: Refuse and Reform and the Environmental*. University of Pittsburgh Press: Pittsburgh, PA, 2005.

presente) também aborda a questão do lixo na infraestrutura urbana.<sup>83</sup> Recentemente publicou *Fresh Kills a History of consuming and discarding in New York City (Fresh Kills história de consumo e descarte em Nova York)*.<sup>84</sup>

O diálogo entre Melosi e Tar foi intensificado durante a década de 1990. Durante este período, cresceu o número de publicações sobre o meio ambiente construído, como a cidade é comumente citada, na história ambiental. Fato reconhecido pelos dois autores foi a ênfase de trabalhos de história ambiental na agropecuária, conservacionismo e paisagens inóspitas. Ambos concordavam que a história ambiental se afastou do meio urbano como área de pesquisa.

Em diálogo através de artigos, os autores propõem reflexões que pavimentaram o caminho para individualização da história ambiental urbana no âmbito mais amplo da história ambiental.

Tarr define a história urbana como “subárea entre a História Urbana e a História Ambiental” e em conceito mais amplo:<sup>85</sup>

principalmente a história de como estruturas construídas pelos homens ou estruturas antropogênicas (ambiente construído) e tecnologias modelaram e alteraram a constituição natural do sítio urbano com consequentes ciclos de retroalimentação para a cidade e sua população.<sup>86</sup>

Em diálogo, Martin Melosi responde:

Eu prefiro definição pouco mais abrangente em que os componentes físicos e os recursos presentes no sítio urbano (e nas regiões) influenciam e são moldados por forças naturais, crescimento, mudanças espaciais e desenvolvimento, e a ação humana. Portanto, a área combina o estudo da história natural da cidade com a história da construção da cidade e as intersecções entre ambos.<sup>87</sup>

Em torno de 1990, o campo ganhou mais fôlego, credibilidade e visibilidade após uma série de livros, dos quais o mais importante foi *Nature's Metropolis Chicago and the Great West* de William Cronon lançado em 1991.<sup>88</sup>

---

<sup>83</sup> MELOSI, Martin V. *The Sanitary City: environmental services in urban america from colonial times to the present*. Abridged edition. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2008.

<sup>84</sup> MELOSI, Martin V. *Fresh Kills A History of Consuming and Discarding in New York City*. New York: Columbia University Press, 2020.

<sup>85</sup> TARR, Joel. *Urban Environmental History. The Turning Points of Environmental History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010. pg. 72-89.

<sup>86</sup> MELOSI, Martin. The place of the city in environmental history. *Environmental History Review*, Vol. 17, N.1. 1993, pp. 1-23.

<sup>87</sup> *Idem*.

<sup>88</sup> CRONON, William. *Nature's Metropolis: Chicago and the Great West*. 1st ed. New York: W. W. Norton, 1991.

A construção argumentativa do livro tem como base a história ambiental e econômica da cidade de Chicago integrada ao meio Oeste estadunidense. A capital do estado de Illinois era um dos grandes centros econômicos da porção central do país desde o século XIX. O título do livro já anuncia um dos principais argumentos: Cronon não busca entender o crescimento de Chicago isolado da materialidade, nem a exploração do meio Oeste como a expansão da fronteira civilizatória dos Estados Unidos, mas a história em comum dos dois lugares.<sup>89</sup>

Em questão de localização, situada às margens do Lago Michigan, Chicago cumpria a função de centralizar os meios de transporte em passagem pelo Meio Oeste como as linhas ferroviárias, estradas de automóveis e barcos no transporte fluvial.

Chicago, tornou-se, então, um grande centro de negociação e entreposto comercial na região do Oeste americano, especialmente de *commodities*, produzidas ou extraídas das regiões próximas. No lado Norte, extraía-se madeira. No Sul e Leste, plantações de milho e criação de suínos. Já no lado Oeste, a produção de trigo e de milho. A bolsa de valores se tornou uma praça do mercado na negociação de bens extraídos ou produzidos a quilômetros de Chicago.

Chicago não existia sem o meio Oeste. Conectada a toda a dinâmica da hinterlândia, a cidade era dependente de outros lugares imediatos ou mais distantes para manter o abastecimento: os combustíveis, a comida, a energia, a mão de obra, todo o trabalho de alimentar e manter a cidade viva. O fluxo de materiais entrava e saía diariamente, nem sempre da mesma forma. Chicago e outras cidades cumpriam funções de centralizar os fluxos de matéria, reter por tempo necessários ao desempenho das atividades industriais e de todos os moradores, e devolver ao ambiente como parte do “metabolismo urbano” desses lugares.

Com bases marxistas, Cronon explorou as mudanças ambientais e econômicas que fizeram Chicago surgir na paisagem do meio Oeste americano. *Nature 's Metropolis* acrescentou a discussão de cidades como parte constituinte do meio ambiente. Cronon superou a perspectiva dualista de cidade e natureza e trouxe à luz trabalho onde os dois lugares são conectados pelo emaranhado de relações econômicas, laborais e sociais.

Além da esfera acadêmica, a história ambiental urbana ganhou fôlego diante de processos intensos de urbanização em escala planetária, especialmente nos chamados países

---

<sup>89</sup> CRONON, William. *Nature's Metropolis: Chicago and the Great West*. 1st ed. New York: W. W. Norton, 1991.

subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Em 2008, o número de pessoas morando em cidades ultrapassou o contingente da população rural.<sup>90</sup> Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) 55% da população total do Planeta vive em áreas urbanizadas.<sup>91</sup>

Em linhas gerais, a reflexão da história ambiental urbana é sobre o lugar ocupado pela cidade no mundo biofísico. Em primeiro lugar, ela investiga o impacto da fundação e crescimento das cidades sobre/no meio ambiente em cada estágio de desenvolvimento e tamanho da pegada urbana (cidade, metrópole, megacidade, megalópole). Em segundo lugar, a análise dos efeitos da estrutura física da cidade (ruas, prédios) e das atividades humanas para/no meio ambiente. O terceiro ponto, investiga os impactos do meio ambiente para as atividades urbanas. O quarto tópico aborda os fenômenos ambientais característicos da urbanidade. Em quinto lugar, a zona de influência física ou de poder das cidades como as relações mantidas com áreas rurais e interiores. Por fim e mais recente, o papel da raça, classe e gênero nos conflitos urbanos, em especial nos assuntos da justiça ambiental.<sup>92</sup>

Na publicação de artigos e de livros como fases de pesquisa substancial, o grupo de historiadores apresentou a perspectiva sobre a cidade do ponto de vista da História Ambiental. Se originalmente a história ambiental urbana individualizou-se como campo de pesquisa no ecossistema acadêmico estadunidense, a partir dos anos 1990 observa-se seu desenvolvimento em outros espaços.

Vista inicialmente com ceticismo, a incorporação das cidades à pesquisa em História Ambiental hoje representa um flanco bastante dinâmico e importante dessa subdisciplina

O primeiro livro lançado com a intenção de tratar do lixo do ponto de vista da história ambiental foi *Garbage in the Cities: Refuse and Reform and the Environmental*, de Martin Melosi, com a publicação de 1981. Em 2005, o livro ganhou nova edição à luz de novas problemáticas com o crescimento do interesse de historiadores e da cultura de maneira geral sobre o lixo.<sup>93</sup>

Com recorte cronológico de 1880 e 1920, o principal objetivo de Melosi foi o de investigar como os cidadãos médios urbanos nos Estados Unidos foram confrontados com o problema das pilhas de lixo crescente nas cidades (nas ruas, espaços públicos de convivência) sem possibilidade de ignorar os efeitos do mau cheiro e do incômodo. O

---

<sup>90</sup> Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/cidades-e-comunidades-sustentaveis/>

<sup>91</sup> Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>

<sup>92</sup> SCHOTT, Dieter. Urban Environmental history: what lessons are there to be learnt? Boreal Environment Research. Helsinki. Dezembro 2004.

<sup>93</sup> MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities: Refuse and Reform and the Environmental*. University of Pittsburg Press: Pittsburg PA, 2005.

cenário: bueiros entupidos, pilhas de lixo queimados, montes de esterco pelas ruas, casas sujas. Melosi investigou o papel do Estado, de instituições formadas por engenheiros e médicos como agentes de produção de conhecimentos técnicos e ao enfrentamento do problema de saúde pública.<sup>94</sup>

No primeiro momento, Melosi explorou a reação dos administradores urbanos (governadores, prefeitos) perante a crise sanitária provocada pelo lixo nas ruas. A cidade passou por um período de transição entre a obsolescência de antigos métodos de administração dos rejeitos indesejados (estrume, cinzas, restos de comida, cadáveres de animais) e de adaptação de tecnologias capazes de absorver os montantes de sujeira.

Melosi torna a cidade de Nova York parte de seu estudo de caso. Os habitantes de Nova York lidavam com o lixo na combinação do uso de três elementos: as águas, a terra e o fogo. Parte do lixo atravessava a cidade e acabava em balsas em direção ao Oceano Atlântico. A cidade criou em terra o “Vale das Cinzas”, local de despejo de resíduos industriais e de queima de outra parcela de lixo. Havia pouco espaço físico ao aterro em larga escala, porém era comum cavar buracos no terreno das casas para jogar os resíduos domésticos.

Justamente a partir desta instabilidade dos antigos sistemas sanitários, nasceram novas ideias sobre o que fazer com o lixo. Nesta teia envolveram-se profissionais de saúde e da engenharia como corpo técnico. O Estado figurou como amortecedor dos conflitos entre a decisão executiva dos administradores urbanos e o uso das forças policiais. Por fim, houve o trabalho de convencimento e angariação da população comum. O ápice de todo o movimento se deu na criação da engenharia ambiental no início do século XX. Em resumo, Melosi centralizou a pesquisa em novas demandas da cidade em plena Revolução Industrial.<sup>95</sup>

No entanto, o livro aborda pouco a interação com os agentes não humanos envolvidos na relação com o lixo como os ratos, baratas e outros meios de recebimento de absorção dos resíduos sólidos, como hortas, suinocultura e a reciclagem.

Na mesma linha de pesquisa, Melosi lançou em 2005, *The Sanitary City: Urban Infrastructure in America from Colonial Times to the Present*. (*A cidade sanitária infraestrutura urbana na América dos tempos coloniais ao presente*).

---

<sup>94</sup> MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities*. Op Cit.

<sup>95</sup> MELOSI, Martin V. *G. Garbage in the Cities*. Op Cit.

Na publicação, o autor examina os serviços sanitários de caráter diário e contínuo. Em grande medida, os sistemas de esgoto, de captação de água e de energia fazem parte da cidade invisível que se estrutura por baixo do solo por meio de cabos e tubulações. O livro se distribui ao longo de três partes. A primeira a “era dos miasmas”, o segundo “A revolução bacteriana” e por último, o mundo pós-Segunda Guerra Mundial em que crescia a “nova ecologia”.<sup>96</sup>

Mais recente, no ano de 2020, Melosi lançou *Fresh Kills: a history of consuming and discarding in New York City*. O título faz menção ao aterro sanitário desativado de Nova York, *Fresh Kills*. O lugar era a síntese entre a “cidade que nunca dorme” e o símbolo material de uma das metrópoles mais populosas do mundo: a pilha de lixo chegava a 60 metros de altura. *Fresh Kills* impressionou o autor, em primeiro lugar, pela magnitude da estrutura de funcionamento; era propriamente “a cidade dentro da cidade”, isto é, cerca de três vezes maior que o famoso *Central Park* em Manhattan.<sup>97</sup>

O longo debate prévio ao fechamento de *Fresh Kills* ocorreu tanto na esfera ambiental quanto no endurecimento de legislações de descarte de lixo nos Estados Unidos. No final, como reestruturar o território depois do fechamento do Aterro Sanitário. Por cima de todo o lixo foi construído um parque verde.<sup>98</sup>

*Fresh Kills* chegou a ser mencionado por outros autores. Na passagem seguinte, é possível vislumbrar visualmente o estado:

Fiquei parada na entrada do aterro, absolutamente perplexa. Em todas as direções, até onde minha vista alcançava, havia sofás destruídos, aparelhos, caixas de papelão, roupas, sacos plásticos, livros e toneladas de Coisas e mais Coisas. Quando o aterro foi fechado oficialmente, em 2001, alguns diziam que aquela montanha fedorenta era a maior estrutura feita pelo homem, com um volume maior que a Muralha da China e picos de 24 metros mais altos que a Estátua da Liberdade.<sup>99</sup>

Melosi faz análise extensiva de artigos de jornais, periódicos médicos, a legislação do período, iconografia, o uso da polícia. No entanto, pouco cita os não-humanos (ratos, baratas, urubus) ou o contingente de mão-de-obra envolvida no processamento do lixo nas cidades.

---

<sup>96</sup> MELOSI, Martin V. *The Sanitary City: environmental services in urban america from colonial times to the present*. Abridged edition. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2008.

<sup>97</sup> MELOSI, Martin V. *Fresh Kills A History of Consuming and Discarding in New York City*. New York: Columbia University Press, 2020.

<sup>98</sup> *Idem*.

<sup>99</sup> LEONARD, Annie. *A história das coisas da natureza ao lixo o que acontece com tudo o que consumimos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

Martin Melosi formou e continua a formar toda uma geração dentro da linha de pesquisa sobre o metabolismo urbano da cidade industrial e serviços sanitários.

Outro grande autor que tem contribuído para o desenvolvimento da pesquisa da história do lixo na perspectiva ambiental é Joel Tarr. Tarr já era autor de livros sobre a história dos meios de transporte e do papel da tecnologia na construção das cidades no período da publicação de *The Search of the ultimate sink*, livro no qual sistematiza ideias lançadas previamente sobre poluição em perspectiva histórica.<sup>100</sup>

Em *The Search of the ultimate sink*, Tarr investiga os meios físicos de circulação da poluição, seja por ar, pela água ou pela terra. O autor chama de “última cloaca” o ponto de descarga final dos produtos físico-químicos do metabolismo urbano no meio ambiente, o qual tem por objetivo diluir a circulação da fumaça, do esgoto e do lixo. O trabalho se estende aos efeitos sobre a saúde pública, a busca por níveis adequados de poluição para o meio ambiente e pessoas, e o controle ambiental, também tratando da contaminação do meio ambiente. Também aborda a busca por soluções aos problemas criados.<sup>101</sup>

Segundo Tarr, toda a manutenção do organismo urbano, ou tudo aquilo produzido pela vida humana – independente da origem orgânica ou sintética – entrava pelas obras de captação de água nas tubulações, de energia nas estações e fios a quilômetros de distância, pelas estradas de rodagem, trens etc. por meios visíveis e invisíveis. A estrutura do corpo ou os sistemas de circulação encontravam em estruturas abaixo e acima do solo o seu local de passagem, portanto, na tecnologia como intermediação de inúmeras atividades e na natureza como receptor de todos esses produtos bioquímicos. Todo o ciclo do metabolismo completava-se com a remoção das impurezas.

Nessa pegada, Tarr também está mais interessado nos processos finais de metabolismo urbano ou como todos os processos de vida do meio urbano resultam em rejeitos seja na forma líquida, física ou gasosa. Enquanto Cronon lança perspectiva da construção de Chicago através do trabalho e a força do modo de produção na transformação da paisagem do Meio Oeste com visão integrada entre cidade e ambiente, Tarr se voltou ao estudo dos sistemas de desabastecimento do meio urbano, ou seja, a geração da poluição e as descargas de energia deste organismo no solo, no ar e na água. Em suma, como as águas servidas e outros produtos desse metabolismo são retirados, a geração de poluição por todos

---

<sup>100</sup> TARR, Joel. *The search of the Ultimate Sink urban pollution in historical perspective*. Akron: The University of Akron Press, 1996.

<sup>101</sup> TARR, Joel. *The search of the Ultimate Sink*. *Op cit.*

os caminhos, os mecanismos de controle da poluição, o consumo de comida em matadouros, mercados, feiras, enfim, é um modo holístico de enxergar o funcionamento da cidade.<sup>102</sup>

Também abordando a história ambiental urbana e no desenvolvimento do conceito de metabolismo urbano encontra-se Erik Swyngedouw. Swyngedouw vê a movimentação dos recursos hídricos como ponto fundamental da gestão do mundo urbano. Pela analogia do copo d'água, Swyngedouw explica as diferentes realidades de natureza e sociedade fundidas em um só lugar no espaço e tempo. A cidade é construída, gestada e gerada no cotidiano por movimentos orgânicos e mecânicos.<sup>103</sup>

Conforme mostra Swyngedouw, quando a torneira é aberta, libera a água captada em reservatórios ou represas a centenas de quilômetros. As torneiras são a ponta final de uma série de relações entre o conhecimento humano e a construção de estruturas (engenharia, tecnologia, construção civil, adição de produtos químicos para o tratamento da água, encanamentos, logística de distribuição) e não-humanas (os rios, nascentes, curso do rio, chuvas) até a materialização do copo. Tudo isso para tornar a água potável e, portanto, adequada ao consumo humano. De maneira semelhante, a torneira sem água ou a degradação de sua qualidade está ligada ao controle ou a poluição por ação humana e coloca em risco a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo, principalmente os mais pobres e vulneráveis.<sup>104</sup>

Enquanto a água e outros recursos fundamentais são levados até os pontos finais de tratamento, distribuição e consumo, do lado inverso existe o manejo dos indesejados ao funcionamento da cidade pelo incômodo perigo à saúde do corpo urbano. O lixo, esgoto e outras formas de poluição passam pelo movimento contrário: o de saída da cidade. De forma mecânica, caminhões e outros meios de transporte ou os canos de esgoto levam os resíduos para quilômetros de distância. Desse modo, o lixo produzido em determinado ponto acaba viajando a outros lugares atingindo até mesmo os pontos mais remotos do planeta.

Em outubro de 2014, o *Rachel Carson Center* na Alemanha, instituição importante nos estudos em história ambiental, promoveu e financiou cursos e oficinas de trabalho dedicados ao programa de pesquisa *Waste in Environment and Society* que reuniu acadêmicos dos quatro continentes e de diferentes disciplinas com o interesse em comum de

---

<sup>102</sup> TARR, Joel. The metabolism of the industrial city the case of Pittsburgh. *Journal of Urban History*. Vol. 28 No. 5, July 2002 511-545.

<sup>103</sup> SWYNGEDOUW, Eric. A cidade como híbrido. Natureza, sociedade e humanização “cyborg”. In.: ACSELRAD, H (org.) "A duração das cidades". Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>104</sup> *Idem*.



pesquisar a temática do lixo e da sociedade. Como produto do evento foram lançadas duas publicações em 2016. A primeira *Out of Sight out of mind*<sup>105</sup> e a *Future without waste: Zero Waste in Theory and Practice*.<sup>106</sup>

Os cursos e oficinas de trabalho lançam perspectivas para novos futuros, como a ideia de alcançar a meta de zerar toda a produção de resíduos. Não existimos sem produzir lixo, mais do que uma utopia ou paradoxos, nessa linha de pesquisa autores buscam a proposta de intervenções diretas na sociedade e soluções ao problema.<sup>107</sup>

Na América Latina, destacam-se dois estudos de caso sobre a cidade de Bogotá na Colômbia. A partir do *Rachel Carson Center* na Alemanha, a historiadora ambiental Stefania Galini conduziu pesquisa sobre *basuras* (lixo) e como a análise dos resíduos pode ser um dos indicativos de mudança no metabolismo urbano das cidades. Galini está interessada em saber sobre as dinâmicas de saúde, ambiente e do engajamento de não-humanos associados ao lixo em de Bogotá entre 1880 e 1950.<sup>108</sup>

O professor Frank Molano Camargo, da *Universidad Distrital Francisco José de Caldas* também faz de Bogotá o espaço central de sua pesquisa. Molano pesquisa sobre o Aterro Sanitário de *Doña Juana* e a criação de paisagens tóxicas em Bogotá. De acordo com Molano, o aterro inicialmente pensando como solução técnica teve como efeito o agravamento de desigualdades sociais e ambientais.<sup>109</sup>

O estudo temático do lixo na História Ambiental praticada na América Latina chegou a partir de um continente atravessado pela realidade urbana - cerca de 80% da população latino-americana vive em cidades. Para a população de latino-americanos, a natureza urbana são as praias de Copacabana e Havana, as *basuras* no Aterro de Doña Juana na Colômbia e o Lixão da Estrutural em Brasília.<sup>110</sup>

A inspiração para a pesquisa parte desta literatura estrangeira discutida ao longo do capítulo. Acrescento o presente estudo sobre a cidade do Rio de Janeiro a este meio

---

<sup>105</sup> MAUCH, Christof. *Out of sight out of mind*. Munique: RCC Perspectives Transformations in Environment and Society, 2016.

<sup>106</sup> MAUCH, Christof; ROBIN, Libby (orgs). *Os Limites da História Ambiental Uma Homenagem a Jane Carruthers*. Munique: RCC Perspectives, 2014.

<sup>107</sup> MAUCH, Christof. *A Future without waste? Zero Waste in Theory and Practice*. Munique: RCC Perspectives Transformations in Environment and Society, 2016.

<sup>108</sup> Disponível em: [https://www.carsoncenter.uni-muenchen.de/download/staff\\_and\\_fellows/projects/project\\_gallini.pdf](https://www.carsoncenter.uni-muenchen.de/download/staff_and_fellows/projects/project_gallini.pdf)

<sup>109</sup> MOLANO CAMARGO, Frank. El relleno sanitario Doña Juana en Bogotá: la producción política de un paisaje tóxico, 1988-2019. *História Crítica*. N.74. 2019. p. 127-149

<sup>110</sup> Sedrez, Lise. “Natureza Urbana Na América Latina: Cidades Diversas e Narrativas Comuns.” *RCC Perspectives*, no. 7, 2013, pp. 59–66.

intelectual dentro da América Latina e em desenvolvimento internacional em que os estudos históricos voltam os interesses para a compreensão do lixo dentro de conjunturas sociais, culturais e temporal.

No capítulo a seguir, discutirei em maior grau as demandas institucionais do trabalho de limpeza urbana, isto é, as contratações de empresas particulares, as leis, posturas relativas à montagem do serviço de limpeza urbana. Incluo, também, a análise de mudanças no padrão tecnológico de execução do serviço: do trabalho manual dos escravos tigrés até o século XIX a utilização de caminhões e demais veículos automotores conforme os padrões de ocupação do espaço e populacional do Rio de Janeiro cresceram. Acrescento o ambiente intelectual da camada responsável por pensar e definir diretrizes para a cidade, como os médicos e outros profissionais da administração da cidade.

## CAPÍTULO 2 EM BUSCA DA “CLOACA” CARIOCA

Este capítulo trata da história do lixo no Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XIX e a década de 1940, do ponto de vista do metabolismo urbano, conceito que, como retratado no capítulo anterior, deriva da historiografia ambiental e designa as dinâmicas socioambientais que conformam as cidades; a entrada e saída de fluxos energéticos e materiais que asseguram a manutenção das atividades da urbe.

Do ponto de vista da história do Rio de Janeiro, a segunda metade do século XIX é o ponto de partida dessa análise, por ser o período de mudanças marcantes no desenvolvimento urbano da cidade. Houve um crescimento significativo da população e da malha urbana.

A população do Rio de Janeiro saltou de cerca de 100 mil habitantes em 1822 para 805 mil em 1906, atingindo a marca de 1 milhão por volta de 1920. Em 1940, o número de habitantes já estava calculado na base aproximada de 1 milhão e 800 mil habitantes. A cidade se expandiu no núcleo central de colonização com a implementação dos bondes (os primeiros puxados por animais, depois fazendo uso de eletricidade) e, posteriormente, dos trens. Os primeiros trechos eram servidos pela Estrada de Ferro Dom Pedro II com ligação da freguesia de Santana a Queimados. Em 1861, chegou o trem a Cascadura. Aos poucos, os espaços entre as estações foram preenchidos e mais segmentos inaugurados, como Engenho de Dentro, Quintino, Méier e Madureira a partir de 1870.<sup>111</sup> Isso tudo impactou no volume e no caráter dos resíduos produzidos na cidade.

A análise neste capítulo estende-se até a década de 1940, quando a Ilha de Sapucaia se configura como um dos principais vazadouros de lixo. Reservei no terceiro capítulo mais detalhes sobre o uso desse espaço em específico e de outros territórios para despejo de lixo.

O metabolismo urbano da socionatureza carioca na segunda metade do século XIX tinha caráter orgânico. O volume de lixo produzido pela cidade era a mistura de produto oriundo das residências, retirado através de vasilhames e outros recipientes de barro e cerâmica (urinóis, escarradeiras, cuspidadeiras, penicos), frascos de remédio, pedaços de tecidos, lascas de madeira, restos de comida, material depositado nas ruas (lama, capim, areia, terra, cadáver de animais), das algas e carcaça de baleias das praias, dos pântanos, das casas de comércio, do matadouro, dos doentes em hospitais e de demais espaços. O lixo

---

<sup>111</sup> ABREU, MAURÍCIO. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.

resultava de todos os processos metabólicos deste corpo urbano, também do fluxo de mercadorias entrando e saindo da cidade e de outros bens, objetos e coisas em circulação pelo espaço. Como produto da interação de processos humanos, não-humanos e tecnológicos, parte do objetivo de pesquisa inclui a discussão do que era o lixo no Rio de Janeiro em diferentes temporalidades.

Já no século XX, o lixo caminhava para a forma inorgânica. O entulho de obras, o ferro fundido e outros materiais de origem sintética como a borracha começaram a aparecer junto ao resíduo orgânico conforme as novas tecnologias eram introduzidas na cidade.<sup>112</sup>

O lixo era elemento material da vida cotidiana, isto é, possuía cheiros, aspectos e situava-se em dinâmicas de espacialidade sócio biofísicas da população com os lugares, territórios e na produção de novos espaços (salubres e insalubres). O lixo fedia e o mau cheiro impregnava o ar com a podridão. Também incomodava por ser considerado feio e um atestado de incivilidade. Além disso, atraía animais domésticos (gatos e cachorros) e de criação para provisões (porcos, galinhas), junto à fauna não domesticada (os ratos, urubus, formigas, moscas), para a qual os resíduos representavam fonte de alimento. Por isso, colocado em perspectiva mais ampla, o lixo estava em associação a outros elementos indesejados, produtores de cheiros desagradáveis e da desordem urbana. No geral, o lixo era incluído ao lado de termos como sujeira, imundície e miasmas. O lixo era sujo, assim como os ambientes por onde era jogado ou estagnado. Por essa razão, outro objetivo do capítulo é o de entender o valor social e cultural do lixo.

O objetivo principal deste capítulo é entender quais meios burocráticos projetos e ideias mobilizadas pelos “idealizadores da socionatureza”<sup>113</sup> (Estado, medicina, engenharia) atuaram como instrumento de gestão e controle do indesejado lixo. Procuo dar ênfase à montagem e ao funcionamento do serviço de limpeza urbana no Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XIX e meados do século XX, compreendendo que o lixo gerado na cidade passou a envolver uma organização institucional para a retirada. Procuo investigar quem era a mão-de-obra empregada na tarefa da limpeza, os instrumentos de trabalho usados, os veículos, os recipientes, ou seja, acessar o cotidiano da socionatureza urbana a partir das formas de lidar com os resíduos. Incluo os aparatos jurídico administrativos

---

<sup>112</sup> QUEIROZ, Umberto; MARAFON, Glauber. Os caminhos do lixo na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, pp. 37–53, jul/dez 2015.

<sup>113</sup> CAPILÉ, Bruno. Os muitos rios do Rio de Janeiro: transformações e interações entre dinâmicas sociais e sistemas fluviais na cidade do Rio de Janeiro (1850-1889). Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

(posturas, leis, multas) como parte da narrativa, entendendo do mesmo modo os limites de obediência e de desobediência às leis. Por fim, pretendo debater a primeira experiência pública e duradoura com a criação da Superintendência de Limpeza Pública e Particular e como o lixo aparecia nas discussões de cidade e planejamento urbano nos planos de remodelamento.

Para atingir esses objetivos, consultei acervos *online* por causa dos efeitos da pandemia no fechamento de arquivos. Nesse sentido, algumas perguntas de pesquisa permanecem em aberto pela falta de acesso a certos fundos de pesquisa, como a documentação do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro sobre a Superintendência de Limpeza Pública e Particular (1903-1930) com descrição mais detalhada do funcionamento da autarquia. Portanto, fiz maior uso da bibliografia secundária e de fontes como imprensa da época, Anais da Academia Imperial de Medicina, Código de Posturas de 1894, iconografia e fotos do Fundo Augusto Malta, mapas disponíveis no Arquivo Nacional.

Por fim, pretendo debater a primeira experiência pública e duradoura com a criação da Superintendência de Limpeza Pública e Particular no começo do século XX. E como o lixo aparecia nas discussões de cidade e planejamento urbano nos planos de remodelamento.

Para dar lugar ao belo e organizado e atingir o ansiado status de civilização, o feio e o sujo deveriam ser removidos, um movimento que pretendo explorar nesta dissertação.

## **2.1. A descoberta do lixo como problema urbano**

O Rio de Janeiro foi uma das primeiras cidades do Brasil a oferecer o serviço de limpeza urbana. Em parte, com a finalidade de deixar as ruas belas e limpas, dignas do título de corte para a família real portuguesa, que desembarcou na cidade em 1808. A chegada da corte lusitana transformou o *status* político do Rio de Janeiro e trouxe uma série de melhorias à infraestrutura da cidade com a implementação de novos serviços urbanos, além das transformações em outros aspectos da cultura, arquitetura, economia e sociedade cariocas.<sup>114</sup> A remoção desse lixo era a solução encontrada por administradores urbanos em observação às mudanças da sionatureza urbana em crescimento, assim como necessidade simbólica:

Porque o Rio de Janeiro, quer o queiram, quer não, representa no mundo estrangeiro o Brasil; ninguém conhece lá fora o Brasil senão pelo que se

---

<sup>114</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

diz do Rio de Janeiro. E concordam conosco que precisamos de limpar o Rio de Janeiro para termos imigração, para termos crédito, para podermos ser alguma coisa entre as nações cultas.<sup>115</sup>

No período anterior a 1865, quando a Ilha de Sapucaia começou a ser usada como tentativa de manter os resíduos distantes do núcleo urbano, o lixo percorria distâncias menores entre os pontos de produção e de despejo. O raio de ocupação urbano era menor, assim como o número de habitantes. Em grande medida, o serviço de retirada das impurezas dependia do trabalho manual (pegar os tonéis, carregar e descarregar) e dos escravizados urbanos. A cidade fazia uso de pântanos, lagoas, dos corpos d'água nas adjacências, das praias como receptáculos do lixo desde os tempos coloniais. Afora as ruas, as cloacas estavam dispostas a perímetros próximos ao desenvolvimento de atividades humanas.<sup>116</sup>

O mapa a seguir mostra as dimensões do Rio de Janeiro em meados do século XIX e os limites topográficos do povoamento da cidade restrito pelos morros (Castelo, e Santo Antônio à esquerda do mapa e Conceição e São Bento a direita), o litoral do lado Leste e o Campo da Cidade (atual Campo de Santana) a Oeste.<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> AIZEN; PECHMAN, *Memória da Limpeza Urbana no Rio de Janeiro*, op. cit.

<sup>116</sup> AMADOR, Elmo da Silva. *Baía de Guanabara ocupação histórica e avaliação ambiental*. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2013.

<sup>117</sup> ABREU, MAURÍCIO. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.



Figura 1: BARREIROS, Eduardo Canabrava. Rio de Janeiro, 1965. Mapa do Rio de Janeiro no início do século XIX. Fonte: ImagineRio Disponível em: <https://www.imagnerio.org/en/iconography/maps/2589215>

Com a determinação de deixar a cidade limpa, em 1830 a Câmara publicou a primeira postura, proibindo o depósito de lixo nas ruas. Na década de 1850, a Câmara também contratou a empresa de João Frederico Russel para a retirada de esgoto e águas fluviais das casas. Os pesquisadores Mário Aizen e Robert M. Pechman identificaram neste início a estrutura mantida pelas décadas seguintes na limpeza urbana: a contratação de diversas empresas, as tentativas de controle sobre a produção de sujeira, o lançamento de posturas e as constantes atualizações das medidas preconizadas segundo o período de desenvolvimento da cidade e os desafios representados pelos refugos.<sup>118</sup>

Com o reconhecimento da chegada da epidemia de febre amarela em 1851, houve a incorporação do lixo como problema de saúde pública. Sanear os espaços era parte das medidas tomadas pelos idealizadores da sacionatureza como resposta à alta mortalidade da epidemia.

<sup>118</sup> AIZEN, Mario; PECHMAN, Robert M. *Memória da Limpeza Urbana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Coopim (Comlurb), 1985.

Em outra frente de resolução dos problemas sanitários do Rio de Janeiro, os administradores urbanos delinearão o plano de instalação de outro serviço de sanitização essencial: o esgoto (1862). O Rio de Janeiro foi uma das primeiras capitais mundiais a contar com o serviço de esgoto. O esgoto ficou a cargo da empresa de capital inglês *The Rio de Janeiro City Improvements*. A Companhia chegou a garantir a cobertura de 60% dos edifícios da cidade no ano de 1890.<sup>119</sup>

As obras começaram pelos bairros na região central de São Bento, Gamboa e Glória (1866), seguindo pelos anexos da Zona Norte: Engenho Velho, Rio Comprido e Tijuca (1866), passando por Trapicheiros no mesmo ano. Em 1880, chegaram ao Caju, Andaraí Grande, Vila Isabel, São Francisco Xavier e Riachuelo. Na década de 1870, expandiu-se por parte da Zona Sul por Catumbi (1874) e Laranjeiras (1875). Continuou crescendo rumo à Zona Norte por São Cristóvão, Engenho Velho e Botafogo (1882), Ponta do Caju e Fábrica das Chitas (1884), com cobertura na Vila Isabel e Andaraí Grande (1890) e Todos os Santos (1890). Em seguida aos bairros na Zona Sul de Botafogo, Jardim Botânico, Gávea, Andaraí (1890). Segundo documentação analisada por Jaime Benchimol (análise de engenheiros e profissionais de saúde e dos próprios moradores), o serviço prestado pela empresa era classificado como ruim. Apesar das reclamações, os endereços atendidos pelos serviços de esgoto estavam a serviço da especulação do mercado de propriedades privadas no Rio de Janeiro.<sup>120</sup>

Com a chegada do esgoto, começava a separação do lixo como a massa sólida (objetos, resto de comida, cadáveres), enquanto o serviço de esgoto cuidava das águas servidas capazes de trafegar por entre os canos.<sup>121</sup>

O lixo era reconhecido como problema de saúde, de estética, de falta de bem-estar para o corpo urbano, desorganização, da socialização e parte de um problema maior e mais duradouro da cidade: a reputação de pestilenta. Por isso existem momentos distintos e sobrepostos da história do lixo carioca.

Como consequência da chegada da família real portuguesa ao Brasil, providências urgentes em relação ao asseio do Rio de Janeiro foram tomadas, como a varrição de ruas e

---

<sup>119</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

<sup>120</sup> *Idem*.

<sup>121</sup> QUEIROZ, Umberto; MARAFON, Glauber. Os caminhos do lixo na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, pp. 37–53, jul/dez 2015.



praças e a retirada de mendigos das ruas. Aos poucos, o senso de urgência ao desembarque de Dom João VI e sua corte deu lugar a transformações concretas na infraestrutura urbana do Rio de Janeiro para se adequar às novas funções de cidade, digna de servir como corte.

O Rio de Janeiro concentrava a estrutura política e as principais atividades econômicas (carga e descarga do porto, comércio, quiosques, ambulantes etc.) confinadas no espaço central onde circulavam diariamente a mão-de-obra livre responsável por pequenos trabalhos de curto período e de subsistência diária. A cidade era confinada na porção central, onde permanecia delimitada pelos quatro morros (Castelo, São Bento, Senado e Conceição). Havia poucas ruas calçadas. Úmidas, sujas e insalubres, as ruas da cidade, em descrição de Luiz Edmundo, eram “uma verdadeira estrumeira”.<sup>122</sup> O centro urbano era bem diferente da beleza formada pelo quadro natural das águas da Baía de Guanabara e o verde da Floresta. Na realidade, a cidade era dominada pela falta de asseio. Os melhoramentos urbanos chegaram em conjunto com a instalação da corte como calçamentos, alinhamento de ruas e aterro de mangues.<sup>123</sup>

A condição de corte da família real portuguesa mantinha o Rio de Janeiro como capital política do país e trazia outras responsabilidades. Os olhares do Brasil e de fora (muitos artistas, escritores e viajantes passaram por aqui) estavam voltados à arquitetura da cidade, aos hábitos dos moradores, à cultura e à economia escravagista. O Rio de Janeiro também despontava como maior centro econômico do país e com maior número de pessoas. Nas vésperas da chegada da família real, a população da cidade estava na ordem dos 50 mil moradores. Junto à esquadra lusitana, aportaram mais de 15 mil pessoas. Em 1822, ano da independência, o Rio chegou à marca de 100 mil habitantes.<sup>124</sup>

O maior número de pessoas, maiores funções econômicas, mais prédios e construções, taxas de importação e exportação tiveram como consequência maior produção de lixo. A cidade ganhava a posição de espelho da nação e como exemplo de construção de civilidade precisava estar bela, limpa e organizada.

Não é coincidência, portanto, a emissão das primeiras posturas sobre limpeza urbana pela competência municipal na década de 1830. As baixas normativas tinham como intenção controlar o uso do espaço, eliminando os elementos considerados perturbadores da ordem pública, seja pelo barulho, mau cheiro, sujeira, desordem. Isso fica mais nítido nos artigos

---

<sup>122</sup> EDMUNDO, Luiz. O rio de Janeiro do meu tempo. In: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1071>. Apud AIZEN; PECHMAN, *Memória da Limpeza Urbana no Rio de Janeiro*, op. cit.

<sup>123</sup> ABREU, *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op. cit.

<sup>124</sup> ABREU, *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op. cit.

da primeira postura da Câmara Municipal em referência à limpeza pública de 1830. Sob o título de “*Limpeza, despachamento das ruas, e Praças e providências contra a divagação de loucos e embriagados, de animais ferozes e os que podem incomodar o público*” abaixo estão transcritos os três primeiros artigos em referência à limpeza:

1° Os moradores desta cidade e seu termo serão obrigados a ter limpas as testadas de suas casas, chácaras e fazendas até ao meio da rua; os infratores serão multados em 10\$000.

2° Os moradores dos largos, praças e arraiais serão obrigados a ter as suas testadas limpas, trinta palmos contados da frente de suas propriedades, para o centro dos mesmos largos, praças e arraiais. Os contraventores serão multados em 10\$000.

3° Ninguém pode depositar nas ruas, praças ou estradas, cisco, águas, animais ou aves mortas, nem qualquer outro objeto imundo, sob pena de pagar 10\$000 de multa. Não constando quem depositou tais objetos ficaram incursos nas penas os moradores em cujas testadas foram encontrados, ficando a este salvo o recurso contra os culpados. Os donos dos animais que morrerem nas ruas e praças ou estradas, assim como os moradores em cujas testadas forem encontrados incorrerão cumulativamente na mesma pena, se os não mandarem enterrar; com a diferença que o dono é obrigado a fazê-lo à sua custa, e o morador, apresentando conta razoável da despesa ao fiscal, deve ser prontamente indenizado pelo conselho.<sup>125</sup>

A começar pelo título, o lixo participava como elemento de perturbação dentro dos assuntos de competência entregues à polícia, ou seja, procurava-se subverter a situação de suja e desorganizada, colocando ordem aos moradores da socionatureza. Para isso, os fiscais e a polícia estavam a serviço do estado de vigilância na aplicação das multas. Difícil, no entanto, era o flagrante do transgressor, de acordo com as fontes.

Era comum a anuência dos fiscais com a situação dos transgressores. Por isso a Câmara, no ano de 1904, endureceu as providências também nos agentes de fiscalização de limpeza das ruas sob ameaça de demissão:

Continuando com grande detrimento dos transeuntes, prejuízo da saúde pública e flagrante infração do dispositivo do código de posturas municipais, título 7a, seção 1a § 6° e título 2a § 9 ° e edital de 13 de fevereiro de 1850, o abuso por parte da população menos cuidadosa de lançar-se o lixo nas ruas, quer a noite, quer de dia, antes e depois da passagem das carroças da limpeza pública, recomendo ao conselho da Intendência Municipal providencia afim de que os fiscais fação observar estritamente as indicadas disposições, sob pena de imediata demissão, caso as ordens do mesmo Conselho não sejam cumpridas.<sup>126</sup>

<sup>125</sup> Seção segunda: Polícia. Sobre a limpeza e depachamento das ruas e praças, e providencias contra a divagação de loucos e embriagados de animais ferozes e dos que podem incomodar o público. MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. Código de Posturas: leis, decretos, editais e resoluções da Intendência Municipal do Districto Federal. Rio de Janeiro: Papelaria e Typographia Mont'Alverne, 1894. pg. 21.

<sup>126</sup> Jornal do Commercio. [Remoção do lixo s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XIV, nº 40. , 9 de fevereiro de 1904.

No último artigo da postura, era estabelecida a proibição de deixar os animais mortos nas ruas. O cadáver de animais estava no topo da lista dos rejeitos urbanos do período. O cavalo, principalmente. Logo abaixo dos cadáveres estava o estrume. Os cavalos eram a força motriz no período ao puxar carroças e servir como meio de transporte, no entanto, sujaram as ruas com o estrume. Outro caso em análise era dos porcos. Eram necessários porque recebiam parte do lixo orgânico como alimentação na lavagem e usados na dieta alimentar da população; no entanto, o mau cheiro e o tamanho dos animais tornavam-nos incômodos no meio urbano. A criação de porcos acabou por ser proibida anos mais tarde:

Ninguém poderá criar porcos nos quintais, áreas ou lojas das casas, nem conservá-los nelas, ainda que se alegue ser por poucos momentos: e nem deixá-los divagar pelas ruas, sob pena de lhe serem tomados e vendidos por conta da Câmara em leilão, restituindo-se a seus donos tudo o que exceder a 30\$000 do seu produto.  
(.)<sup>127</sup>

As freguesias urbanas da Candelária, São José, Sacramento, Santa Rita e Santana (atualmente as zonas central e portuária) foram as mais beneficiadas com serviço de limpeza pelo adensamento populacional e a centralidade dos espaços.<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> Sobre diferentes objetos que corrompem a atmosfera e prejudicam a saúde pública. *Idem*.1850.

<sup>128</sup> ABREU, *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op. cit.

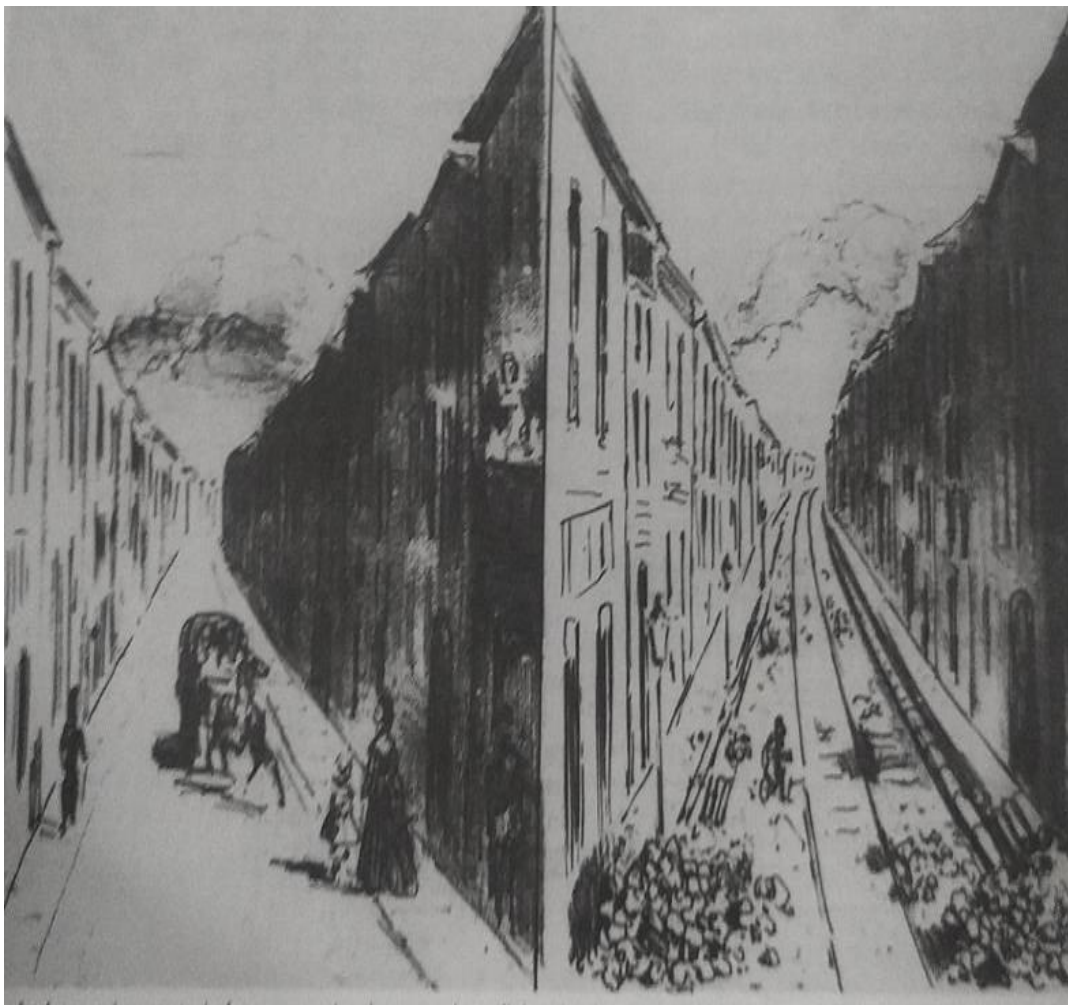


Figura 2: Charge comparando o antes e depois da recepção de melhoras urbanísticas nas freguesias centrais do Rio de Janeiro. Percebe-se a quantidade de lixo amontoadado no canto da rua na imagem da esquerda. *Semana Ilustrada* n°471-19/1868, página 3755. Fonte: ABREU, *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op cit, pg. 42.

Outro serviço particular existente na cidade era o trabalho dos escravos tigras. Os escravizados movimentavam de forma braçal o sistema sanitário da corte. Os escravos tigras eram responsáveis por retirar tonéis, vasilhames e outros recipientes usados para satisfazer as necessidades fisiológicas de casas particulares da corte e de outras cidades litorâneas do Brasil. Além do Rio de Janeiro, outras cidades litorâneas no Brasil registram a profissão, como Pernambuco. O conteúdo era derramado em pântanos, praias e lagoas. O apelido de tigre era dado pelo hábito de andar com os recipientes acima da cabeça e, pela falta de vedação, as substâncias acabavam por vazar na pele do escravizado conferindo a característica tigrada ao corpo.<sup>129</sup>

<sup>129</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical* a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

Em passagem pelo Brasil, o viajante inglês Thomas Ewbank descreve em seu diário detalhes a cena de uma escrava se dirigindo a praia à noite:

(...) uma noite dessas, (...) estando eu na sacada de uma casa da Rua da Alfandega vi passar trotando uma pequena negra velha, quase inteiramente nua, levava na cabeça uma enorme tina presa com corrente e cafelado a uma coleira e ferro que lhe envolvia o escopo. Aplique-me no, Sr. C... - Pedi. "Ela vai largar os dejetos na praia, e tenho provavelmente o hábito de entrar nas vendas, aquilo a impede, pois o mau cheiro da tina não seria suportado pelos fregueses."<sup>130</sup>

Além do cheiro marcante descrito, a memória dos escravos tigrés também é iconográfica. O pintor francês Jean-Baptiste Debret, parte da Missão Artística Francesa ao Brasil, retratou a memória visual da cidade e dos escravos:

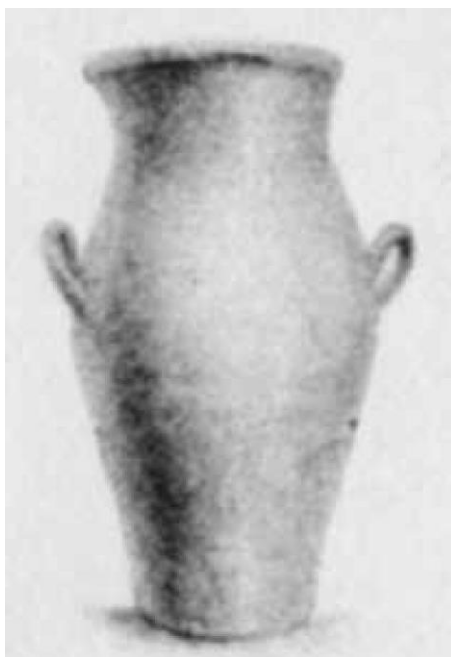


Figura 3: Vaso de Imundície. Debret. Fonte: EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009. Pg. 103.

---

<sup>130</sup> Apud. BENCHIMOL, *Pereira Passos Hausmann Tropical*, op. cit. pg.35.



Figura 4: Tigres ou cabungos, Rio de Janeiro. Fonte: EIGENHEER, Emílio Maciel. Lixo A limpeza urbana através dos tempos. Porto Alegre: Palotti, 2009. Pg. 103



Figura 5 “Preto do lixo”. Fonte: AIZEN; PECHMAN, *Memória da Limpeza Urbana no Rio de Janeiro*, op. cit.

O corpo desses escravizados servia como meio de transporte e como zona de fronteira entre o puro e o impuro. Isto fica claro no relato feito acima por Ewbank motivado pelo nojo, pela vontade de manter-se afastado do outro sujo, fedido e infecto. O trabalho era penoso e o material pesado; no calor carioca a escrava estava sem roupas. A força física também estava a serviço da limpeza. No Rio de Janeiro, dependente da mão-de-obra escrava, restava aos escravos tigrés o papel de reguladores do sistema excretor. Em outras cidades, empregavam-se tipos sociais indesejados como prostitutas, mendigos, presos e pedintes nos ofícios da limpeza. Isto porque era comum usar o exército de mão-de-obra de reserva e os perfis sociais considerados imorais para fazer o trabalho pouco atrativo de lidar com a sujeira.<sup>131</sup>

A introdução de tecnologias como as carroças puxadas por animais mudou a forma de trabalho com a sujeira, que passou por novas transformações com o uso de veículos motores, por volta de 1906.<sup>132</sup> A tração animal e o motor não eram os únicos meios de transporte. Muitos eram os caminhos do lixo pela cidade através dos sistemas naturais, dos quais falarei mais no próximo capítulo. O uso da força física diminuiu, ainda que o funcionário da limpeza urbana continuasse em contato direto com o seu objeto de trabalho e, eventualmente, precisasse manejar o conteúdo dos recipientes no movimento de recolhimento do lixo nas ruas e casas.

Este corpo da mão-de-obra do lixo carregava, além do mau cheiro, alguns estigmas. A escrava vista por Ewbank usava correntes para impedir a entrada na venda e, assim, não contaminar o ambiente com sujeira e mau cheiro. Mais tarde, em 1894, um morador não identificado escreveu ao jornal *O Paiz* contra a entrada e saída dos lixeiros das casas. No depoimento, chamou os lixeiros de “carregadores de cisco”<sup>[1]</sup> porque entravam e saíam dos imóveis de forma constante. O trabalho dos escravos tigrés e outros ofícios manuais foram se tornando obsoletos conforme chegavam sistemas mecanizados e novas tecnologias na cidade.

Em 1857, o Ministério do Império assinava contrato com a empresa *The Rio de Janeiro City Improvements* para execução das obras de esgoto. A chegada do esgoto era parte de uma série de “melhorias” empreendidas pelo governo imperial desde a década de 1840 até 1870, com a finalidade de operar reformas destinadas a modernizar o Rio de Janeiro. Novos serviços essenciais foram chegando ao Rio de Janeiro por meio da aplicação

---

<sup>131</sup> EIGENHEER, Lixo *A limpeza urbana através dos tempos*, op. cit.

<sup>132</sup> ABREU, *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op. cit.

dos lucros do comércio internacional do café e da entrada do capital estrangeiro, dentre eles a reforma no Porto da cidade. Entre eles, a inauguração dos bondes *Botanical Garden Railroad Company* (1868), Estrada de Ferro Dom Pedro II (1858), *Rio de Janeiro Street Railway Company* (1870), a luz a gás, iluminação pública, sistema de distribuição de água, com o aqueduto e inauguração de chafarizes públicos; o calçamento das freguesias centrais.

133

As chamadas “melhorias” visavam, sobretudo, mudar a infraestrutura da cidade. O Rio de Janeiro ainda conservava características estruturais de uma cidade colonial e fortemente dependente do trabalho manual dos escravizados. Desde a proibição do tráfico negreiro em 1850, a cidade passava pela transição da mão de obra braçal e desqualificada para a maior presença de serviços especializados. Conforme afirma Abreu: “Com efeito, pouco a pouco, a cidade passa a ser movida por duas lógicas distintas (escravista e capitalista), e os conflitos gerados por esse movimento irão se refletir claramente no seu espaço urbano.”<sup>134</sup>

As melhorias alcançaram o serviço de retirada do lixo das casas. Carroças puxadas por cavalos eram as primeiras delas, ainda que as chamadas “melhorias” fossem de encontro a velhos hábitos da população, como a estrutura mais duradoura de jogar lixo nas ruas.

## 2.2 O reconhecimento do lixo como problema de saúde

A primeira metade do século XIX consolidou o Rio de Janeiro como capital política, cultural, econômica e maior cidade do país, ainda que não espantasse a fama de pestilenta, mesmo com todo o investimento direcionado a reformas. A população do Rio de Janeiro vivia sob precárias condições sanitárias desde o tempo dos vice-reis, lado a lado das doenças endêmicas como tuberculose. Em 1849, fundeu na Baía de Guanabara um navio cuja tripulação estava contaminada com a febre amarela. A mortalidade da febre amarela conferiu ao Rio de Janeiro o título de “cemitério de europeus”. No ano seguinte, em 10 de janeiro de 1850, a Academia Imperial de Medicina reconhecia a chegada do flagelo à cidade. No total de 166.000 mil habitantes, 90.658 foram contaminados pela febre e 4.160 morreram no primeiro surto.<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX*, op cit.

<sup>134</sup> ABREU, A *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op. Cit, pg. 36.

<sup>135</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX*, op cit.



Depois do reconhecimento da gravidade da situação, o Ministério do Império criou a Comissão Central de Saúde Pública como resposta ao enfrentamento à febre amarela. A insalubridade do Rio de Janeiro tornou-se o centro do debate médico-científico a partir do rompimento da crise sanitária. O quadro da instituição era composto por médicos da Academia Imperial de Medicina, por um professor da Faculdade de Medicina e pelo presidente da Câmara. Mais tarde, em 1851, com o estabelecimento de consenso sobre a gravidade da febre amarela e a necessidade de impor medidas mais duradouras de prevenção à saúde pública, foi criada a Junta Central de Higiene Pública. O órgão não perdurou por problemas estruturais como verba insuficiente, falta de pessoal, sobrecarregamento de funções. Contudo, pesquisadores identificaram na Junta o início do movimento de institucionalização da saúde pública no Brasil.<sup>136</sup>

A equipe de médicos da Junta Central de Higiene apostava na existência de diversas formas de contágio ou focos de transmissão por indivíduos espalhados pela cidade, enquanto os catedráticos da Faculdade de Medicina do Rio acreditavam na importação da febre amarela ao Brasil por navios estrangeiros:

Quanto mais estudo e reflito sobre os acontecimentos que se sucedem com relação ao estado sanitário desta capital, mais me convenço da salubridade do seu clima e da justiça com que gozou sempre de tais foros, assim como do pouco acerto com que sem um estudo refletido e exata apreciação dos factos que se passam, se lhe tem emprestado o título de insalubre depois que algumas epidemias pestilenciais importadas, e não originadas de seus próprios elementos patogênicos, a tem devastado nestes últimos tempos, assim como a algumas de nossas Províncias marítimas, que mais extensas relações comerciais entretém mutuamente, ou com os países estranhos.<sup>137</sup>

Na conclusão dos idealizadores da socionatureza, o Rio de Janeiro gozava na verdade de boas condições naturais para a salubridade, pouco aproveitadas pela sua população.

A nova forma de prática médica, a medicina social, usava da combinação do poder do Estado como meio de intervir na sociedade com o conhecimento científico da medicina. Os médicos estudavam as condições físicas, sociais, climatológicas e demográficas postas no espaço urbano para identificar os possíveis focos de contaminação a partir do estudo da história, geografia, estatística e economia. A medicina era considerada inovadora pela forma

---

<sup>136</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX*, op cit.

<sup>137</sup> Relatório do presidente da Junta Central de Higiene Publica. *Annaes brasilienses de Medicina*. Tomo XVII. Maio de 1866. N. 12 Redação do Dr. Gama Lobo. – Oculista. pg. 531,532.

de atuação – o uso de instrumentos, produção de conceitos, o poder conquistado pelos médicos - e pela aplicação do conhecimento produzido.<sup>138</sup>

Várias das medidas tomadas visavam impedir a formação e a propagação dos miasmas. Os miasmas estavam relacionados, sobretudo, à matéria orgânica em decomposição, ou seja, ao lixo e aos odores de putrefação exalados (cheiro pútrido, malsão) capazes de desequilibrar a atmosfera. No manual de medicina popular de Napoleão Chernoviz, um dos manuais médicos de maior circulação no Brasil imperial, o autor indicava os pântanos, plantas e animais em decomposição como os principais focos de precipitação dos miasmas.<sup>139</sup> Como forma de impedir a formação dos maus odores, a recomendação era de manter a circulação nos espaços (abrir ruas, casas) ou aterrar (se tratando de uma várzea, córrego ou pântano). E a grande maioria das intervenções propostas pelos idealizadores da sacionatureza ia nessa direção de apropriação do conceito de circulação.

O conceito de circulação apropriado pelos administradores da *urbe* carioca tinha como inspiração a teoria da circulação dos vasos sanguíneos descoberta pelo médico inglês William Harvey no século XVII,

Desde a descoberta de Harvey, o modelo da circulação sanguínea induz, numa perspectiva organicista, o imperativo do movimento do ar, da água e dos produtos. O contrário do insalubre é o movimento (...) o reconhecimento das funções de circulação, como ressalta Jean-Claude Perrot, é o que conduz as mutações às representações urbanas; ela precipita as sangrias, as ‘demolições de fortificações’. A virtude dada ao movimento incita às canalizações e à expulsão da imundice.”  
140

No planejamento urbano, a transposição das ideias de Harvey significava intervenções na estrutura física da cidade como forma de manter a movimentação das artérias, isto é, das ruas, parques e outros meios de circulação. Como efeito prático, isso traduzia-se na abertura de ruas, demolição de casas e colocar o lixo em circulação, ou seja, levar para longe da aglomeração populacional – para a Ilha de Sapucaia - e outras proibições.

A função da Junta era de estudar, pesquisar e recomendar medidas ao poder público – algumas convertidas em leis e posturas – e exercer o papel de polícia médica. A Junta fiscalizou matadouros, armazéns, navios, mercados, mercadorias, casas, cortiços e demais

---

<sup>138</sup> EDLER, Flávio Coelho. A natureza contra o hábito: a ciência médica no império. *Revista Acervo*. Rio de Janeiro, V. 22, N. 1, p. 153-166, jan-jun, 2009.

<sup>139</sup> GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Saúde e Ciências Manguinhos*. V. 12, N. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

<sup>140</sup> SENNETT, Richard. *A Carne e a Pedra o corpo e a cidade na civilização moderna*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. pg. 122.

lugares considerados insalubres, portanto, danosos à saúde pública. O volume de relatórios e de discussões estava a serviço dos melhoramentos necessários para mudar o quadro de insalubridade da capital.

Conforme situação descrita no relatório enviado à Academia Imperial de Medicina, o médico Luiz Corrêa de Azevedo identificou os principais problemas referentes à falta de higiene pública entre a longa lista descrita pelo mesmo autor sobre “uma liberdade exagerada no viver e fazer deste município”:<sup>141</sup> “O overcrowding (aglomerações exorbitantes de gente), o lixo, a lama, os pântanos e águas estagnadas foram considerados como causas produtoras de moléstias pestilenciais”.<sup>142</sup>

Em detalhe, Corrêa de Azevedo condenava o modo de viver e as moradias, especialmente os cortiços:

Quintais imundos, depósitos de lixo, centenas de moradores descuidados; Cortiços inúmeros, de capacidade insuficiente para os moradores, com pátios imundos, depósitos de toda a espécie de lixo; Charcos ainda existentes em chácara se algumas ruas; O canal do mangue, deposito de todo o fétido, acarretado pelas marés, servindo de lugar de despejo a todos os moradores que o bordão; canalização de esgoto que se entope por toda a parte, e em todos os lugares apresenta os sinais de sua imperfeição; Armazéns de viveres que são em geral depósitos de materiais orgânicos em decomposição, onde o povo vai comprar os péssimos alimentos de que se nutre, que o não conforta e menos ainda fortifica;

Em outro relatório produzido, cerca de uma década antes, apresentado também à Academia Imperial de Medicina, Dr. Paula Cândido, o relator, descreve situação parecida no ambiente da cidade:

o lixo a elas pela população ou atirado nas escavações, os animais putrefatos, os matérias estercoreais, em summa as imundícias de toda a espécie, depositados e abandonadas nas ruas por incúria e desleixo da autoridade fiscal e dos encarregados da limpeza pública, os quase pelo simples facto de estar uma em obras da companhia de esgoto, entendiam que não deviam mais cuidar de limpá-la ... tantas circunstancias graves reunidas serão suficientes para dar origem a epidemias pestilenciais mais ou menos graves.<sup>143</sup>

O problema, consenso entre os dois autores, eram os hábitos dos cariocas e o modo de viver na corte. Os quartos compartilhados e outros tipos de construção destinadas a moradia em comum (cortiços, casinhas e outras denominações analisadas por Sidney Chalhoub) foram também duramente atacadas no período pelo Estado e pela saúde pública.

---

<sup>141</sup> Os esgotos da cidade do Rio de Janeiro (City Improvments) pelo Sr. Dr. Luiz Correa de Azevedo. *Annaes brasileiros de Medicina*. 1874.

<sup>142</sup> *Idem*. pg. 368.

<sup>143</sup> Relatório do presidente da Junta Central de Hygiene Publica. *Annaes brasilienses de Medicina*. Tomo XVII. Maio de 1866. N. 12 Redação do Dr. Gama Lobo. – Oculista. pg. 531,532.

Desde a segunda metade do século XIX, a cidade criava meios legais para dificultar a construção e a proliferação dos cortiços. Em 1853, a Câmara promulgou o “Regulamento dos Estalajadeiros” em que proibia o aterramento de lixo nos quintais, estipulava a condução de latrinas e outros materiais de uso para esvaziamento das excreções do corpo para locais apropriados como forma de evitar a estagnação desses produtos nos quartos e outros espaços confinados. Chalhoub analisou casos de reclamações de fiscais de Freguesias e de higienistas sobre cortiços em que o argumento principal era a sujeira, a imundície e o mau cheiro exalado pelos locais. O despejo irregular de lixo no terreno do cortiço, o amontoado de lixo nos pátios e a falta de coleta regular de lixo eram reclamações comuns.<sup>144</sup>

Em grande medida, o problema estava na estrutura de construção dos cortiços: a ausência de janelas em muitos casos, espaços apertados e insuficientes para comportar o número de pessoas. Sem que houvesse ventilação e privacidade, o ambiente era considerado corruptível, imoral e foco de doentes. Os cortiços eram indesejados pelos sanitaristas urbanos e desde a segunda metade do século XIX estavam condenados à extinção pela saúde pública:<sup>145</sup>

Iniciando-se, ao que parece por indagações minuciosas, em Dezembro do ano antecedente, com fôrma epidêmica, em uma estalagem sita a rua do General Caldwell, contendo uma população computada então em 640 pessoas, acumuladas em quartos em geral pequenos e imundos, como ali era tudo, e mal arejados, vivendo algumas famílias em tal estado de miséria, a ponto de dormirem em comunhão pai, mãe e filhos em um colchão velho, talvez apanhada do lixo escolhido nessa estalagem, fez ela já, entre 1,257 pessoas falecidas em Janeiro, 122 vítimas, a maior parte dos moradores dessa estalagem, na qual se deram mais de 80 casos, dos quase não se afastou de 50 a cifra dos que terminarão pela morte, conservando-se a dita estalagem nas mesmas condições anti-higiênicas a despeito de todas as reclamações por mais de uma vez feitas a municipalidade pela Junta de Higiene.<sup>146</sup>

Para além das intervenções sobre o espaço, outra forma de impor ordem foi pela interferência nos hábitos da população. As leis e proibições não eram novidade: como mencionado no item anterior, existiam desde 1830. No entanto, a chamada “lei do menor

---

<sup>144</sup> CHAULHOUB, Sidney. *Cidade Febril cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

<sup>145</sup> Não tenho como intenção nesta dissertação esgotar o assunto dos cortiços e da saúde pública. Ver a esse respeito, CHAULHOUB, Sidney. *Cidade Febril cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

<sup>146</sup> Sumario - Epidemia de febre amarela, sua gravidade e extensão; causas que para isso parecem ter concorrido; medidas adoptadas para atenuar seus estragos; formas mais frequentes; algumas palavras sobre tratamento, grau de mortalidade, moléstias comuns e endêmicas; meteorologias e suas relações com as moléstias reinantes, mortalidade geral do ano; conclusões. *Anais Brasileiros de Medicina*. 1883.

esforço”, isto é, a prática de jogar lixo e usar espaços como pátios, praças, praias, córregos, largos etc. de forma ilegal e indiscriminada era costume comum dos cariocas, sobretudo em espaços mais próximos a habitações e ao comércio, portanto, de maior densidade demográfica da cidade, ao invés das recomendações de saúde de afastar o lixo da vida comum. O impeditivo legal significava que o lixo deveria ser estocado dentro das residências à espera do lixeiro em horário estipulado, mas muitos não aguentavam o mau cheiro.<sup>147</sup> Além de problema de saúde pública, o ato era visto como incivilizado.

Os ritos fúnebres também mudaram com a implementação da saúde pública. A partir de 1851 era proibido enterrar os mortos nas igrejas, de modo que foi construído um cemitério público para enterros.<sup>148</sup>

Pelo quadro descrito sobre as condições de vida material no Rio de Janeiro, a cidade, apesar das duras reclamações da Junta, permanecia infestada. Não à toa, a observação de José Pereira Rego sobre a falta de controle do governo sobre a limpeza pública:

Entretanto como se executa entre nós esses serviços, quase são os cuidados que merece da municipalidade? Vós o sabeis tão bem como eu, e parece-me que vos ouço dizer que é uma irrisão e um escarne-o ao bom senso desta capital afirmar-se que há limpeza pública, quando as ruas estão constantemente cheias de pós, envolvendo restos de pequenos animais nelas abandonados e triturados pelos veículos de condução, quando as suas sarjetas estão obstruídas por terra e lixo, quando as ladeiras, praças e grande parte das ruas menos centrais, estão cobertas de capim e pequenos arbustos como se fossem reservadas para pastagem, quando enfim as imundícias e o lixo são removidos de uns para outros pontos da cidade já bastante povoados e empregados como aterro por consentimento da Ilma. Câmara.<sup>149</sup>

Na opinião de Pereira Rego e de grande parte das fontes consultadas para a pesquisa, a limpeza urbana estava aquém do ideal esperado. Na leitura da imprensa da época reclamava-se principalmente das seguintes questões: a sujeiras nas ruas, a falta de compromisso com os horários, de pouca fiscalização, dos depósitos clandestinos de lixo, igualmente de todos aqueles que atiravam lixo às ruas. O meio mais comum de reclamação eram as colunas “Queixas e Reclamações” do jornal *O Paiz* e “Queixas do povo”, do *Jornal do Brasil*, da qual segue um excerto ilustrativo: “Uma vassourada pela rua Magalhães, Srs. da limpeza pública! mas uma rija vassourada para que os respectivos moradores durmam

<sup>147</sup> QUEIROZ, Umberto; MARAFON, Glauber. Os caminhos do lixo na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, pp. 37–53, jul/dez 2015.

<sup>148</sup> EIGENHEER, *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*, op cit.

<sup>149</sup> REGO, José Pereira. Discurso Pronunciado pelo Ex. Sr. Conselheiro Dr. José Pereira Rego na sessão solene da Academia Imperial de Medicina em 30 de junho de 1871. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1871. pg. 58.

tranquilos, sem o natural receio de que de semelhante imundície surjam cobras e lacraias, que os vão morder durante o sono.<sup>150</sup>

Pereira Rego direcionava parte da responsabilidade para os deputados pela falta de fiscalização da atuação das empresas particulares e a autorização ao despejo de lixo em partes povoadas. De acordo com o Barão do Lavradio, a Câmara atuava de forma contrária aos preceitos da saúde pública e autorizava o despejo de lixo em regiões da cidade próxima a povoadamentos, onde o lixo estagnava. O Barão do Lavradio pedia mais responsabilidade dos vereadores e deputados em relação a essa ação que acontecia em diversas partes do município:

A municipalidade, surda aos reclamos daquelas autoridades e às recomendações do governo, abandonou, por assim dizer, a higiene municipal: as ruas, com exceção de algumas mais centrais, as praias, valas e riachos estavam repletos de lixo e imundícias: chiqueiros imundos eram tolerados e até licenciados pela Ilm.ª Câmara; os cortiços, por falta de fiscalização, constituíram-se depósitos de imundícias de toda a espécie; aterros com lixo e matérias orgânicas de todo o gênero faziam-se em larga escala por toda a cidade, com o consentimento dos agentes da municipalidade; as ruas eram constantemente escavadas para limpar e desobstruir os canos de esgoto, dando-se pelas aberturas feitas desprendimento de gases deletérios que aumentavam as condições de infecção; em suma o estado da nossa higiene pública era lastimável quando rompeu a epidemia.<sup>151</sup>

Outro braço técnico do Estado a fazer uso dos discursos de sanitização e de ordem no espaço eram os engenheiros. Em 1876, o corpo de engenheiros contratados pelo Estado e que compuseram a Comissão de Melhoramentos da Cidade produziu denso relatório com propostas de modernização dos serviços e saneamento. Na equipe estava Francisco Pereira Passos, mais tarde prefeito do Rio de Janeiro. Baseados, também, na perspectiva de manter a circulação no espaço urbano, a Comissão, dentre outras propostas, recomendou o alargamento e prolongamento das vias, junto da abertura e manutenção das praças e a canalização de rios como o Canal do Mangue para expandir o raio de ocupação urbana. Ademais, retomou a recomendação de desmontar os morros ao redor da cidade.<sup>152</sup>

<sup>150</sup> O paiz. [Queixa e reclamações]. Rio de Janeiro. Ano XVI. N.5560. 3 de fevereiro de 1900.

<sup>151</sup> Capítulo IV Anno de 1873 Sumario - Causas gerais das perturbações sanitárias, mortalidade anual, epidemias de varíola, de febre amarela, febre mucosa, tifoide e escarlatina, sua extensão e gravidade, medidas adoptadas para atenuar seus efeitos, caracteres que as distinguirão, meteorologia do ano em relações às epidemias, investigações microscópicas nos cadáveres dos falecidos de febre amarela, nas urinas, na matéria de vomito negro; algumas palavras sobre o tratamento desta moléstia, doenças endêmicas e comuns dominantes, e apreciações de seu reinado em referência ao das epidemias. *Anais Brasilienses de Medicina*. pg. 423

<sup>152</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX, op cit.*

Muitas das sugestões da Comissão, no entanto, não saíram do papel. O relatório acabou por ser resgatado *a posteriori* durante a chamada Reforma Pereira Passos de 1903 a 1906. Mais tarde, em 1921, durante o mandato de Carlos Sampaio iniciou-se o desmonte do Morro do Castelo. O Morro do Castelo era o marco da fundação da cidade do Rio de Janeiro. As intenções de arrasar com o Morro vinham desde o século XIX.<sup>153</sup>

Os serviços sanitários chegavam ao Rio de Janeiro como resposta ao longo problema de insalubridade da cidade e ao agravamento da crise de saúde pública com o rompimento da epidemia de febre amarela. Em síntese, manter a cidade limpa não era tarefa fácil e desde a concessão da limpeza pública pelo Estado à iniciativa privada em 1830, maiores eram as desistências. Poucas companhias de fato honraram os compromissos feitos no momento da assinatura dos contratos. Para o setor privado, o maior interesse era transformar o lixo em material lucrativo, seja pelo reaproveitamento do produto, ou durante as etapas da limpeza com cobrança de taxas aos moradores, aluguel de carroças e de saveiros, dentre outros.

A partir da segunda metade do século XIX, a limpeza urbana ganhou caráter mais organizado. No próximo tópico, tratarei de forma mais específica sobre o caráter burocrático e técnico da limpeza urbana e a estrutura do serviço atendendo à população no cotidiano. Os serviços sanitários eram novidade, realidade de cidades urbanizadas, e por isso constituíam-se em grande medida com base na experiência de trabalho fundamentada em três etapas: o recolhimento, o transporte e destinação final dos resíduos. A última etapa vai ser abordada com maiores detalhes no próximo capítulo.

### **2.3 A burocracia do lixo**

Não tenho como intenção focar em cada contrato em específico e transcrevê-los na íntegra. Busquei nos contratos a relação do lixo com a materialidade e menos uma história burocrática e institucional. Os assuntos de maior interesse para a pesquisa concernem à rotina e aos horários de trabalho, quais os bairros atendidos, a mão-de-obra do lixo (pessoas e animais), meios de transporte e quais as tecnologias usadas. Parte dos assuntos compilados no Código de Posturas de 1894 foi reunida por Alexandre José de Mello Moraes Filho.<sup>154</sup>

---

<sup>153</sup> KESSEL, Carlos. *A vitrine e o espelho do Rio de Janeiro de Carlos de Sampaio*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), 2001.

<sup>154</sup> MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. *Código de Posturas: leis, decretos, editais e resoluções da Intendência Municipal do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Papelaria e Typographia Mont'Alverne, 1894.

Quantas pessoas ao certo trabalhavam na equipe da limpeza urbana ou dados estatísticos sobre o orçamento das empresas são perguntas de pesquisa ainda em aberto pela falta de acesso aos documentos institucionais. As informações coletadas nesses aspectos partem principalmente da imprensa e, quando possível, da literatura secundária. Os jornais também eram um meio de comunicação dos agentes não institucionais da narrativa do lixo, como os moradores comuns do Rio de Janeiro.

De acordo com Mario Aizen e M. Pechman, ao menos onze empresas foram listadas na função da limpeza urbana no período compreendido de 1835 a 1903: Jean Felipe Augusto (1835), João Frederico Russel (1850), José Narciso de Cerqueira (1835), G. Neuville (1850) José Espinosa (1854), Antonio Nunes Souza e Cia (1859), Mello Junior & Cia (1869) Nunes de Sousa (1873), Empresa Gary (1876), Firma Mendonça e Cia (1898), Companhia Industrial do Rio de Janeiro (1898).<sup>155</sup>

Com propósito de comparação, na consulta aos contratos disponíveis em arquivos *online* foram encontradas definições similares sobre as atribuições da limpeza urbana, como esta de 1894:

1a Entende-se por limpeza da cidade - varrer as ruas, desobstruir sarjetas, remover pó, terra, tijolos, pedras, lixo, animais mortos, vegetação e tudo quanto for imundícies, não se entendendo compreendido em limpeza qualquer objeto deixado nas ruas pelos donos ou empresários de obras, de concertos, de calçamento e de encanamentos; porque em tais casos os donos ou empresários é que são obrigados a fazer a remoção, e quando a não façam, poderá o empresário da limpeza fazê-la, tendo direito à indemnização de quem tiver obrigação de fazê-la.<sup>156</sup>

Mais tarde:

O serviço da limpeza consiste na remoção de todas as matérias orgânicas e inorgânicas susceptíveis de se corromperem e de viciarem o ar ambiente pela exalação de miasmas ou incomodarem as pessoas que transitam, ou de obstruírem as vias de comunicação e esgotos, e de impedirem o trânsito público, como pedras, tijolos e telhas quebradas, terras soltas, poeira, lamas, animais mortos, restos vegetais e de animais, águas estagnadas, e tudo o que compreende a palavra imundice.<sup>157</sup>

O conceito de circulação aplicado ao lixo significava a remoção dele dos espaços indevidos. A limpeza pública tinha como objetivo organizar o ambiente urbano e, ao fazer isso, retirava do caminho todos os corpos indesejados. Os funcionários eram responsáveis pelo controle da socionatureza indesejada: a capinação de vegetais, a varrição de ruas e

<sup>155</sup> AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit.

<sup>156</sup> Condições para a limpeza da cidade. MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. Código de Posturas: leis, decretos, editais e resoluções da Intendência Municipal do Districto Federal. Rio de Janeiro: Papelaria e Typographia Mont'Alverne, 1894. pg. 167.

<sup>157</sup> Condições para a limpeza e remoção do lixo da cidade. op. cit. pg. 200.



praças públicas, lavagem de latrinas e urinários públicos, irrigação de ruas, a eliminação de corpos d'água estagnados (os charcos, as poças) e a remoção de todo tipo de matéria orgânica suscetível à decomposição (restos de comida, cadáver de animais, esterco). Já em relação às casas, existia o serviço dos carroceiros particulares. Como nem todos conseguiam pagar ou tinham na residência artefatos para guardar o lixo, as ruas acabavam por ficar sujas por essa falta de estrutura nas casas.

O trabalho começava nas primeiras horas da manhã com flexibilidade entre os meses de verão e de inverno, de modo a evitar o trânsito de carroças e de lixeiros em horários de maior atividade nas ruas. De acordo com Postura de 7 de outubro de 1889: “O serviço da limpeza principiará tão cedo quanto seja bastante que nos meses de maio a setembro esteja terminado às 8 horas da manhã, e nos outros meses às 7 horas da manhã.”<sup>158</sup>

Os endereços centrais recebiam mais atenção pelo maior número de atividades e pessoas circulando *em todas as ruas, praças, etc., do 1º e do 2º districtos, e além destas nas ruas especialmente designadas na condição 6º se conservará perfeitamente a limpeza durante o dia.*<sup>159</sup> Assim como a Praça do Mercado:

Art. 4º O serviço da remoção do lixo das ruas e das casas será feito somente até às 9 horas da manhã, nos meses de Outubro a Março, além destas horas, das 5 às 6 da tarde, no primeiro dos ditos períodos, e das 4 às 5, no segundo, o serviço da remoção do lixo das praças do Mercado público.<sup>160</sup>

O primeiro e o segundo distrito correspondiam à área central do Rio de Janeiro nas freguesias de Candelária, São José, Sacramento, Santa Rita até Santana, atualmente a região do centro histórico e portuária.<sup>161</sup> Depois da remoção, o lixo circulava em carroças. O modelo era designado e fiscalizado pela Câmara. O caixote da carroça modelo “Zohy” era de zinco e hermeticamente fechado:

a carroça destinada à coleta de lixo passará defronte da casa e o condutor anunciará a sua presença, dando um sinal de aviso convencionado da porta ou do portão do prédio ou por meio de companhia (sino) que cada carroça deverá trazer.<sup>162</sup>

---

<sup>158</sup> Condições para a limpeza e remoção do lixo da cidade. op. cit. pg. 205.

<sup>159</sup> Contracto que faz o Ministerio do Imperio com Aleixo Gary para execução dos serviços da limpeza e irrigação da Cidade do Rio de Janeiro. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negocios do Imperio. 1876. pg. 1.

<sup>160</sup> Sobre as carroças que removerem o lixo das ruas e das casas da cidade. de 9 de março de 1875. op. cit. pg. 23.

<sup>161</sup> Contracto que faz o Ministerio do Imperio com Aleixo Gary para execução dos serviços da limpeza e irrigação da Cidade do Rio de Janeiro. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negocios do Imperio. 1876. pg. 1.

<sup>162</sup> AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit. Pg 64.



Figura 6: Modelos e veículos de Aleixo Gary. Fonte: AIZEN; PECHMAN. Memória da Limpeza Urbana. *op. cit*

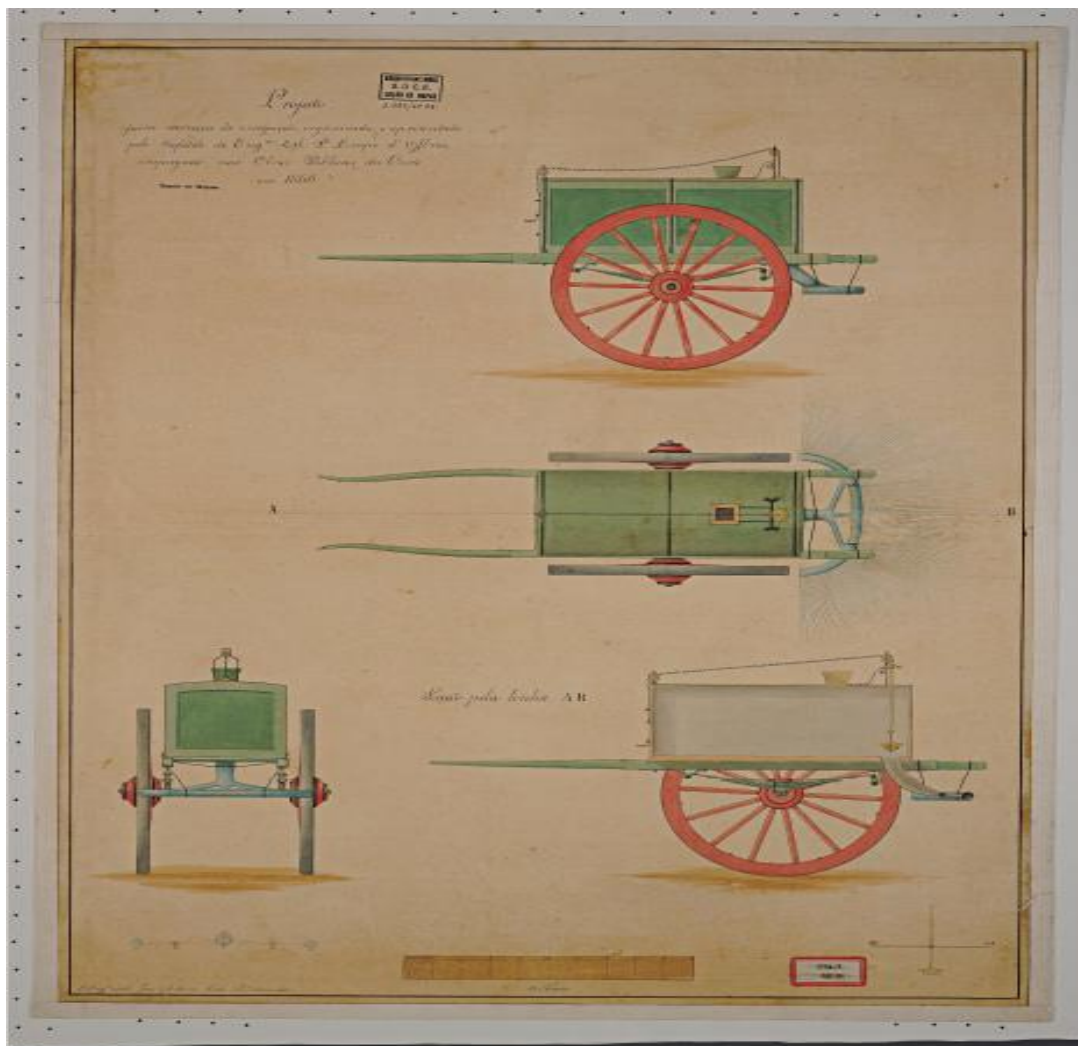


Figura 7 Carroça de irrigação Pública. Fonte: AIZEN; PECHMAN. Memória da Limpeza Urbana. *op. cit*

As ruas eram a grande área de atuação e de circulação dos agentes da limpeza pública. O lixo removido era jogado nas praias, pântanos e outros tipos de vegetação litorânea ou em locais designados pela Câmara para servir de aterro. Por recomendação da saúde pública, desde 1865 a maior parte do lixo recolhido nas casas era enviado para a Ilha de Sapucaia.<sup>163</sup> No terceiro capítulo falarei mais sobre os efeitos do uso de espaços da natureza como depósito de lixo.

Com base em pesquisa nos códices do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, os autores argumentam que não houve mudanças significativas no modo de realizar a limpeza urbana até a contratação de Aleixo Gary, em 1876. No período anterior, competiam

<sup>163</sup> REGO, José Pereira. Brasil. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negócios do Império. Rio de Janeiro, 1865.

pela cidade empresas e particulares interessados em oferecer serviços básicos e de maneira pontual. Os empresários chegavam a oferecer aparelhos e outros equipamentos, como no caso de Anacleto Rhodes e seus vasilhames hermeticamente fechados. Havia os escravos tigrés, como já mencionado, e os carroceiros particulares. Em 1835, a Câmara solicitou a retirada do esgoto e das águas fluviais das casas pela firma de João Frederico Russel. Em 1847, ordenou a coleta diária de resíduos das áreas centrais duas vezes ao dia, via carros alugados. Desde 1830, as ruas eram lavadas de modo a não acumular poeira nas freguesias centrais, sendo em 1869 estendido aos demais bairros urbanos.<sup>164</sup>

O empresário Aleixo Gary é um capítulo à parte na memória da limpeza urbana carioca. De origem francesa, até hoje seu sobrenome adaptado para “gari” é usado como referência aos lixeiros. Em matéria do jornal *Correio da Manhã* narrou-se história similar acontecida em Paris:

Prefeito, houve, em Paris, que ali instituiu, um dia, o uso obrigatório da lata de lixo. O lixo, até então, era atirado na rua. O povo achou graça e guardou o nome do inovador. Onde? Na lata. O prefeito chamava-se "*poubelle*" é a lata de lixo. Sobrevivência análoga deu-se no Rio, com Luciano Gary. Há 60 anos a coleta de lixo na cidade era entregue a particulares. Dirigia-se o sobredito Luciano, que tinha sob seu comando grande número de lixeiros. Um dia a Prefeitura avocou a si a direção do serviço. Luciano Gary foi alijado. "Desapareceu. Mas não desapareceu o seu nome, como em Paris, não desapareceu a "*poubelle*".<sup>165</sup>

A *Aleixo Gary & Company* manteve o contrato de 1876 a 1891, do Império à República. Na Limpeza Pública, Aleixo Gary expandiu os seus negócios. Em 1885, tornou-se provisoriamente responsável pela limpeza das praias. Muitas de suas ideias também foram adotadas. De olhos no outro lado do Atlântico, Gary importava tecnologias como as lixeiras de *Poubelle*.

Inicialmente foi contratado para a limpeza e irrigação da cidade pelo período de dez anos e para as seguintes localidades:

1° os territórios das freguesias de S. Jose, de Nossa Senhora da Candelária, do Santíssimo Sacramento e de Santa Rita; 2° os territórios das freguesias de Sant'Anna e Santo Antônio; 3°o território da de S. Cristóvão; 4° os territórios das do Divino Espírito Santo e de S. Francisco Xavier do Engenho Velho, até o Andaraí, no lugar denominado Aguas Férreas, em frente ao hotel - Aurora; 5° o

<sup>164</sup> AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit.

<sup>165</sup> O Paiz. [A Sapucaia e suas relações com a cidade. Um punhado de cousas curiosas que não foram, de roldão, no lixo abandonado. Fortunas achadas pelos trapeiros - A resistencia orgânica dos trabalhadores - Na Ilha não há doentes - Como se vende uma greve - Os garys e a "pubelle" s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N°11.408. 20 de fevereiro de 1932.

território da de Nossa Senhora da Glória; 6° o território da de S. João Baptista da Lagoa.<sup>166</sup>

No segundo contrato de 1881 a cidade aparecia de forma mais complexa:

o 1° é formado por uma linha que, partindo da praia do Saco dos Alferes em frente da rua da América e seguindo por esta, pela rua das Flores até a do Conde d'Eu, e pelas do Riachuelo, Evaristo da Veiga, Ajuda e S. José, termine na ponte das barcas da Companhia Ferry; o 2° compreende o perímetro que se estende desde os lados do sul e este do 1° distrito até o fim das ruas do Senador Vergueiro e Marques de Abrantes, e no qual se incluem o bairro das Laranjeiras até ao Cosme Velho, os cães e todas as outras ruas existentes neste perímetro; o 3° abrange o perímetro traçado por uma linha que parta do lado do oeste do 1° distrito, e circulando a praça Onze de Junho, siga pelas ruas do Senador Eusebio, Miguel de Frias e S; Cristóvão até o Matadouro, onde, dividindo-se em dois ramos seguirão, um destes pela rua Nova do Imperador e o outro pela de S. Cristóvão, abrangendo em seus limites extremos o território situado entre as ruas Nova do Imperador até a do Duque de Saxe, S. Francisco Xavier, Pedregulho e toda a Ponta do Caju; o 4° é formado pelo perímetro compreendido entre as ruas das Flores, Visconde de Itaúna e Conde d'Eu, desde a entrada da do Riachuelo, e os bairros de Catumbi, Rio Comprido, Engenho Velho até o hotel Aurora, incluindo as ruas da Babilônia e do Desembargador Isidoro até o ponto dos carros da companhia de S. Cristóvão; o 5° abrange todo o bairro de Botafogo, desde o morro da Viúva até a Praia Vermelha, e o bairro de S. Clemente até o largo dos Leões; o 6° compreende os morros de Santa Thereza com referência ás ladeiras e ruas até o Largo dos Guimarães, e mais a rua de D. Luiza, desde o ponto das Escadinhas até ao mesmo largo, e toda a rua do Cassiano; de Paula Mattos, do Neves e da Floresta, com referência a toda a rua de Paula Mattos até a Igreja de N.S. das Neves, toda a rua da Floresta até o Largo do Catumbi, bem assim as ruas intermediarias entre as de Paula Mattos e das Neves; - da Pedreira da Candelária, com referência á rua Nova da Princesa Imperial até o largo denominado da Boa Vista; - da Glória; de S. Bento, quanto á ladeira somente; - do Castello; de Santo Antônio, quando á ladeira somente; - da Conceição; - da Pedra do Sal; - da Saúde; - do Livramento; - da Formiga; - do Nheco e do Pinto.<sup>167</sup>

Em adicional, já aparecem bairros da Zona Sul. Aleixo Gary garantia a expansão dos seus negócios conforme a cidade crescia. Depois, em 1885, foram acrescentados bairros da Zona Norte:

Boulevard de Villa Isabel, desde a ponte do Maracanã até a praça Sete de Março, em frente ao lampião n.7963; dali seguindo pelo lado direito da dita praça até ao novo ponto terminal dos bondes de Villa Isabel; ruas Duque de Caxias, Visconde de Abaeté, Silva Pinto e Affonso Celso, na parte em que se acham prontas; rua de Souza Franco, desde a pedreira ali existente até o palacete Maxwell; rua de S. Luiz Gonzaga até ao largo do chafariz; rua do Jockey Club desde esse largo até ao portão do bilheteiro do Prado e do largo até os trilhos da Estrada de Ferro; da

<sup>166</sup> Contracto que faz o Ministerio do Imperio com Aleixo Gary para execução dos serviços da limpeza e irrigação da Cidade do Rio de Janeiro. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negocios do Imperio. 1876. pg. 1.

<sup>167</sup> Termo pelo qual o empresario do serviço da limpeza publica, Aleixo Gary, declara aceitar o contrato celebrado em 10 de outubro de 1876 para a execução do dito serviço, com as modificações constantes do Decreto n. 3024 de 25 de novembro do anno passado. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negocios do Imperio. 1876.

cancela da estação de S. Francisco Xavier, rua 24 de Mario, até á rua Cerqueira Lima, no Riachuelo, freguesia do Engenho Novo.<sup>168</sup>

Os contratos davam cobertura aos bairros mais povoados da cidade, justamente aqueles com melhor infraestruturura, atendidos pelas linhas de bonde (Botafogo, Laranjeiras, Vila Isabel) ou pelo trem (Engenho Novo). A maior parte do lixo chegava à Ilha de Sapucaia, no entanto, parte continuava no caminho em aterros clandestinos. Um dos maiores, no mangue de Benfica, chegou a um raio de 800 metros em função do aterramento.<sup>169</sup>

Como resultado surgiam “pequenas Sapucaias” em terrenos baldios nas áreas residências:

Peço auxílio da vossa pena, pronta em tomar a defesa da justiça e bem público, a fim de que reclameis da administração da limpeza pública providências no sentido de coibir-se a alusão de alguns moradores que fazem de um terreno devoluto na rua Salgado Senha, entre os n. 9 e 9D, uma espécie de Ilha de Sapucaia, despejando o lixo ali, sem consideração para outros moradores da mesma rua.<sup>170</sup>

Incontáveis eram as reclamações sobre a limpeza urbana e não partiram só dos profissionais de saúde pública. O campeão das reclamações foi o lançamento de lixo as ruas por parte da própria população:

Não se trata de limpeza, mas sim de imundície, porque graças à tolerância das autoridades municipais, um grande número dos moradores da cidade continua a despejar na via pública o lixo das suas habitações. Uns atiram lixo na rua; outros queimam-no em quintais, outros ainda o transportam em sacos de um ponto para outro e até, ao que se diz, a própria Santa Casa o aterra no sopé da montanha que fica ao fundo desse grande estabelecimento de caridade - atentado em cuja existência nos repugna acreditar, mas que, se fosse real, representaria a mais profunda ignorância levada até a inconsciência do crime.<sup>171</sup>

E a falta de fiscalização:

O mictório da travessa da Relação, esquina da rua dos inválidos, está em tal estado de imundície, que repugna a quem por ali passa sentir o mau cheiro que dali se desprende. Aquilo já não é somente mictório, e ... mais alguma coisa. Não terão passado por aquelas imediações empregados da Prefeitura ou da higiene, alguém enfim, a quem caiba zelar pela limpeza pública? ...<sup>172</sup>

<sup>168</sup> Termo pelo qual o empregario da limpeza publica da cidade do Rio de Janeiro se obriga a ampliar aqeuille serviço aos bairros de Vila Isabel e Engenho Novo. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negócios do Imperio. 1881.

<sup>169</sup> Jornal do Brasil. [Superintendência do serviço da limpeza pública e particular s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N. 151. p. 13. 2 de junho de 1921.

<sup>170</sup> Jornal do Brasil [Queixas do povo s/autor]. Rio de Janeiro. Ano X. N°159. página 3. 8 de junho de 1900.3

<sup>171</sup> O Paiz. [Limpeza da Cidade o título está errado talvez s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XV, n °5120, p.1, 11 de outubro de 1898.

<sup>172</sup> Jornal do Brasil. [Queixas do povo s/autor]. Rio de Janeiro. Ano X. N°139. página 2. 19 de maio de 1900.

Em 1891, terminou o contrato com a empresa Gary. Depois de certa estabilidade, houve um período de crise e a limpeza pública passou para as mãos do Estado Republicano. Os contratos com as empresas duravam meses e logo abriram falência. Em 1893, foi criada a Inspetoria de Limpeza Pública sob o comando de Luciano Gary, sobrinho de Gary. No ano seguinte, iniciou-se a construção de um forno de incineração na Fazenda Manguinhos. Por conta da alta despesa de funcionamento, a Inspetoria foi desativada em 1897. Dois anos depois, aconteceu a segunda experiência de administração da limpeza pelo Estado.<sup>173</sup>

Na mensagem anual, o prefeito Cesário Alvim reclamava da ambição dos empresários em lucrar com o lixo sem honrar os contratos da limpeza urbana, logo, descumprindo com os preceitos básicos de higiene. Então, a Superintendência foi criada como serviço público como garantia de uma cidade limpa e com mais estabilidade devido a todas os problemas enfrentados. A estatização, no entanto, não garantiu melhora na qualidade dos serviços. No início do século XX, a cidade passou pela maior reforma urbana até então realizada, junto da reforma do aparelho administrativo, na qual foram reorganizados os serviços de limpeza em torno da Superintendência de Limpeza Pública e Particular subordinada à Diretoria de Higiene.

#### **2.4. O lixo no século XX**

Em 1902, o engenheiro Francisco Pereira Passos foi convidado pelo presidente Rodrigues Alves para assumir o cargo de prefeito do Rio de Janeiro. Rodrigues Alves tinha como programa de governo o saneamento e a modernização da capital da República e, não à toa, escolheu o engenheiro Pereira Passos pela experiência prévia como parte da equipe de engenheiros responsável pelo relatório da Comissão de Melhoramentos da Cidade. O conceito de abertura e de circulação do espaço foi aplicado à fisionomia do Rio de Janeiro com inspiração no outro lado do Atlântico na reforma feita pelo Barão de Haussmann em Paris. O presidente e o prefeito comandaram a chamada “grande reforma urbana do Rio de Janeiro”, apesar de Pereira Passos ter se tornando o símbolo da remodelação urbana chamada comumente apenas de Reforma Pereira Passos.<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009.

<sup>174</sup> AZEVEDO, André Nunes. *A Grande Reforma do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2016.

A construção da Avenida Central (atual Rio Branco) e sua inauguração, em 1905, foi um dos grandes símbolos e legados das reformas urbanas. A avenida tinha caráter simbólico e eclético: era um espaço de apresentação da modernidade, de circulação de pessoas e de trânsito de automóveis.<sup>175</sup>



Figura 8: Augusto Malta. 1928. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 0817] Limpeza do canal do Mangue.

O prefeito Pereira Passos ainda possui função significativa na reorganização de serviços públicos e no redirecionamento da pauta dos costumes. Passos proibiu a atuação dos ambulantes nas ruas, a ordenha de vacas, urinar fora dos mictórios, cães vadios perambulando pela cidade. O cerceamento dos costumes na gestão de Passos tinha como princípio o higienismo, com a expectativa de aumentar o grau de civilidade dos habitantes da cidade e a finalidade de colocar ordem no espaço urbano.<sup>176</sup>

<sup>175</sup> BENCHIMOL, J. L. Reforma urbana e revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: Jorge Ferreira; Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Brasil Republicano*. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, vol 1, p. 231-286.

<sup>176</sup> AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit.





Figura 9: BARREIROS, Eduardo Canabrava. A cidade do Rio de Janeiro depois da Reforma Pereira Passos. Rio de Janeiro, 1965. Disponível em <https://www.imagnerio.org/en/iconography/maps/2589090>

Na administração de Passos, a Superintendência de Limpeza Pública e Particular ganhou autonomia. A Superintendência de Limpeza Pública e Particular era a segunda tentativa dentro do Estado Republicano da estatização da limpeza urbana após a década turbulenta de 1890.

Até o ano de 1891, a atual superintendência da Limpeza Pública e Particular pertence à Empresa Gary. De 1891 a 1892 passou para o ministério do interior e em princípios de 1893 passou à Municipalidade. Desde essa data têm sido inspectores, os srs: 1º Coronel Paulo José Pfaltzgraff; 2º Luciano Gary; 3º

Companhia Industrial do Rio de Janeiro, sendo gerente o sr. Luiz de Mattos (ano de 1898); 4º Municipalidade (ano de 1899) sendo nomeado superintendente do Sr. Luciano Gary. 5ºDr. Tigna Cunha; 6ºDr. Abdon Milanez; 7º e último, dr. Manuel Maria Del Castillo, que foi nomeado e tomou posse em 14 de janeiro de 1900.<sup>177</sup>

A partir de 1903, o órgão passou a ser subordinado diretamente ao Gabinete do prefeito. A criação da Superintendência significou um período de cerca de 30 anos de estabilidade para o serviço de limpeza. Junto à limpeza urbana, foram estatizados barcos, lanchas, o cuidado com os animais e outros insumos próprios da autarquia. Como as obras de remodelação da cidade levantaram muita poeira, uma das funções era a remoção do entulho e a irrigação da área central. Outras funções já mencionadas continuavam a existir como a varrição de ruas, a remoção do lixo residencial, a limpeza dos morros, vales, mictórios, *waterclosets*, capinação, recolhimento de cães, conservação da Lagoa Rodrigo de Freitas.<sup>178</sup>

A grande maioria dos arquivos sobre a Superintendência estão no AGCRJ, então parte das informações sobre a autarquia foram recuperadas do *livro Memória da Limpeza Urbana*, de imagens do Fundo Augusto Malta e dos jornais. Para representar a limpeza pública como parte oficial do Estado, o *Jornal do Brasil*, publicou a serviço da prefeitura seis reportagem no mesmo ano de 1903, em visita a cada um dos escritórios da Superintendência (São Cristóvão, Botafogo, Fábrica das Chitas, Posto de Todos os Santos, Posto de Santa Thereza e Ilha de Sapucaia).

---

<sup>177</sup> Jornal do Brasil. [Limpeza Publica Visita O escriptorio As Officinas As Cocheiras Estado do Material A Actual Superintendencia Varias Notas Impressões s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XII. N° 69. página 2. 10 de março de 1902.

<sup>178</sup> AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit.



Figura 10: Rua do Passeio, nº 82. Sede da Superintendência de Limpeza Pública Imagem: Possível Augusto Malta. 1928. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal.

Em visita à sede da Superintendência, os jornalistas listaram o material de trabalho: *grande quantidade de sacos de milho e de alfafa, vassouras, pás, enxadas, regadores, enfim, tudo quanto diz respeito à limpeza pública etc.*<sup>179</sup> A Superintendência introduziu novas tecnologias ao trabalho. Em 1906, concretizou a primeira experiência com o uso do automóvel. Por isso, em 1907 a Superintendência comprou uma fazenda na região de Guaratiba para cuidados com os animais. A autarquia contava com a própria oficina.<sup>180</sup>

<sup>179</sup> Jornal do Brasil. [Limpeza Publica Visita O escriptorio As Officinas As Cocheiras Estado do Material A Actual Superintendencia Varias Notas Impressões s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XII. N° 69. página 1. 10 de março de 1902.

<sup>180</sup> AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit.



Figura 11: Possível Aristógiton Malta. 1938. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 2478]

Em 1933, a Superintendência de Limpeza Pública e Particular foi substituída pela Diretoria de Limpeza Pública e Particular. Depois, o prefeito Henrique Dodsworth criou o Departamento de Limpeza Urbana.<sup>181</sup>

O lançamento de campanhas públicas como “é mau hábito ...” em plena década de 1930 eram sintomas do problema duradouro da sujeira das ruas. Apenas cem anos antes a Câmara Municipal lançava a postura proibindo o lançamento de lixo e demais elementos incômodos às ruas. A lei não era cumprida. Independente da forma de governo, as ruas do Rio de Janeiro ainda serviam de depósito de lixo para a população.

<sup>181</sup> AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit.



Figura 12 Campanha lançada em 1930 para conscientizar a população sobre os perigos de lançar lixo nas ruas.  
Fonte: AIZEN; PECHMAN. Memória da Limpeza Urbana. *op. cit.* pg 107.

Nas fotos e nas legendas das imagens é perceptível as mudanças na cidade. Os bondes elétricos, os veículos de combustão motora, a altura dos prédios difere bastante da cidade há cerca de cem anos atrás. Era possível percorrer a pé o Rio de Janeiro oitocentista e poucos prédios ultrapassaram o primeiro andar.

Na década de 1930, os dois planos diretores da cidade apontavam por uma solução para o problema do lixo pelo fogo. No Código de Obras de 1937 havia instruções sobre a construção de incineradores. “O fogo purifica tudo” estava no topo das justificativas da incineração no Plano Agache de 1930. O Plano Agache havia sido encomendado pelo prefeito Antônio Prado Júnior ao arquiteto francês Alfred Agache em 1926. De forma mais básica, o plano sugeria a setorização da cidade (moradia, comércio e indústria) sugerindo soluções a problemas do crescimento desordenado. O lixo e o esgoto estavam na sessão dos “Grandes Problemas Sanitários.”<sup>182</sup> O lixo doméstico era dividido em duas categorias: os produtos capazes de fermentar (lixo orgânico) e o material incapaz de entrar em

<sup>182</sup> PREFEITURA DO DISTRICTO FEDERAL; AGACHE, A. Cidade do Rio de Janeiro: Extensão-Remodelação-Embelezamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Disponível em <http://planourbano.rio.rj.gov.br>.



decomposição. Era comum a mistura entre os dois tipos. O ensacamento do lixo foi introduzido na década de 1940.



Figura 13: Possível Aristógiton Malta. 1938. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 2674]

O lixo em fermentação causava mau cheiro e atraía ratos, baratas, moscas, mosquitos e “prejudicava a limpeza pública”: *“É um centro extremamente sujeito à fermentação, muito favorável à multiplicação das bactérias, e a sua acumulação prolongada, facilita a fermentação e exalam então um cheiro insuportável.”*<sup>183</sup> Para lidar com o lixo orgânico, o arquiteto sugeria construir diversos incineradores ao longo da cidade. Já o lixo sólido e não-orgânico era pouco nocivo e capaz de ser jogado sobre o solo. O Plano nunca saiu do papel, no entanto.

O vazadouro por terra e ambientes aquáticos continuava a ser a técnica de destinação de resíduos mais usada. A função da Ilha de Sapucaia se estendeu pelo Aterro do Amorim e do Retiro Saudoso, na área próxima ao Caju, em 1940. A cidade ainda enfrentava problemas relacionados à escolha da “cloaca final”. A Lagoa Rodrigo de Freitas pelo aterramento

<sup>183</sup> PREFEITURA DO DISTRICTO FEDERAL; AGACHE, A. Cidade do Rio de Janeiro: Extensão-Remodelação-Embelezamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Pg. 307.

também recebia parte dos resíduos e começava o uso de um aterro em Benfica, na Zona Norte.<sup>184</sup>

## 2.5 A solução pelo fogo: os incineradores

Os incineradores de lixo foram parte de discussões em busca da solução do problema do lixo. No período entre 1890 e a década de 1930 houve discussões substanciais sobre a construção de fornos incineradores no Rio de Janeiro.

Em 14 de janeiro de 1891, Francisco Ortiz demonstrou a utilidade do seu aparelho em um prédio na rua Benedictos com a presença da imprensa (*Diário de Notícias, Jornal do Commercio, Gazeta da tarde*). O invento elogiado pela imprensa e pelo inspetor geral de saúde, Souza Lima era descrito sob as seguintes características,

É uma caixa de ferro que se adapta à parte posterior de qualquer fogão de ferro e que por um tubo recebe do fogo todo calor e fumaça. Dentro desta caixa coloca-se uma menor com orifícios, contendo o lixo, que fica completamente seco pelo calor e fumaça, recebidos do fogo. Depois de seco o lixo, abre-se o registro e pela tiragem da chaminé dá-se completa incineração em menos de meia-hora. Sem combustível, ocupando muito pequeno espaço e não produzindo calor, o forno de incineração do Sr. Ortiz satisfaz o fim a que é destinado.

Apesar da originalidade do aparelho, facilidade de uso, dentre outros elogios, não há registros posteriores sobre a implementação da ideia de Ortiz.

Em 1895, a Inspetoria começou o projeto de construção de um forno incinerador no terreno da Fazenda Manguinhos. O incinerador de Manguinhos chegou a ser usado, mas desativado na década de 1920. Recentemente, durante a construção da nova sede de uma

---

<sup>184</sup> AIZEN; PECHMAN. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit.

unidade da Fundação Oswaldo Cruz, a Casa de Oswaldo Cruz, foi encontrada a ruína da chaminé dos fornos e outros objetos queimados ali.

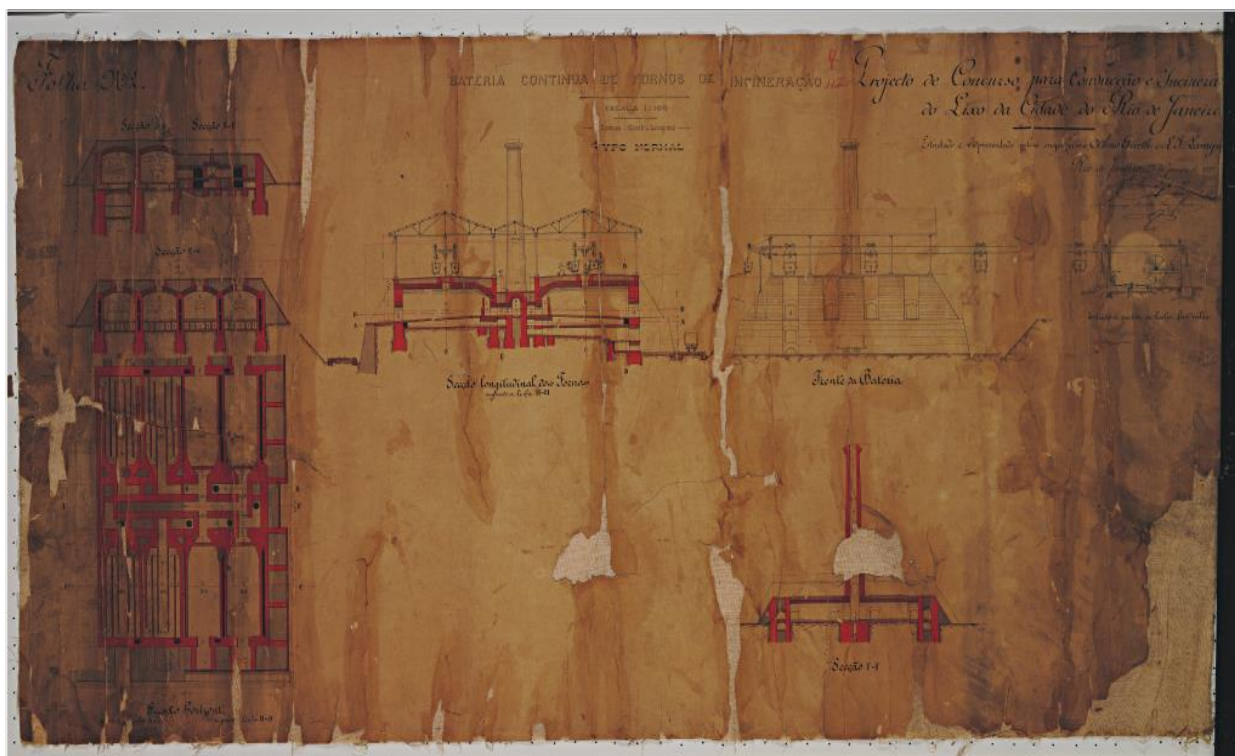


Figura 14 Forno para incineração dos detritos de limpeza pública e particular. Fonte: Arquivo Nacional. Código de Referência BR RJANRIO PI.0.0.7365





Figura 15: Chaminé com o Castelo de Manguinhos ao Fundo. Fonte: Base Arch Instituto Oswaldo Cruz. Código de referência: BR RJCOC 02-10-20-05-003-0

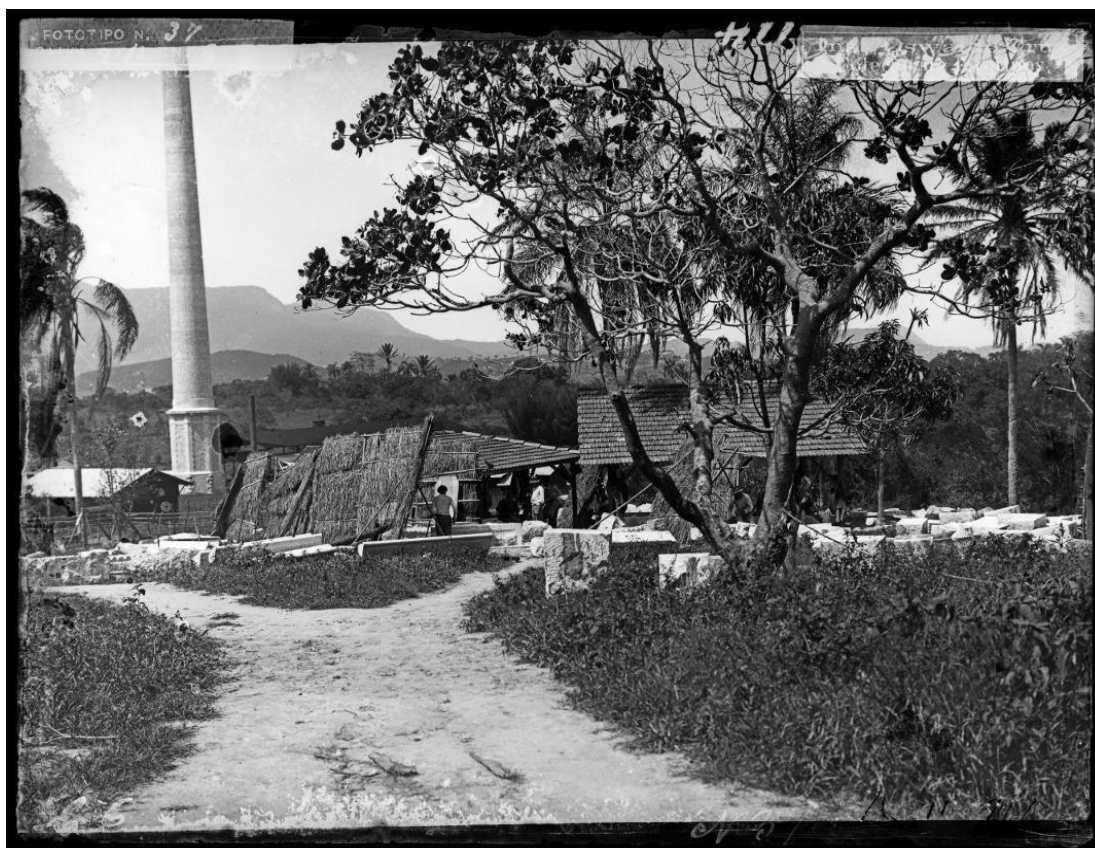


Figura 16 Antigas instalações e chaminé do forno incinerador de lixo. Código de Referência: BR RJCOO 02-10-20-05-001-06

O vazadouro por terra e ambientes aquáticos continuava a ser a técnica mais usada de destinação aos resíduos. A função da Ilha de Sapucaia se estendeu pelo Aterro do Amorim e do Retiro Saudoso na área próxima ao Caju, em 1940. A cidade ainda enfrentava problemas relacionados à escolha da “cloaca final”. A Lagoa Rodrigo de Freitas também recebia parte dos resíduos através dos serviços de aterramento e começava o uso de um aterro em Benfica, na Zona Norte.

Apesar de não exalar o mau cheiro do lixo sólido, o lixo inorgânico tinha impacto poluente no corpo d’água e nos ecossistemas periféricos da Baía de Guanabara. Sem solução permanente para o problema do lixo, o material orgânico e inorgânico continuava a ocupar lugares. No próximo capítulo, vou investigar a dinâmica entre a maior cloaca da cidade e o lixo, com a finalidade de entender como tantos anos de sucessivos aterros impactaram a natureza do Rio de Janeiro.

### **CAPÍTULO 3 LUGARES DE DESPEJO: A ILHA DE SAPUCAIA E OUTRAS “CLOACAS” URBANAS**

O metabolismo urbano não estava completo até a remoção dos corpos indesejados. A sujeira era transportada por entre/no sistema de circulação do corpo urbano e cabia aos sistemas sanitários (esgoto e lixo) a função de regulamentação de levar a sujeira de um ponto ao outro da cidade. Como mencionado no capítulo anterior, as vassouras, carroças, mangueiras, feno e demais material necessário ao trabalho humano e não-humano poderiam ser encontrados nas sedes da Superintendência e nos editais públicos lançados ao longo dos anos na imprensa. Por causa da pandemia, não tive acesso a orçamentos e listagem mais detalhadas sobre contas veterinárias, estado de saúde de animais, folha de pagamento de funcionários, por exemplo, vindos de documentação oficial.<sup>185</sup> Afora o caráter burocrático, mesmo com toda a estrutura de trabalho estabelecida (horário, posturas, carroças), ainda restava o dilema: para onde levar o lixo recolhido?

No capítulo anterior, argumentei sobre a montagem e administração pelos idealizadores da socionatureza de serviços sanitários como resposta aos problemas de saúde pública identificados no meio ambiente urbano. Já neste capítulo, busco pesquisar como a cidade fazia uso de espaços naturais e o trabalho da natureza como parte da tarefa da limpeza. Tenho como intenção, também, investigar de que maneira os fenômenos da natureza participaram do processo de circulação de humanos e não-humanos, ou seja, o trabalho da natureza (a força dos ventos, correnteza dos corpos d'água, a chuva, o uso de terrenos pantanosos, também o fogo) como parte essencial dos serviços sanitários. Para finalizar a tarefa, parte da socionatureza estava a serviço da limpeza urbana.

A perspectiva de limpeza urbana defendida ao longo desta pesquisa é uma ação de mudança material, que se dá sobre o espaço, no estado físico da matéria e usa da combinação de agentes humanos (o corpo e a força física), não-humanos (os microrganismos que realizam a decomposição, os animais) e biofísicos (topografia, bacia hidrográfica, calor, o regime de chuvas) e de tecnologias (veículos, fornos de incineração). Tenho como objetivo no capítulo final apresentar elementos tradicionalmente pouco associados à limpeza urbana, mas absolutamente necessários para a limpeza. Defendo a limpeza pública para além da

---

<sup>185</sup> A documentação estava listada no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Não se sabe o estado da documentação ou o conteúdo dos processos.

questão institucional, como um setor vivo, dinâmico, transformador e mobilizador da comunidade.

Outro objetivo é compreender de que maneira o lixo alterou as características naturais do meio ambiente criando territórios sujos e zonas de poluição. A poluição era mais um dos produtos do metabolismo urbano e resultava da ação antropogênica pela introdução de agentes químicos, substâncias sintéticas, inorgânicas no meio ambiente. A poluição descarregava no ar, na água e na terra os produtos desse metabolismo e causava prejuízos ao meio ambiente e à saúde pública. Para tanto, fiz uso do conceito de “*the ultimate sink*” ou em tradução livre “última cloaca” do historiador ambiental urbano Joel Tarr, para compreender como o movimento de circulação do lixo implicava diretamente em poluir o meio ambiente.<sup>186</sup>

Os corpos d’água, o ar e a terra exerciam funções de canais de passagem, de comunicação da cidade com/pelo sistema de excretor. Outro elemento mobilizado como agente de limpeza foi o fogo. A maneira mais antiga, usada desde os tempos de coletores, consistia em juntar lixo em pilhas e colocar fogo e enterrando as cinzas. No entanto, nas dimensões produzidas pela cidade eram necessários bons comburentes para dar conta de cerca de 400 toneladas diárias de material descartado. Além disso, eram incômodos a fumaça e o calor produzidos pela queima, gerando outro tipo de poluição. Por isso, entre os anos de 1890 até 1920 existem importantes discussões sobre a construção de fornos de incineração. O único a ser tirado do papel foi o da Fazenda Manguinhos, em 1894.

A sociedade carioca usava a natureza durante as mais diversas etapas do metabolismo urbano e atribuía valores diferentes a cada um dos componentes do ecossistema. Os pântanos eram sujos e estagnados, “*O canal do mangue, deposito de todo o fétido, acarretado pelas marés, servindo de lugar de despejo a todos os moradores que o bordão*”, registrou Luís Correa de Azevedo em 1874<sup>187</sup>. Já as praias, segundo ele, eram “*limpas por natureza*”<sup>188</sup>, ainda que o depósito constante de lixo alterasse essa característica. As ruas, “*estreitas, húmidas, mal calçadas.*”<sup>189</sup> Os cortiços, “*inúmeros, de capacidade insuficiente para os moradores, com pátios imundos, depósitos de toda a espécie de lixo*”. Nem as obras do

---

<sup>186</sup> TARR, Joel. *The search of the Ultimate Sink urban pollution in historical perspective*. Akron: The University of Akron Press, 1996.

<sup>187</sup> DE AZEVEDO, Luis Correa. Os esgotos da cidade do Rio de Janeiro (City Improvments) pelo Sr. Dr. Luiz Correa de Azevedo. *Annaes brasileiros de Medicina*. 1874.

<sup>188</sup> *Idem*.

<sup>189</sup> DE AZEVEDO, Luis Correa. Os esgotos da cidade do Rio de Janeiro (City Improvments) pelo Sr. Dr. Luiz Correa de Azevedo. *Annaes brasileiros de Medicina*. 1874.

esgoto escapavam às críticas, “*Canalizo de esgoto que se entope por toda a parte, e em todos os lugares apresenta os sinais de sua imperfeição; Canos de esgotos rotos, expostos constantemente à ação do calor.*”<sup>190</sup>

A maneira mais tradicional e com menos recursos tecnológicos de reaproveitamento de lixo era a utilização de adubo e na alimentação de certos animais. No entanto, os porcos eram proibidos nos centros urbanos, as galinhas também, justamente porque reviravam e ciscavam nos montes de lixo. Já em relação a hortas, jardins, plantações era proibido adubar “*com estrume que não seja químico, ou perfeitamente fermentado.*”<sup>191</sup>

### 3.1 Os corpos do trabalho

A população que movimentava o sistema excretor era humana e não-humana, oficial e contratada pelo Estado ou empresa, portanto, profissão organizada (varredores de rua, empregados na Ilha de Sapucaia, os lixeiros), os carroceiros particulares (autônomos) e os não oficiais (os trapeiros, “profissionais da catagem”).

No Rio de Janeiro, o serviço de transporte de mercadorias para fora e dentro da cidade durante o século XIX era feito majoritariamente por carroças (transporte de café, produtos alfandegários, terra, lama, alimentos, mortos, cadáveres de animais). Depois da proibição do tráfico negreiro, os carroceiros integraram a classe dos serviços essenciais. De acordo com Paulo Cruz Terra, no período entre 1870 e 1906 a categoria dos carroceiros e dos cocheiros protagonizou 22 greves e paralisações de trabalho. Apesar da condição de autonomia do carroceiro, a categoria era unida, contava com advogados e, mais tarde, com um sindicato.<sup>192</sup>

Os carroceiros do lixo eram categoria autônoma e responsável pela retirada do lixo das residências e comércios em acordo direto com o contratante – livre para escolher o fornecedor do serviço. A Câmara Municipal fazia o papel de regulamentadora, isto é, concedia as licenças aos carroceiros, designava onde o lixo era depositado, estipulava os horários para o trânsito de carroças e o modelo delas:

Art. 1º Os condutores de todas as carroças, tanto do serviço público, como do particular, em que se remover o lixo das ruas e das casas da cidade, não poderão

---

<sup>190</sup> DE AZEVEDO, Luis Correa. Os esgotos da cidade do Rio de Janeiro (City Improvements) pelo Sr. Dr. Luiz Correa de Azevedo. *Annaes brasileiros de Medicina*. 1874.

<sup>191</sup> Sobre a cultura de capim e estrumeação de terrenos. MORAES, op cit. pg. 307. 1891.

<sup>192</sup> TERRA, Paulo Cruz. Cidadania e trabalhadores: os trabalhadores e carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

descarregá-las senão nos depósitos estabelecidos pelo empresário da limpeza das praias para recebê-lo.

Art. 3º As carroças que conduziram o lixo serão construídas segundo o modelo que der a Ilustríssima Câmara Municipal, devendo elas ter molas e ser forradas interiormente de folhas de zinco ou chumbo, e cobertas com madeira e forradas das mesmas folhas; sua capacidade será calculada para receberem no máximo o peso de 300 quilogramas. Seus condutores usarão uniforme que a Ilustríssima Câmara estabelecer.

Art.6º A terra e areia ou lama tiradas das ruas, ou recebidas das casas, não se confundiram com o lixo, e serão levadas, não para os ditos depósitos, mas para os lugares que a Ilustríssima Câmara Municipal designar.<sup>193</sup>

Em 1872, a Câmara Municipal contratou a *Nunes de Sousa & C.* com a finalidade de recolher o lixo das casas particulares e instituiu um monopólio. A licença dos cerca de 120 carroceiros registrados no período foi caçada e, logo, a cidade transbordou em lixo pela incapacidade da empresa em lidar com a demanda de todo o lixo produzido. Quando a Câmara voltou a conceder as licenças, precisou negociar com a categoria e sua força durante o momento de paralisação. Os carroceiros do lixo seguiram como categoria autônoma até 1897, momento de celebração do contrato entre a Companhia Industrial do Rio de Janeiro e a municipalidade. Depois, a partir da atuação da Superintendência, a categoria foi absorvida pela estatização do serviço.<sup>194</sup>

As greves continuaram durante todo esse período em função das longas horas de serviço. O trabalho era penoso e exaustivo, com poucos dias de descanso – apenas aos domingos. Era comum a reclamação da ausência de pagamento por meses e dos constantes atrasos na folha de pagamento do pessoal da limpeza.<sup>195</sup>

Em contraste à união dos carroceiros e lixeiros, despontavam no Rio de Janeiro os solitários “trapeiros”. Os trapeiros ou chamados “profissionais da catagem” foram um fenômeno socioeconômico e urbano, assemelhados a profissão mais contemporânea: os catadores de lixo. O título vem dos trapos usados como roupa pelos homens – também maioria – e a função de andar pelas ruas à procura de material para o reaproveitamento (restos de tecido, de papel, pedaços de madeira, lata). Existem dois motivos principais para o aparecimento da nova profissão. Primeiro, a falta de emprego nas cidades. Os trapeiros eram parte da mão-de-obra de reserva que, mesmo desempregados, precisavam pagar os custos de vida nas cidades, como a comida e a moradia. Estavam fora do mercado formal de

<sup>193</sup> Sobre as carroças que removerem o lixo das ruas e das casas da cidade. MORAES, op cit. pg. 230. 1875

<sup>194</sup> TERRA, Cidadania e trabalhadores: os trabalhadores e carroceiros no Rio de Janeiro, *opt cit.*

<sup>195</sup> *Idem.*

trabalho, portanto, em maior vulnerabilidade. Em segundo lugar, havia as mudanças tecnológicas. A introdução de novas formas de fabricação de bens feita a partir do processamento industrial acarretou maior desemprego, empurrando contingentes de trabalhadores para a informalidade.<sup>196</sup>

É difícil determinar ao certo o aparecimento dos primeiros trapeiros no Rio de Janeiro. Os trapeiros eram figuras típicas de Paris e foram incluídas na obra de Walter Benjamin. No Rio de Janeiro, os lixeiros também não escapavam das páginas de ficção. Nas crônicas do cotidiano, o lixeiro começou a ser incluído em diversas situações, como observador do desenrolar de brigas à espreita catando lixo, limpando as ruas ou na exploração da parte inesperada da profissão: o lixeiro que achou dinheiro dentro de um colchão, outro achou cartas de amor.<sup>197</sup>



Figura 17: Provável Augusto Malta. Sem data. Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 2974]

<sup>196</sup> EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009.

<sup>197</sup> O Paiz. [O lixo s/autor]. Rio de Janeiro. Anno VIII. N.º.3648. p. 1. 25 de abril de 1892.



Figura 18: Provável Augusto Malta. Sem data. Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 2973]



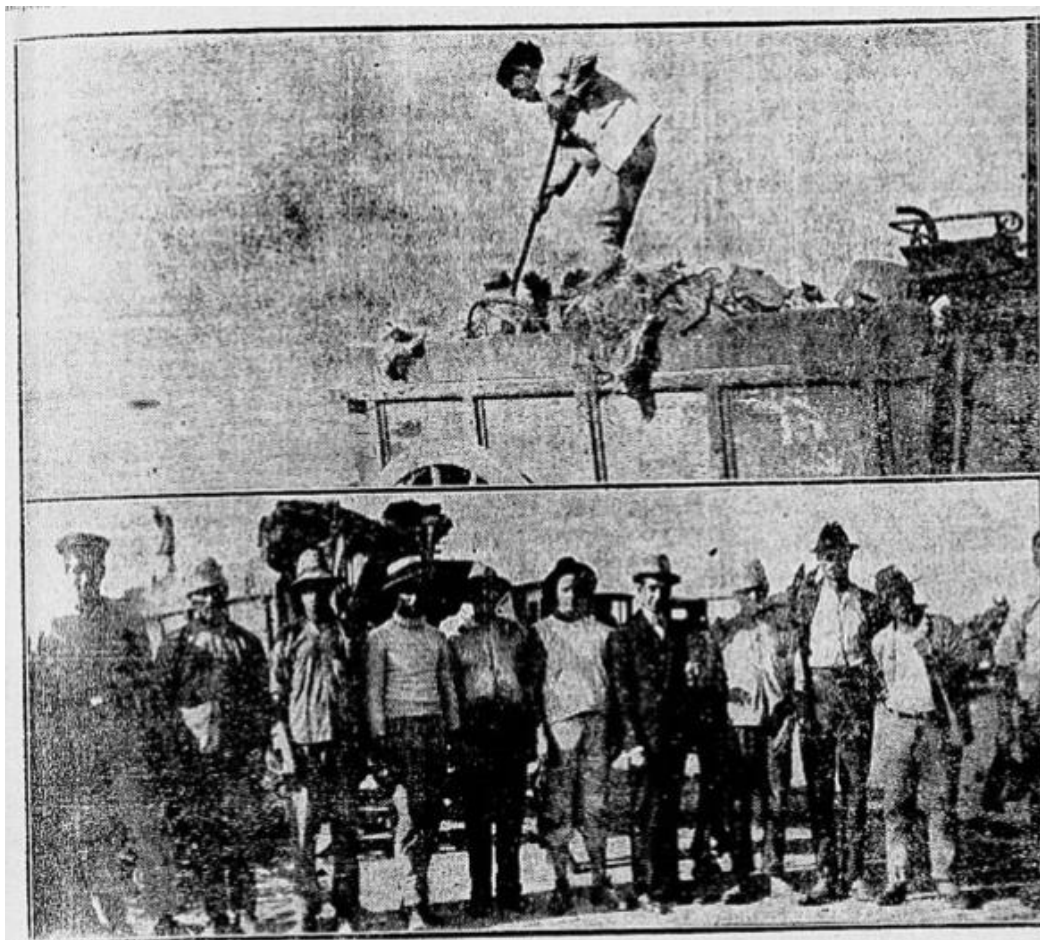


Figura 19. Fonte: A noite. [Como vive e como pensa o povo. Os lixeiros vivem a céu aberto e não pensam como os outros homens. Rio de Janeiro. Ano XVIII. N°46.040. página 1. 11 de setembro de 1928.

O estado de saúde dos animais ou o número de cavalos e burros a serviço da limpeza urbana permaneceram entre as perguntas em aberto na pesquisa. Da mesma forma, não houve sucesso em buscar informações sobre castigos físicos aplicados aos animais puxadores de carroças da limpeza. Em outra postura sobre o transporte de café no sétimo artigo lê-se: *É igualmente proibido maltratar os animais com pancadas, ferindo-os ou contundindo-os.*<sup>198</sup>

Na visita da equipe de reportagem do *Jornal do Brasil* à sede Central da Superintendência, o veterinário constatou o seguinte número de animais e o estado de saúde:

Quantos animais existem aqui na estação central? perguntamos. 621, responderam prontamente o Santos, e o veterinário, dr. Leite. Visitamos então as seguintes incuráveis dos cocheiros: Sala escura 1, lugar, onde são recolhidos os animais atacados de moléstias incuráveis. Os empregados chamam-na de antecâmara da morte. Isolamento, lugar em que ficam de observação os animais que se desconfia atacados do mal. Visitamos: depois a enfermaria dos animais atacados de

<sup>198</sup> Sobre carroças de conduzir café. MORAES, op cit. pg 241.

moléstias sem gravidade, como sejam: mangueira torcimento da pata, ferimentos etc.<sup>199</sup>

Como providência ao melhor tratamento dos animais, em 1906 a Superintendência comprou uma fazenda na região de Guaratiba.

### 3.2 O movimento entre as cloacas

O lixo retirado da cidade seguia para locais específicos designados pela Câmara Municipal. A partir de 1850, com o endurecimento de medidas profiláticas de combate à febre amarela, rumou para locais externos ao centro urbano determinados em conjunto pelo Estado e idealizadores da socionatureza. O Rio de Janeiro ocupava, então, parte da planície alagada e próxima à encosta de morros. Fez-se na cidade o uso de parte do litoral para despejo de lixo: córregos, praias, enseadas, lagoas, manguezais. Desde a fundação da cidade, havia registro do uso do Campo da Cidade (Campo de Santana), a Lagoa da Ajuda (Largo da Carioca), a rua da Vala (Rua Uruguaiana), o Saco de São Diogo (Cidade Nova) e pouco mais longe como parte da Lagoa Rodrigo de Freitas para o despejo de lixo e outros dejetos, como material fecal.<sup>200</sup>

A função dos locais alagados na limpeza urbana era de usar as ondas, a maré, a chuva – a movimentação das águas - como formas de escoamento do lixo de cloacas menores para maiores como o Oceano Atlântico e a Baía de Guanabara. Nem todo o lixo chegava a águas mais profundas, de maneira que retornava às margens da Baía, sujando as praias e outras regiões costeiras:

porque as águas da Baía não se renovam, vê-se objetos boiando constantemente e o refluxo do mar (frase incompleta). Estão as praias condenadas a serem lugares asquerosos. A beira mar que é a portada, o lugar, mais aprazível, é entre nós o lugar onde todos fogem.”<sup>201</sup>

Os mangues dependiam da movimentação da maré como forma de não estagnar a matéria orgânica natural da vegetação, mas também para ser capaz de vazar a matéria fecal e outros tipos de resíduos do metabolismo urbano que eram neles depositados. Com pouca movimentação dos cursos d’água, as impurezas levadas até a região alagadiça permaneciam

<sup>199</sup> Jornal do Brasil. [Limpeza Pública Visita O escriptorio As Oficinas As Cocheiras Estado do Material A Actual Superintendencia Varias Notas Impressões s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XII. N° 69. página 1. 10 de março de 1902.

<sup>200</sup> AMADOR, Elmo da Silva. *Baía de Guanabara ocupação histórica e avaliação ambiental*. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2013.

<sup>201</sup> Apud AIZEN; PECHMAN, *Memória da Limpeza Urbana no Rio de Janeiro*, op. cit.

boiando na superfície e nas margens. Por causa dessas características, os mangues costumam exalar forte cheiro de matéria orgânica em decomposição e, por isso, eram considerados sujos e infectos e focos da febre amarela:

o fundo de nossa bacia, nessas paragens denominadas vulgarmente - Coroas de Mangue - onde há pouca água em profundidade, e onde em certas marés baixas (Março) ficam a descoberto largas superfícies de lodo, nos meses de calor, desde muito que são conhecidas essas febres de mau caráter, de tipo infeccioso, que assolam enpauperecem os habitantes, cujo aspecto é eternamente pálido amarelado, tendo o baço, o fígado e os intestinos de tal desenvolvimento que o ventre é assaz volumoso no estado fisiológico relativo em que eles pensam em viver.<sup>202</sup>

Como forma de inibir o hábito do despejo considerado anti-higiênico, a Câmara ordenou a remoção do lixo da cidade e envio para a Ponta de Mãe Maria na Ilha do Governador e para a Ilha de Sapucaia no ano de 1865, locais mais distantes e no interior da Baía. No entanto, nem todo o lixo chegava até a Ilha e tampouco a publicação da postura cessou o uso desses espaços para depósito de lixo, caso semelhante ao contínuo uso das ruas por décadas, apesar das proibições.

Os mangues também foram alvos de sucessivos aterros como forma de inibir a estagnação de água e matéria orgânica. Conforme a cidade avançava, parte da bacia hidrográfica da baía de Guanabara como os mangues e lagoas foram aterrados ou drenados e a baía remodelada por força da ação humana. O avanço sobre a região de mangue pelo aterramento permitiu a conquista do espaço pela socionatureza urbana carioca para fora do núcleo central de povoamento e parte dos aterros usava de carroças da limpeza urbana transportando lama e terra.<sup>203</sup>

No entanto, os aterros não podiam ser feitos com qualquer material e de qualquer maneira. Pereira Rego posicionou-se de forma contrária à prática da Câmara de permitir o aterro com lama e terra escavada com argumentos de que cadáveres estavam misturados ao solo:

Não é bastante proceder aos aterros de que acabamos de falar; é preciso fazê-lo de modo a não sacrificar o estado de salubridade, e não paga com dinheiro adiantado pelo Governo e à custa dos proprietários aterro feito com imundícias de toda a espécie, como até aqui se tem praticado por consentimento da Municipalidade, e, o que é ainda pior, com os próprios dinheiros do município, que devem ser

---

<sup>202</sup> Relatório do Exm. Sr. Conselheiro Dr. Paula Candido, sobre a memória já publicada do Dr. Corrêa de Azevedo, intitulada - Polícia Medica sobre febre amarela, ou de suas causas e profilatica no Rio de Janeiro. Anais Brasileiro de Medicina. pg. 143. 1859.

<sup>203</sup> Sobre as carroças que removerem o lixo das ruas e das casas da cidade. MORAES, op cit. pg. 230.

empregados no melhoramento do estado sanitário, e não em criar focos de infecção para piorar as condições de salubridade desta capital.<sup>204</sup>

De forma a controlar o material usado nos aterros, a Câmara estipulou em 1875 a seguinte postura: “Art.6° A terra e areia ou lama tiradas das ruas, ou recebidas das casas, não se confundirão com o lixo, e serão levadas, não para os ditos depósitos, mas para os lugares que a Ilustríssima Câmara Municipal designar.”<sup>205</sup>

Bruno Capilé estudou na sua tese o papel dos rios como agentes do metabolismo urbano no papel de reguladores de energia (chegada e retirada de material) e como a sacionatureza urbana usava os corpos d’água. Os rios cumpriam diversas funções e a captação da água alimentava o cotidiano da cidade: a irrigação das ruas empoeiradas, a lavagem de ruas, o sistema de esgoto, fontes de água, lavagem de roupas e banheiros públicos. A água era o solvente universal. A função dos rios dentro do paradigma da circulação era de arrastar o lixo junto à correnteza.<sup>206</sup>

A beira-mar era outro destino do lixo. As praias serviam como vazadouro de lixo desde os tempos coloniais. O lixo era deixado nas praias com a expectativa de que o trabalho das ondas limpasse a sujeira, mas nem sempre a maré estava a favor da cidade:

O lixo e as imundícias, em geral, desta cidade são conduzidos para as praias, que sendo aliás limpas por natureza, pelo embate constante das ondas, deixam de o ser desde que se saturam essas ondas que deixam as praias com tal proporção de matérias sujas e infectadas, que miasmas debatidos durante muitas horas são reconduzidos para o interior da cidade, com o favor da viração, por isso que a cidade demora a barlavento. Da extremidade da Praia de Santa Luzia perto da Ponte do Calabouço até os fins da Praia do Flamengo forma o litoral dos arcos, aquém do morro da Glória e além deste mesmo morro, os quais são ordinariamente o depósito de quantos materiais podres tem grande parte da cidade a lançar fora. Aquele que hoje, mesmo com custo, pretendesse poetizar a outrora tão desceite Praia do Flamengo, seria desde logo reduzida a feia realidade, contemplando esse cemitério de animais mortos e de toda a espécie de detritos cujas nomenclatura até causa nojo.<sup>207</sup>

A empresa de Gary estava limitada à limpeza das ruas. Para a limpeza das praias, o Ministério do Império mantinha contrato desde 1874 com a empresa de *João Rivas Y Neira* cujas competências eram: “a limpeza das praias; o recebimento do lixo e imundícies de toda

<sup>204</sup> Relatório da Repartição dos negócios do Império apresentado a Assembleia Geral Legislativa na sessão ordinária de 1835 pelo respectivo ministro e secretário de estado Joaquim Vieira da Silva e Sousa. Rio de Janeiro, Typographia National, 1835.

<sup>205</sup> Sobre as carroças que removerem o lixo das ruas e das casas da cidade. MORAES, op cit. pg. 230.

<sup>206</sup> Capilé, Os muitos rios do Rio de Janeiro: transformações e interações entre dinâmicas sociais e sistemas fluviais na cidade do Rio de Janeiro (1850-1889), op cit.

<sup>207</sup> Instruções Sanitárias a respeito do Cholera Morbus Memoria Apresentada a Academia pelo Sr. Doutor Correa de Azevedo, intitulada – Polícia Médica sobre a febre Amarella, ou de seus casos profiláticos no Rio de Janeiro. Anais Brasilienses de Medicina. pg. 533.1866.

a cidade em diversas estações à beira mar, e o transporte para a Ilha de Sapucaia.”<sup>208</sup> As estações estavam dispostas nas seguintes partes do litoral: São Cristóvão, Chicorra, D. Manoel, Botafogo, Morro da Viúva, Praia do Russell ou do Flamengo.



Figura 20 “Mapa dos depósitos de lixo no litoral do Rio de Janeiro. Sem escala. Base cartográfica: PLANTA da cidade do Rio de Janeiro organizada na Carta Cadastral. Rio de Janeiro: Serviço Geographico Militar, 1928.” Fonte: Capilé, os muitos rios do Rio.

<sup>208</sup> Limpeza das praias. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negócios do Império. 1877.

Em seguida, o lixo era transportado por via marítima até a Ilha de Sapucaia. No entanto, as ressacas impediam o transporte do lixo até lá, e com isso as praias permaneciam sujas. Como solução, os carroceiros da empresa jogavam o lixo nas ruas, onde não tinham obrigação de retirar. No seu relatório, Pereira Rego mencionou a quantidade de 5.308 animais removidos das praias e 7.711.506 quilos de lixo removidos para as praias, o que demandou 10 embarcações, 3 lanchas, 11 escaladores e 2 rebocadores.

No relatório do *Serviço de Limpeza das Praias*, José Pereira Rego mostrava-se insatisfeito com as condições observadas nas praias e pela empresa. Irritado com a situação, ele escreveu para a Câmara dos deputados, cuja resposta foi de que "*nada tinha a Ilustríssima Câmara que ver com o serviço da Remoção de lixo*". Como recomendação, Pereira Rêgo solicitou à Câmara a proibição do despejo de lixo nas praias. No mesmo ano a Câmara publicou a seguinte postura:

Art. 1º É expressamente proibido depositar lixo, imundícias e animais mortos nas ruas, praças e outros logradouros públicos, inclusive as praias. O infrator fica sujeito a uma multa de 20\$000 e do dobro na reincidência, além da despesa que se fizer com a remoção.<sup>209</sup>

Apenas em 30 de julho de 1885 foi solicitado à empresa de Gary em caráter de urgência a limpeza das praias com encerramento no mesmo ano. O lixo das praias continuava a ser levado para a Ilha de Sapucaia para incineração.<sup>210</sup>

O lixo seguia em movimento pela costa da Baía de Guanabara, depois para Ilhas no Interior (Ilha de Sapucaia) e, quando esta se encontrava saturada, por volta da década de 1920, começou a invadir a região costeira próxima à Enseada de Inhaúma, Ponta do Caju e Praia do Retiro Saudoso chegando à região de Benfica.<sup>211</sup>

### 3.3 A maior cloaca

O vazadouro de lixo era a opção economicamente mais barata e de solução mais rápida aos problemas trazidos pelo lixo. A pequena Ilha de Sapucaia, no interior da Baía de

---

<sup>209</sup> De 5 de dezembro de 1875. Proíbe depositar lixo e animais mortos nas praias, praças e praias da cidade. MORAES, op cit. pg. 245.1875.

<sup>210</sup> Termo pelo qual Aleixo Gary & Comp. se obrigam a executar provisoriamente o serviço da limpeza das praias da cidade do Rio de Janeiro e os da remoção e incineração do lixo proveniente da cidade e das praias, sob as seguintes condições. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negocios do Imperio. 1885

<sup>211</sup> MACHADO, Giselle Cardoso de Almeida. Da Ilha de Sapucaia ao Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: a criação de territórios do lixo da cidade do Rio de Janeiro como expressão de segregação espacial. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2012.

Guanabara, era próxima o suficiente do litoral para o trânsito diário de embarcações, ao mesmo tempo afastada o bastante para que o mau cheiro, os urubus e outras atividades na ilha, como a queima de lixo, não incomodassem os moradores da cidade. A Ilha era mais distante da cidade do que os pântanos, rios nas cercanias do centro ou praias usadas anteriormente como cloacas menores. No mapa a seguir, a Ilha de Sapucaia aparece com a coloração branca, próxima à Ilha de Bom Jesus e a ponta do Caju:



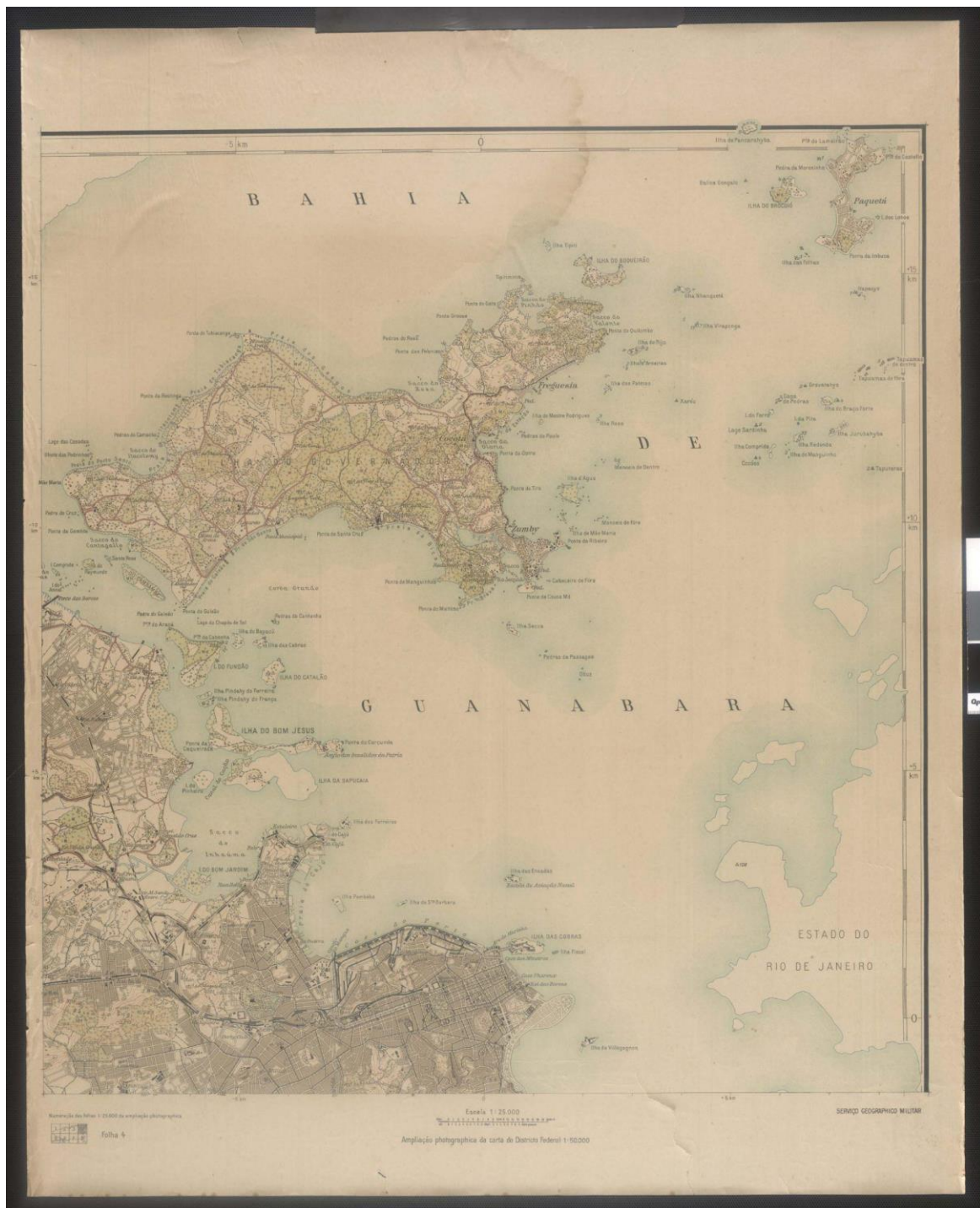


Figura 21 Mapa da Baía de Guanabara. Fonte Arquivo Nacional.

A Ilha serviu como território de despejo de lixo entre os anos de 1865 e meados de 1940. Junto às demais ilhas na enseada de Inhaúma (Bom Jesus, Catalão, Fundão, Baiacu, Santo Antônio, França, Ferreira e Cabras), a Sapucaia integrou o aterro da Cidade



Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As obras foram iniciadas na década de 1940.<sup>212</sup> A Sapucaia era a maior cloaca do Rio de Janeiro.

Para chegar à Sapucaia, o lixo percorria caminhos na cidade continental e na baía de Guanabara. Por terra, o lixo seguia no interior das carroças públicas e particulares e de outros tipos de veículos automotores comprados pela Superintendência de Limpeza Pública e Particular, como descrito no capítulo anterior. O objetivo era levar os rejeitos até as pontes de embarque de lixo. As pontes principais estavam localizadas nos bairros de Botafogo, Gamboa e São Cristóvão. Depois, por via marítima, barcos e saveiros eram usados. A operação era a seguinte: as carroças tentavam se aproximar ao máximo das embarcações para não sujar as pontes ou as águas; no entanto, inúmeras eram as reclamações sobre a sujeira derramada no mar durante o processo. Nem todas as pontes eram ajustadas para a altura dos barcos e carroças. Na primeira imagem abaixo, é possível ver a defasagem entre a altura das embarcações e as pontes. As pontes eram velhas, sujas, com pouca manutenção e malcuidadas. Em documento oficial, o Inspetor Geral da Saúde dos Portos, José de Sousa Silveira, reclamava ao Ministro do Interior do estado de conservação das pontes:

A ponte da Gamboa está muito arruinada. Urge substituí-la. Ella recebe muito mais que as outras duas reunidas. É de 320 a 325 o número de carroças que diariamente a procuram. A ponte de Botafogo é nova e está em bom estado. Dentro de poucos dias, começará a servir a nova ponte de S. Cristóvão, construída em continuação a ponte de pedra da Santa Casa da Misericórdia, em frente ao Cemitério de S. Francisco Xavier. A outra ponte deste bairro, em frente à rua do Pau de Ferro, não podia continuar a servir.<sup>213</sup>

---

<sup>212</sup> QUEIROZ, Umberto; MARAFON, Glauber. Os caminhos do lixo na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, pp. 37–53, jul/dez 2015. pg. 39.

<sup>213</sup> O Paiz. [O lixo s/autor]. Rio de Janeiro. Anno VIII. N.º.3648. p. 1. 25 de abril de 1892.



Figura 22: Possível Augusto Malta. Sem data. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal.  
[PDF/PAM/PC - 1428]



Figura 23: Ponte de descarga de resíduos em São Cristóvão, 1928.

Em carta ao público no *Jornal do Comércio*, o Inspetor José de Sousa Silveira fez outras observações sobre as embarcações. As pontes estavam condenadas, as embarcações também. O lixo corroía os saveiros, o peso deteriorava a estrutura dos barcos, sem contar o conteúdo derramado pelas embarcações durante o transporte nas águas da Baía. O Inspetor recomendava não consertar as embarcações, tamanho o estrago causado e o prejuízo econômico: “*O lixo arruína facilmente as embarcações que o transportam, não só corroendo o calafeto, como, por meio do gusano, apodrecendo a própria madeira; dali também para reparos repetidos.*”<sup>214</sup>

Sem acesso à documentação oficial guardada em arquivo, a reconstituição do volume de lixo produzido pela cidade foi feita através da imprensa e pelos relatórios da Junta Central de Higiene. Mesmo com todo o volume de fontes processadas, encontrei poucas informações sobre os números de fato. Em contrapartida, a partir do século XX, a Ilha se fez presente por meio da iconografia e visitas da imprensa com o objetivo de conhecer a população residente. Antes, a Sapucaia aparecia de forma mais burocrática nos assuntos relacionados ao regime de trabalho e simbólica. E as impressões não eram boas. “Vergonha nacional”, “charco”, “depósito de imundices” eram os adjetivos mais comuns usados para caracterizar a Sapucaia. Em tom pejorativo, na política dizia-se que a Câmara era a própria Ilha de Sapucaia: nada ali prestava.<sup>215</sup> A Ilha ganhou mais espaços nos jornais quando tiveram lugar as discussões da construção da Cidade Universitária da Universidade do Brasil pelo aterro das ilhas da enseada de Inhaúma.

Em visita à Ilha de Sapucaia, a equipe de reportagem do jornal *O Paiz* encontrou cenário bem diferente do imaginário negativo construído sobre o local. Ao invés de sujeira e desordem, a Ilha era salubre e havia poucos casos de febre amarela entre os funcionários:

A parte da Ilha que está atualmente entregue à companhia desenvolve-se no sentido de NO para SE; é neste extremo que o lixo é descarregado, sendo a outra parte elevada em morro de cerca de 25 metros e perfeitamente salubre, aliás como o resto do território, onde até agora, à exceção de três ou quatro casos de febre amarela, verificado há pouco, nunca se manifestou epidemia alguma. O destino especial que tem esta ilha faz com que em geral se tenha dela péssima ideia e seja reputada um foco repelente de miasmas em constante putrefação. Pois não é assim. Além de não ter sido visitada por moléstias de caráter infectocontagioso e habitaram nela dezenas de operários que gozam perfeita saúde, a parte não acusada pelos depósitos de lixo está coberta de hortas e verdejantes capinzal, que já fornecem parte do pasto consumido pelos animais empregados na limpeza da capital e que, ocupando mais extensa área, poderão satisfazer às necessidades do consumo diário. D'ali desfruta-se belíssimo panorama, e a pequena distância dos depósitos de lixo, o ar que se respira é completamente expurgado de emanações

<sup>214</sup> O Paiz. [O lixo s/autor]. Rio de Janeiro. Anno VIII. N.º.3648. p. 1. 25 de abril de 1892.

<sup>215</sup> O Paiz. [O lixo s/autor]. Rio de Janeiro. Anno VIII. N.º.3427. p. 1. 14 de setembro de 1891.

pútridas, sentindo-se naquela solidão e contemplando a natureza majestosa da nossa Baía um bem-estar íntimo indefinível.<sup>216</sup>

Em 1883, aproximadamente 2104 carroças foram vazadas para a Sapucaia. Não foi possível encontrar o valor máximo transportado pelas carroças para determinar a média anual. Já no final da década de 1890, o jornal *O Paiz* estima que cerca de 400 toneladas eram levadas diariamente a Sapucaia, com valor médio anual de 146.000 toneladas.<sup>217</sup> Os números de 1920 eram de 154.310 toneladas e de<sup>218</sup> 700 toneladas em 1930.<sup>219</sup>

A área inteira da Sapucaia era de cerca de 440.000 metros quadrados. Não foi encontrado informações sobre habitantes da região, no entanto, existiam colônias de pescadores instalados em ilhas próximas.

No primeiro mapa a seguir é possível vislumbrar a dimensão topográfica da Ilha. Existia a parte mais litorânea aonde o lixo chegava e era descarregado, assim como parte mais elevada. No segundo, em comparação a Ilha de Sapucaia em comparação com ilhas próximas em tamanho.

---

<sup>216</sup> O Paiz. [Ilha de Sapucaia s/autor]. Rio de Janeiro. Anno XIV. N°.5064. p. 1. 16 de agosto de 1898.

<sup>217</sup> O Paiz [s/ autor e s/ título]. Rio de Janeiro. Ano VIX. N5059, p.1, 11 de agosto de 1898.

<sup>218</sup> Jornal do Brasil. [Superintendência do serviço da limpeza pública e particular s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N. 151. p. 13. 2 de junho de 1921.

<sup>219</sup> Correio da Manhã [os pequenos servidores da prefeitura e o descanso semanal. Grande número de trabalhadores espera do interventor a reparação de uma injustiça. Estudando a questão, o dr. Pedro Ernesto prometeu atendê-los s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N. 11.413 p.3. 26 de fevereiro de 1932.



Figura 24. Ilha de Sapucaia. Fonte: Arquivo Nacional.

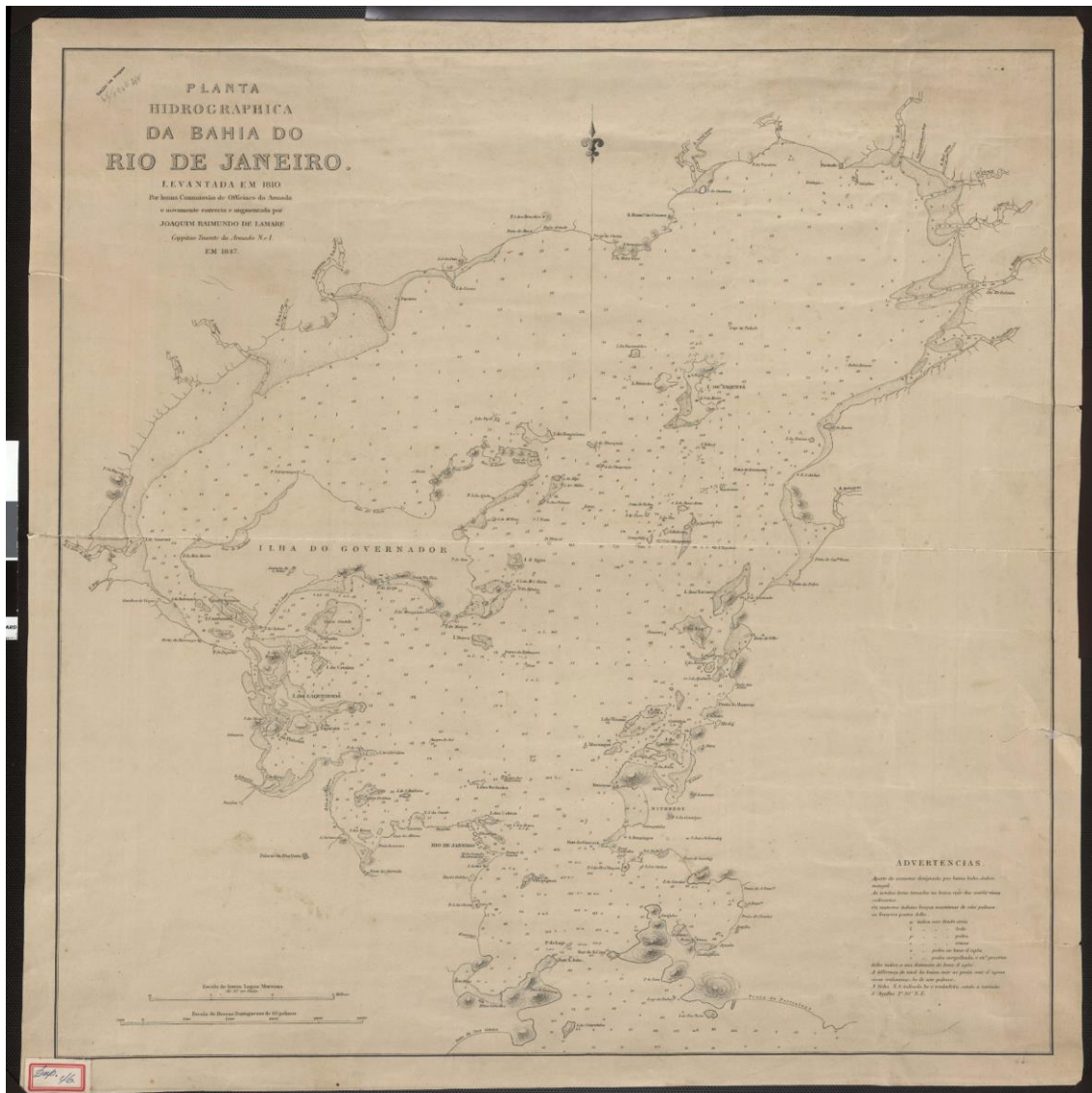


Figura 25 Planta hidrográfica da Baía do Rio de Janeiro. Levantada em 1810 por uma comissão de oficiais da Armada e novamente correta e aumentada por Joaquim Raimundo de Lamare, Capitão Tenente da Armada N.º1 em 1847. Fonte: Arquivo Nacional.

A Ilha não era feita apenas do lixo depositado. O terreno não estava a serviço exclusivo da limpeza urbana. Em outras partes, respirava-se ares salubres, onde eram plantados gramíneas, legumes e vegetais para alimentação dos moradores. A grama, inclusive, servia para a alimentação dos animais da limpeza pública, chamada de “gasolina nacional” para as carroças. Em outra parte, funcionava uma pedreira.<sup>220</sup>

A área residencial era separada entre o alojamento dos solteiros e casas para as famílias. Cerca de 400 pessoas residiam permanentemente na Ilha em 1932. As casas

<sup>220</sup> Correio da Manhã [os pequenos servidores da prefeitura e o descanso semanal. Grande número de trabalhadores espera do interventor a reparação de uma injustiça. Estudando a questão, o dr. Pedro Ernesto prometeu atendê-los s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N. 11.413 p.3. 26 de fevereiro de 1932.



contavam com fornecimento de água e de luz. De acordo com descrições da época, eram limpas, amplas e se estendiam por ruas arborizadas por palmeiras. Já o alojamento dos solteiros possuía camas enfileiradas e bem arrumadas. Nas paredes e nos armários, os jornalistas encontraram sapatos, talheres e outra infinidade de objetos em bom estado encontrado pelos catadores nos turnos de trabalho, também um ambiente limpo e arejado. Não havia escola na Ilha para os filhos dos trabalhadores. As crianças e adolescentes atravessavam de barco até o Caju para estudar. Não havia também enfermaria.<sup>221</sup>

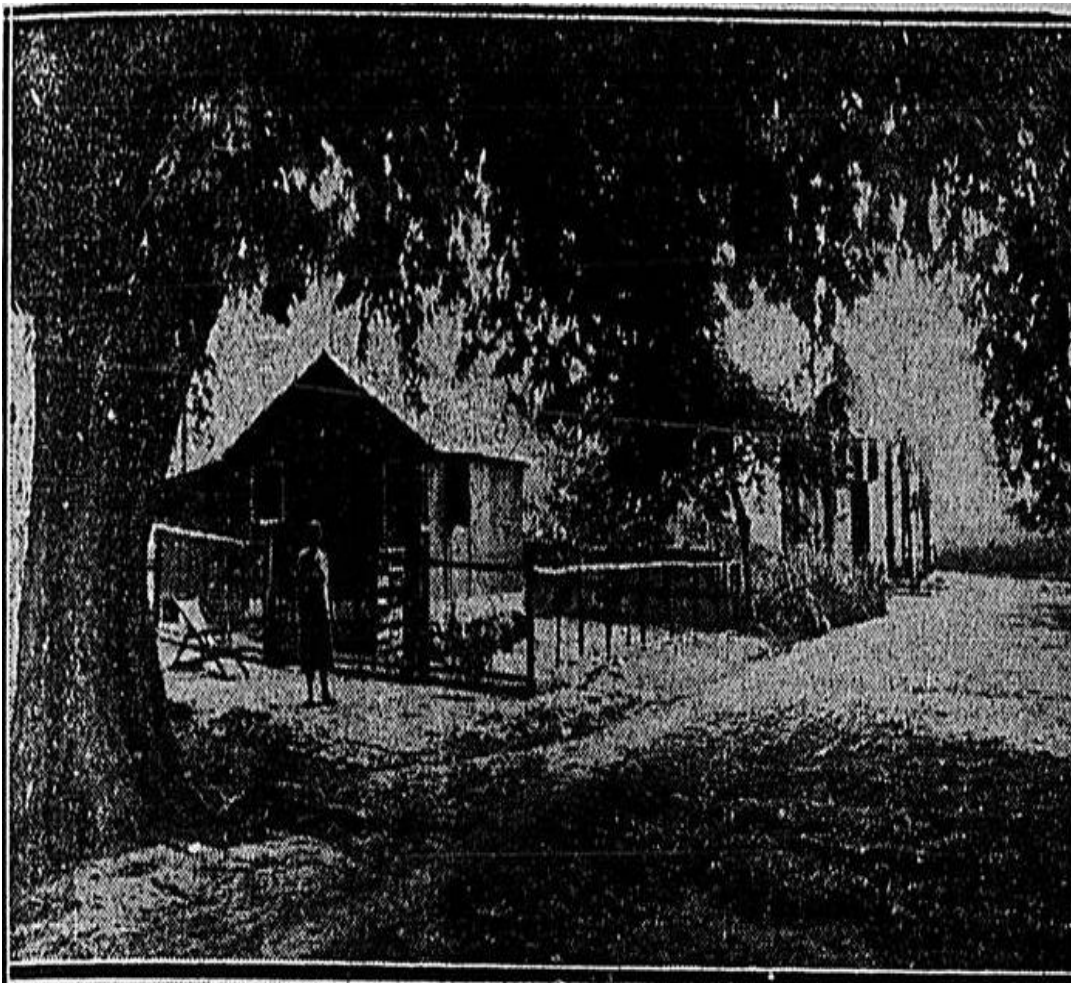


Figura 26: Casa das famílias. Fonte: Correio da Manhã [A Sapucaia e suas relações com a cidade. Um punhado de cousas curiosas que não foram, de roldão, no lixo abandonado. Fortunas achadas pelos trapeiros - A resistencia orgânica dos trabalhadores - Na Ilha não há doentes - Como se vende uma greve - Os garys e a "pubelle" s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N °11.408. 20 de fevereiro de 193

---

<sup>221</sup> Correio da Manhã [os pequenos servidores da prefeitura e o descanso semanal. Grande número de trabalhadores espera do interventor a reparação de uma injustiça. Estudando a questão, o dr. Pedro Ernesto prometeu atendê-los s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N. 11.413 p.3. 26 de fevereiro de 1932.



Figura 26: Casa das famílias. Fonte: Correio da Manhã [A Sapucaia e suas relações com a cidade.

Um punhado de cousas curiosas que não foram, de roldão, no lixo abandonado. Fortunas achadas pelos trapeiros - A resistencia orgânica dos trabalhadores - Na Ilha não há doentes - Como se vende uma greve - Os garys e a "pubelle" s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N °11.408. 20 de fevereiro de 193

Em mais de uma ocasião, era citado o bom estado de saúde dos trabalhadores da Sapucaia. Em uma das épocas de febre amarela, apenas três pessoas morreram, em contraste com a alta mortalidade da febre na cidade. A explicação dada por um trabalhador era de que *“os micróbios da Sapucaia são fortes demais!”* O isolamento da Ilha em relação ao resto da cidade era a melhor explicação. O feito extraordinário entre os ilhados da Sapucaia voltou a se repetir na ocasião da epidemia de gripe espanhola:

O Estado higiênico da Ilha é bom. Durante a epidemia da gripe em 1918, não houve uma só baixa no efetivo dos trabalhadores. Um dos vigias, apavorado com a irradiação do mal, deixou a Ilha refugiando-se na casa de um parente na cidade. Esse, o único que saiu da Sapucaia, foi, por sinal, único que morreu!<sup>222</sup>

<sup>222</sup> O Paiz. [A Sapucaia e suas relações com a cidade. Um punhado de cousas curiosas que não foram, de roldão, no lixo abandonado. Fortunas achadas pelos trapeiros - A resistencia orgânica dos trabalhadores - Na Ilha não há doentes - Como se vende uma greve - Os garys e a "pubelle" s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N °11.408. 20 de fevereiro de 1932.



De acordo com os ocupantes, vivia-se bem na Sapucaia, sem perturbações da polícia e violência. O trabalho era incessante.<sup>223</sup>

Em 1932, o interventor federal Pedro Ernesto visitou a Ilha com a finalidade de atender a um pacote de demandas dos moradores e funcionários da limpeza urbana residentes lá. Diferente dos lixeiros e dos carroceiros, não há notícia de greve dos funcionários ilhados. Ao interventor federal, os funcionários da Superintendência pediam por melhorias nos turnos de trabalho, na infraestrutura destinada às casas e outras instalações dos funcionários, escola para os filhos e enfermaria. A maioria dos trabalhadores era de imigrantes espanhóis e italianos, muitos não falavam português e poucos conheciam a cidade:

Há homens aqui - disse-nos o administrador - que não conhecem o Rio. Pelo menos o Rio moderno, o Rio atual. Porque quando aqui chegaram, Pereira Passos ainda não havia aberto a avenida Rio Branco. Depois, esqueceram-se do mundo.<sup>224</sup>

Havia também o grupo de imigrantes que saía apenas para retornar ao país de origem e voltar à Sapucaia. A rotina de trabalho era penosa, mas podia ser interrompida por força do acaso:

Um dia, quando retirava um colchão velho trazido num saveiro, sobre o lixo, Cardoso, Velho feitor, fez-se a gritar aos pulos. Corremos para ele, supondo-se ferido, porque os vidros, em cacos, são o grande inimigo de nós todos. Mas Cardoso pulava de contente. Ao puxar o colchão, rompeu o pano. Entre o pano e a crina, libras esterlinas. Muitas libras! Algum avarento que, ao morrer, se esquecera.<sup>225</sup>

O lixo atracado pelos barcos nas pontes de desembarque era levado para o interior da Ilha em tonéis carregados pelos moradores. O trabalho exigia força física e longas horas de exposição ao Sol. Não era de se estranhar a descrição dos trabalhadores: “são homens largos ombros e de bíceps enormes. Geralmente altos, parecem dispor de extraordinária capacidade física “. Em 1904, já existia na Ilha um guindaste elétrico para desembarcar o lixo em caçambas.

---

<sup>223</sup> O Paiz. [A Sapucaia e suas relações com a cidade. Um punhado de cousas curiosas que não foram, de roldão, no lixo abandonado. Fortunas achadas pelos trapeiros - A resistencia orgânica dos trabalhadores - Na Ilha não há doentes - Como se vende uma greve - Os garys e a "pubelle" s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N.º 11.408. 20 de fevereiro de 1932.

<sup>224</sup> Correio da Manhã [os pequenos servidores da prefeitura e o descanso semanal. Grande número de trabalhadores espera do interventor a reparação de uma injustiça. Estudando a questão, o dr. Pedro Ernesto prometeu atendê-los s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XXXI. N. 11.413 p.3. 26 de fevereiro de 1932.

<sup>225</sup> *Idem*.



Figura 29. Fonte: Jornal do Brasil. [Prefeitura s/título]. Rio de Janeiro. Anno XIV. N.123. página 1.  
2 de maio de 1904.

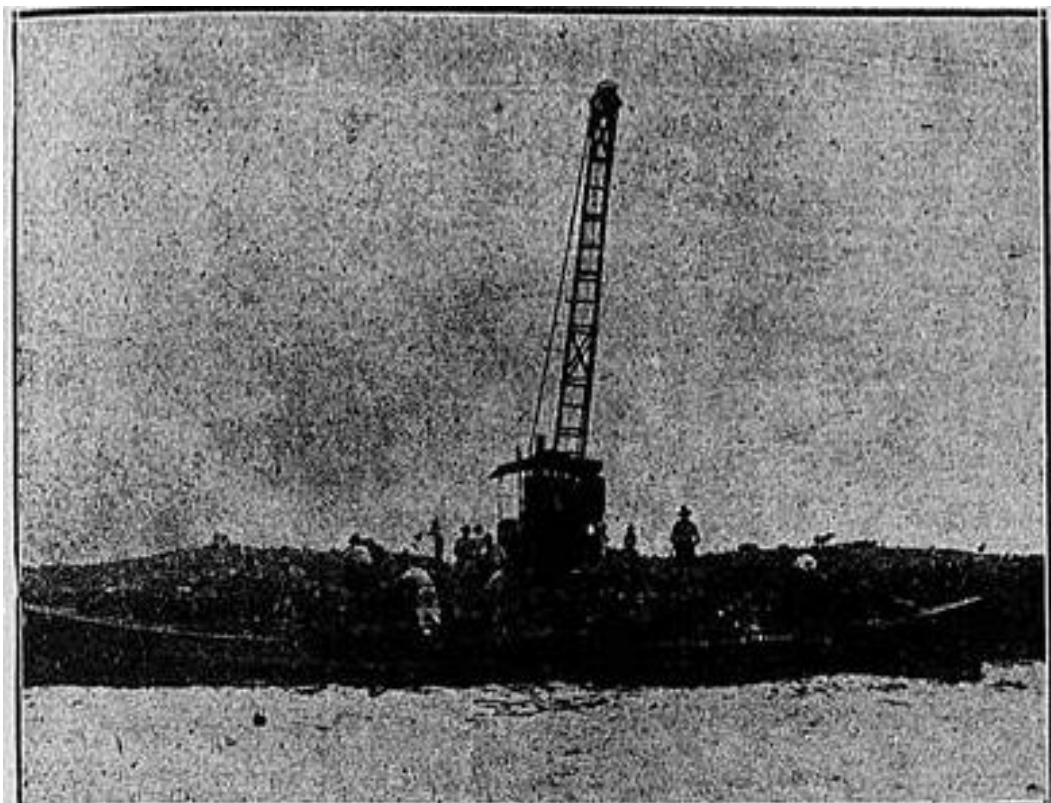


Figura 29. Fonte: Jornal do Brasil. [Prefeitura s/título]. Rio de Janeiro. Anno XIV. N.123. página 1. 2 de maio de 1904.

No interior da Ilha, começava o processo de separação mecânica de objetos ainda em bom estado de conservação (ossos, couro, panos, metais e vidro), e desinfecção por “*fortes descargas de eletrofone*.”<sup>226</sup> O destino mais comum do lixo, no entanto, era o fogo. Existiam dois fornos de incineração: um para animais e outro para o restante dos resíduos. De forma mais rudimentar, parte do lixo era queimado em pilhas a céu aberto, antes que as ondas levassem para fora da Sapucaia.

Em 1904, a Companhia Industrial do Rio de Janeiro, com a promessa de fazer o lixo lucrativo, ergueu três galpões na Sapucaia. O prefeito Pereira Passos chegou a visitar a Ilha em caráter oficial para inspecionar a estrutura. As notícias sobre a operação da Companhia Industrial eram encaradas com otimismo:

Para se avaliar da importância do serviço, basta afirmar o seguinte: enquanto por um dos extremos da Ilha entrará o lixo da capital transportado nos saveiros rebocados a vapor, por outro sairá ele pronto a embarcar como qualquer mercadoria de permuta internacional. Deste modo, dentro de poucos anos a Ilha da Sapucaia estará transformada num grande centro de atividade, e nos poderemos orgulhar-nos de ver ali, frutuoso e salutar, o exemplo da perseverança e do trabalho.<sup>227</sup>

<sup>226</sup> Jornal do Brasil. [Prefeitura s/título]. Rio de Janeiro. Anno XIV. N.123. página 1. 2 de maio de 1904.

<sup>227</sup> Jornal do Brasil. [Prefeitura s/título]. Rio de Janeiro. Anno XIV. N.123. página 1. 2 de maio de 1904.

O primeiro galpão tinha como função receber a “catagem para fins industriais”. No processo de “catagem” eram selecionados cadáveres de animais para a produção de graxa. Outro ponto era capturar energia pelo calor produzido na queima do lixo. O segundo para máquinas e o terceiro para depósito de materiais diversos. As instalações da Companhia tinham capacidade para receber 14 barcos ao total de 600 toneladas diariamente.<sup>228</sup> Pouco tempo depois, a Companhia declarou falência.

O lixo que não era aproveitado para fins industriais ou pelos moradores da Sapucaia permanecia aterrado na Ilha com camadas de argila ou cal. Eventualmente, o choque das ondas contra as praias da pequena Ilha acabava por carregar parte da sujeira depositada ali. Pela movimentação das correntes marítimas, o lixo aparecia nas praias e em outras partes do litoral. O lixo acabava por transbordar para as águas da Baía de Guanabara e para as praias ao redor:

O grande número de peixes morto e em putrefação abandonados por ali perto pelos pescadores da vizinhança, o lixo, as imundícies, os animais mortos, tudo o que chega de diferentes pontos e tem de ser embarcado para a ilha permanece até adiantada hora da tarde no barracão da Gary, na praia de S. Cristóvão, em frente à rua do Pau-ferro, e ali fica fermentando, atraindo corvos que já vão acostumando a voar por lá, espalhando pelas proximidades do local os mais repugnantes miasmas, as mais pestilentas, pútridas, insuportáveis exalações.<sup>229</sup>

As outras ilhas da enseada e o litoral da região de Inhaúma sofriam com a presença da Sapucaia. A área ao redor da Sapucaia era pouco habitada e usada por pescadores da região.<sup>230</sup> O processo de assoreamento da região permitia atravessar a pé da Ilha de Sapucaia para Bom Jesus na maré baixa.

---

<sup>228</sup> Limpeza das praias. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negócios do Império. 1877.

<sup>229</sup> O Paiz. [O lixo e s/título]. Rio de Janeiro. Anno VII. N. 3427. página 3. 14 de março de 1891.

<sup>230</sup> AIZEN, Mario; PECHMAN, Robert M. *Memória da Limpeza Urbana*. op. cit.



Figura 30. Vista aérea da Ilha do Bom Jesus e Ilha de Sapucaia. Rio de Janeiro, [sem data]. Fonte: Acervo Arquivístico da Marinha. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4563>

Em 1865, a Ilha de Sapucaia era a alternativa encontrada para enfrentar o problema de despejo aleatório de lixo pelos espaços próximo às atividades humanas. Mas, assim como a cidade, a Ilha crescia. Havia a escalada do volume de lixo depositado diariamente no território e o descontrole sobre o aterro formado.

Na década anterior, o território de lixo já havia sido expandido para outras áreas pantanosas na proximidade da Ilha. A Praia do Retiro Saudoso e a Ponta do Caju, o aterro de Benfica e a Lagoa Rodrigo de Freitas, em Inhaúma. Isso explica o baixo crescimento em número do lixo levado a Sapucaia, apesar do crescimento da cidade. Difícil determinar a média que chegava a Sapucaia, com maior imprecisão os números do lixo depositados nesses aterros, além das “pequenas Sapucaias” surgidas pelos subúrbios.

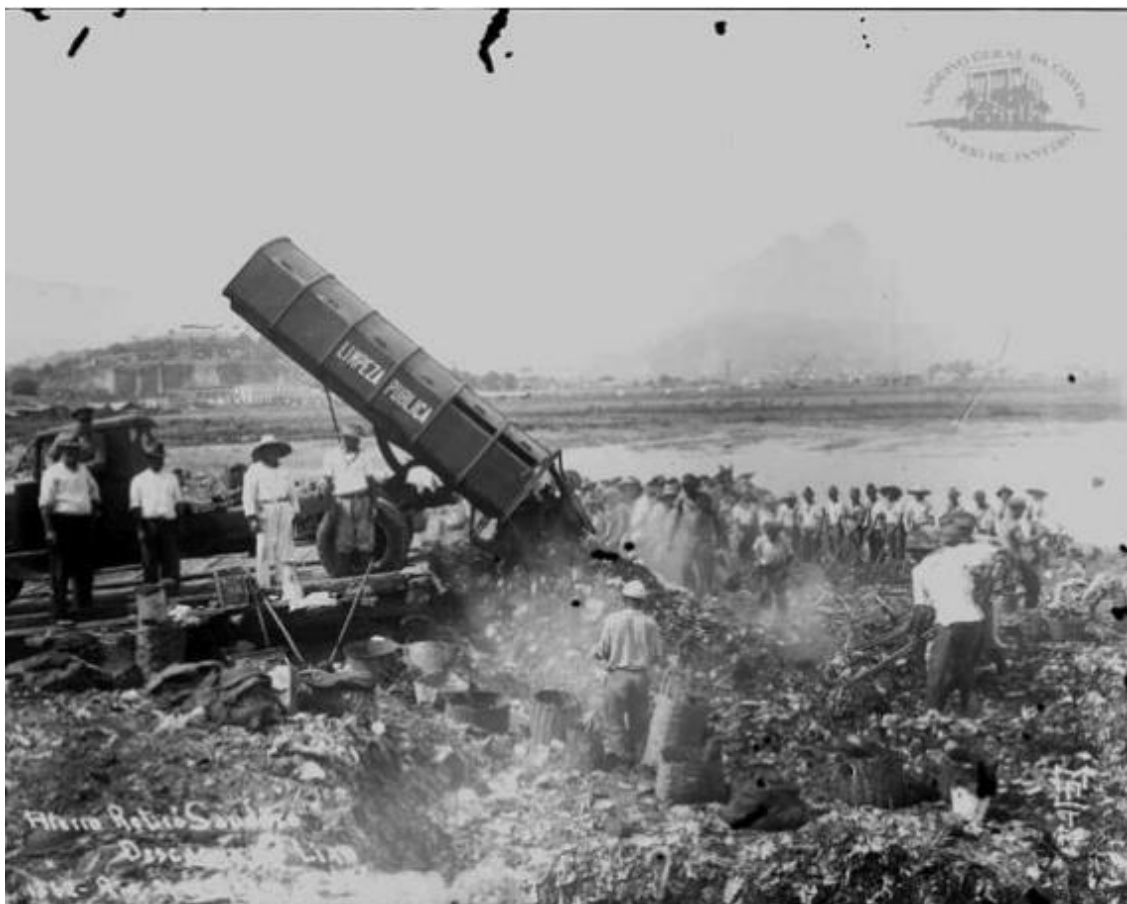


Figura 31: Possível Uriel Malta. 1945. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 0917]



Figura 32: Possível Uriel Malta. 1945. Coleção: Prefeitura do Distrito Federal. [PDF/ARM/PC – 0917]

A Sapucaia sofria pressão de outros órgãos, como a Marinha e o Departamento Nacional de Saúde Pública, conforme registra notícia do *Jornal do Brasil* de 1932:

À vista de objeções pelo Ministério da Marinha e pelo Departamento Nacional de Saúde Pública quanto à utilização da Ilha de Sapucaia para o vazamento do lixo, houve necessidade de utilizar para esse efeito certos pontos do continente como os mangues do Retiro Saudoso, da baixada de Amorim, Penha etc. Como, porém, a solução fosse insuficiente e a situação tendesse a agravar-se, o Diretor de então levou o fato ao conhecimento da alta administração por ofício de 20 de maio de 1932, sugerindo a designação de uma comissão para estudo do problema. Essa comissão, que foi presidida pelo atual Secretário Geral de Viação, Trabalho e Obras Públicas, depois de longo e minucioso relatório resumiu seu trabalho aconselhando medidas sucessivas com três objetivos diferentes. As primeiras, de caráter urgente, tendo por fim corrigir ou atenuar males decorrentes da situação acima aludida. As segundas, de caráter transitório, mas também urgente, visando a Ilha de Sapucaia, a defesa da baía contra uma contínua obstrução e poluição de suas águas, a valorização do patrimônio constituído pela ilha e o melhoramento das condições de coleta e transporte do lixo.<sup>231</sup>

A Sapucaia estava em vias de esgotar o tempo de vida útil como aterro a partir da década de 1930 por causa de problemas de poluição das águas e de obstrução da navegação da Baía. A Ilha e a região estavam saturadas pelo depósito de lixo. A opção por vazar o lixo em mangues próximos à região costeira era mais agressiva ao meio ambiente, ainda que a cidade insistisse pelas décadas seguintes no mesmo modelo. Em 1940, o prefeito Henrique Dodsworth realizou reforma no serviço de limpeza urbana e criou o Departamento de Limpeza Pública (DLU). A Ilha de Sapucaia foi fechada e criado o Aterro do Caju (1940 a 1970). No aterro do Caju, o lixo era coberto por camada de argila para espantar o mau cheiro e os urubus. O território do lixo se movimentou de áreas externas à Baía para o interior, no município de São Gonçalo e em Duque de Caxias.

No fim, a Sapucaia virou parte do aterro da Cidade Universitária. O solo da Ilha, no entanto, desgastado, era inutilizável para construção de prédios. A parte da Sapucaia acabou reservada à vila dos operários responsáveis pela construção da Cidade Universitária. Mesmo depois de pronta, parte dos funcionários ainda residia nas casas.

---

<sup>231</sup> *Jornal do Brasil*. [Como se aproveita o lixo para aterrar trechos importantes da cidade s/autor]. Rio de Janeiro. Ano XLVI, N.206. página 1. 29 de agosto de 1932.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro projeto de pesquisa se fundamentava na leitura e análise da documentação mantida pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCDRJ) sobre dados burocráticos da Superintendência de Limpeza Pública e Particular criado em 1903 pelo prefeito Pereira Passos. A autarquia foi fundada após uma série de experiências de contratações de empresas privadas durante o século XIX para o serviço da limpeza. No entanto, devido às condições de isolamento social por causa da pandemia de Covid-19, o arquivo permaneceu fechado para visitas de consulta externas. Portanto, as fontes da pesquisa sofreram alterações desde a escrita do primeiro projeto e da fase de qualificação. O mesmo aconteceu com os objetivos e perguntas mantidas em aberto com a intenção de serem respondidas em pesquisas futuras.

Este trabalho de pesquisa levantou diferentes níveis de relação entre pessoas e natureza no Rio de Janeiro através da relação histórica entre a cidade e o lixo no período de 1865 e 1940. A partir do aporte teórico da História Ambiental Urbana a pesquisa se propôs a explorar a relação entre o Rio de Janeiro, o sítio urbano, as instituições, a tecnologia, o trabalho, os não-humanos e o lixo. O conceito de metabolismo urbano e de sistema excretor foram dois caminhos de pesquisa utilizados ao longo da construção argumentativa da dissertação.

Percebi a construção do sistema de limpeza como parte elementar da manutenção do cotidiano da cidade. Todas as atividades de abastecimento deste mundo urbano (o mercado, a preparação da comida, a geração de energia, as obras, a capinação, os cavalos, dentre outras) acabavam por gerar resíduos orgânicos, aproveitáveis ou não. A limpeza urbana assumia caráter de retirada destes produtos do metabolismo urbano, elementos de classe perigosa à saúde humana e de contaminação do meio ambiente. O lixo também era incômodo pela sujeira, mau cheiro e animais, insetos atraídos pela matéria em decomposição. Para além da questão institucional, a limpeza pública era um setor vivo, dinâmico, transformador e mobilizador da comunidade. Demonstrei, também, como a limpeza estava condicionada a outros fatores como o clima, a topografia, a variação de temperatura, a tecnologia.



Portanto, a proposta de análise sobre a relação entre cidade e natureza vai além da função de cenário ou de lugar onde os fatos humanos se desenrolam. Cidades e natureza são vistas de forma conjunta. Através da pesquisa histórica sobre o lixo é possível identificar mudanças na relação de cidade com a natureza, como a natureza respondia às intervenções humanas e a partir do conjunto de interações surge, por sua vez, a natureza urbana na funcionalidade do cotidiano.

Este trabalho de pesquisa se desdobrou sobre a construção e montagem do sistema excretor do Rio de Janeiro. Esta narrativa diz respeito à atuação do ser humano como parte produtora e administrativa deste sistema excretor em conjunto com a natureza do Rio de Janeiro e os organismos não-humanos (animais, insetos, bactérias).

A cidade era o espaço de circulação de pessoas, de ideias e dos responsáveis pelo trabalho da limpeza. De início o corpo dos escravizados era a principal força motriz de movimentação da sujeira na exploração dos serviços dos escravos tigrés. O viajante francês Jean Baptiste Debret capturou esta dimensão do cotidiano nas suas telas. Depois, as carroças e a tração animal começaram a transportar as sujeiras para fora. Por último, às vésperas do encerramento das atividades da Sapucaia, a frota de veículos automotores cumpria parte da tarefa. A partir dessas mudanças tecnológicas era perceptível a cidade no primeiro momento dependente da mão-de-obra escravizada para a realização dos trabalhos manuais do esvaziamento dos produtos do metabolismo de menor tamanho demográfico e de moradias. Conforme a cidade crescia e após a abolição da escravatura, o modelo de aperfeiçoamento de veículos acompanhou as novas necessidades da morfologia urbana – já não era mais possível assentar o trabalho baseado no modelo do caminhar – as distâncias urbanas a serem percorridas eram maiores, também o número de moradores e, portanto, de lixo gerado. O lixo passava por diversos níveis de organização do cotidiano e de transformações físicas e demográficas na cidade do Rio de Janeiro.

Nesses diferentes modelos de cidade percebi o papel da tecnologia dos transportes e a mobilização de ideias pelos administradores da cidade em torno de sanar a problemática da produção de lixo.

Já em termos dos usos da natureza na tarefa da limpeza discuti o metabolismo urbano do lixo a partir do conceito de “fossa final” ou a “última cloaca” em tradução livre. A ideia da “fossa final” perseguida por Joel Tarr se traduz sobre a abertura de locais para despejo dos elementos perigosos do metabolismo urbano: o esgoto, o lixo, a fumaça, enfim todos os elementos que causam prejuízo de saúde aos seres humanos e danos ao meio ambiente. A

descarga dos produtos acontece em meios terrestres, aquáticos e aéreos com trocas entre todos esses ecossistemas.

Os administradores da cidade faziam uso da topografia, rios, pântanos, praias, animais, a decomposição da matéria orgânica como parte do sistema excretor. Os espaços autorizados a receber lixo eram os pântanos e outras áreas alagadiças. As lagoas, os rios, córregos, as praias eram usadas como vazadouros naturais de detritos. A expectativa era de que as forças do vento, das correntezas carregasse para fora da cidade a sujeira e os rejeitos indesejáveis. A natureza era mobilizada no trabalho de circulação do lixo. O lixo não existe isolado da materialidade. Os animais, ratos, insetos eram parte dos meios de circulação do lixo. Já as hortas, o adubo, a criação de porcos eram meios de absorção da produção de lixo vagamente expulsos dos centros de maior densidade da população.

No período foram observadas mudanças na composição do lixo, na escala de produção e na capacidade do meio ambiente de suportar o volume de resíduos produzidos pela sociedade carioca. No avançar da década de 1940, a Ilha de Sapucaia demonstrava sinais da perda de capacidade da recuperação de seu ecossistema, tais como: o assoreamento dos canais que ligavam a Sapucaia a outras Ilhas da Enseada de Inhaúma, a reclamação constante do lixo transbordando as praias e da queima de material deixado ali.

Examinei como a Ilha de Sapucaia atendeu às necessidades da cidade e como as mudanças no padrão demográfico e de fixação no espaço do Rio de Janeiro levou a perda da resiliência da Ilha e do ecossistema ao redor. O lixo da Ilha de Sapucaia era resultado do acúmulo de tempo material da cidade. Na circulação de elementos pelo metabolismo havia diferentes tipos de acumulação e circuitos do lixo pela cidade e fora dela. Sob duas lentes, a pesquisa lançou vistas para a relação da cidade com a Ilha de Sapucaia e dos próprios residentes da Ilha com a funcionalidade do espaço.

Pela leitura das fontes é perceptível as diferentes conceitualizações de lixo ao longo do tempo, afinal, estava em constante mudança de acordo com padrões demográficos, de ocupação do espaço e tecnológicos do Rio de Janeiro.

Na leitura de fontes ficou evidente que a limpeza urbana estava aquém das necessidades do Rio de Janeiro. Nos jornais da imprensa carioca do período, nas páginas de colunas “Queixa e reclamações” os moradores dirigiam as críticas ao estado de conservação das ruas da cidade.

Já nos anos finais de funcionamento da Ilha de Sapucaia, o lixo do Rio de Janeiro estava espalhado por outros pântanos da cidade, como o mangue de Benfica e a Lagoa Rodrigo de Freitas. Em seguida ao fechamento da Sapucaia, o lixo começou a ser despejado

na Ponta do Caju e nos anos posteriores, os territórios de lixo começaram a se mover para partes mais interioranas da Baía de Guanabara em lixões e aterros de lixo no bairro do Caju, das Missões e de Jardim Gramacho. A Sapucaia faz parte de um velho problema no sistema de descarte de lixo. Acaba-se com um lixão, um vazadouro em específico e logo outros continuam a ser criados no lugar à espera de soluções mais duradouras, ambientalmente adequadas e tecnologicamente melhores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

Jornal *O Paiz*. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – BNDigital. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691>

*Jornal do Brasil*. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – BNDigital. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_01&pesq=&pagfis=1](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_01&pesq=&pagfis=1)

Jornal *Correio da Manhã*. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – BNDigital. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842>

MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. Código de Posturas: leis, decretos, editais e resoluções da Intendência Municipal do Districto Federal. Rio de Janeiro: Papelaria e Typographia Mont“Alverne, 1894.

PEREIRA REGO, José. Serviço de limpeza das praias. In: CORREA DE OLIVEIRA, João Alfredo. Relatório do Ministério dos Negócios do Império para o ano de 1874. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, p. 1, 1875.

Termo pelo qual Aleixo Gary & Comp. se obrigam a executar provisoriamente o serviço da limpeza das praias da cidade do Rio de Janeiro e os da remoção e incineração do lixo proveniente da cidade e das praias, sob as seguintes condições. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negócios do Império. 1885

Relatório da Repartição dos negócios do Império apresentado a Assembleia Geral Legislativa na sessão ordinária de 1835 pelo respectivo ministro e secretário de estado Joaquim Vieira da Silva e Sousa. Rio de Janeiro, Typographia National, 1835.

Relatório do Exm. Sr. Conselheiro Dr. Paula Candido, sobre a memória já publicada do Dr. Corrêa de Azevedo, intitulada - Polícia Medica sobre febre amarella, ou de suas causas e profilatica no Rio de Janeiro. Anais Brasileiro de Medicina. pg. 143. 1859.

PREFEITURA DO DISTRICTO FEDERAL; AGACHE, A. Cidade do Rio de Janeiro: Extensão- Remodelação-Embellazamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Disponível em <http://planourbano.rio.rj.gov.br>.

### BIBLIOGRAFIA

AIZEN, Mario; PECHMAN, Robert M. *Memória da Limpeza Urbana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Coopim (Comlurb), 1985.

ABREU, Nuno César Pereria de. *Boca do lixo: cinema e classes populares*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

ABREU, MAURÍCIO. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.

AMADOR, Elmo da Silva. *Baía de Guanabara ocupação histórica e avaliação ambiental*. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2013.

ANDRADE LIMA, Tânia. Humores e odores: ordem corporal social no Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro: História, Ciências, Saúde - Manguinhos, II (3): 44-96, nov. 1995. Fevereiro, 1996.

BASTOS, Valéria. Profissão: catador: um estudo do processo de construção da identidade. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos Hausmann Tropical a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do Século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BENCHIMOL, J. L. Reforma urbana e revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: Jorge Ferreira; Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Brasil Republicano*. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, vol 1, p. 231-286.

BLOCH, Marc. *Apologia da história*, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. *Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II*. São Paulo: Edusp, 2016.

BREMER, Maria Ligia. A imagem da realidade, poesia "o bicho" de Manuel Bandeira. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. pp. 1796-1804, 2011.

CAPILÉ, Bruno. Os muitos rios do Rio de Janeiro: transformações e interações entre dinâmicas sociais e sistemas fluviais na cidade do Rio de Janeiro (1850-1889). Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

CORBAIN, Alan. *Saberes e odores* o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

CHAULHOU, Sidney. Cidade Febril cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

CRONON, William. *Toxic waste and race in United States A national report on the racial and socio-economic characteristics of Communities with Hazardous Waste Sites*. New York: United Church of Christ, 1987.

CRONON, William. The Uses of Environmental History. *Environmental History Review*, Vol. 17, No. 3 (Autumn, 1993), pp. 1-22. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3984602?seq=1&cid=pdf>.

CRONON, William. *Nature's Metropolis: Chicago and the Great West*. 1st ed. New York: W. W. Norton, 1991.

DORON, Assa; JEFREY, Robin. *Waste of a Nation Garbage and Growth in India*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018.

EDLER, Flávio Coelho. A natureza contra o hábito: a ciência médica no império. *Revista Acervo*. Rio de Janeiro, V. 22, N. 1, p. 153-166, jan-jun, 2009.

EIGENHEER, Emilio. *Lixo, Vanitas e morte: considerações de um observador de resíduos*. Niterói: edUFF, 2003.

EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: Palotti, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 7ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2004.

FRIEDRICH, Engels. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Saúde e Ciências Manguinhos*. V. 12, N. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

HOLANDA, Sérgio B. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. *O Quarto de Despejo* diário de uma favelada. 10ª Edição. São Paulo: Editora ática, 2014.

KESSEL, Carlos. *A vitrine e o espelho do Rio de Janeiro de Carlos de Sampaio*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), 2001.

LEONARD, Annie. *A história das coisas da natureza ao lixo o que acontece com tudo o que consumimos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

MACHADO, Giselle Cardoso. Da Ilha de Sapucaia ao Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: a criação de territórios do lixo da cidade do Rio de Janeiro como expressão de segregação espacial. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

MAUCH, Christof. *Out of sight out of mind*. Munique: RCC Perspectives Transformations in Environment and Society, 2016.

MAUCH, Christof; ROBIN, Libby (orgs). *Os Limites da História Ambiental Uma Homenagem a Jane Carruthers*. Munique: RCC Perspectives, 2014.

MAUCH, Christof. *A Future without waste? Zero Waste in Theory and Practice*. Munique: RCC Perspectives Transformations in Environment and Society, 2016.

MELOSI, Martin V. The place of the city in environmental history. *Environmental History Review*, Vol. 17, N.1. 1993, pp. 1-23.

MELOSI, Martin V. *Garbage in the Cities: Refuse and Reform and the Environmental*. University of Pittsburg Press: Pittsburg PA, 2005.

MELOSI, Martin V. *Fresh Kills A History of Consuming and Discarding in New York City*. New York: Columbia University Press, 2020.

MELOSI, Martin V. Humans, Cities, and Nature: How do cities fit in the Material World? *Journal of Urban History*. Vol. 36. N. 1. 2010. p 3-21. Houston. University of Texas.

MOLANO CAMARGO, Frank. La historia Ambiental urbana: contexto de surgimiento y contribuciones para el análisis histórico de la ciudad. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*. Universidad Nacional de Colombia. Vol, 43, N. °1, jan-junho 2016, p. 375-402.

MOLANO CAMARGO, Frank. El relleno sanitario Doña Juana en Bogotá: la producción política de un paisaje tóxico, 1988-2019. *História Crítica*. N.74. 2019. p. 127-149.

MIZIARA, Rosana. *Nos Rastros dos Restos as Trajetórias do Lixo na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Educ Fapesp, 2001.

MUMFORD, Lewis. *La Ciudad en la historia: Sus Orígenes, Transformaciones y Perspectivas*. Logroño: Pepitas de Calabaza, 2012.

MURPHY, Cullen; RATHJE, William. *Rubbish! The Archaeology of Garbage*. New York: Harper Collins Publishers, 2001.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PELLOW, David N. *Garbage Wars the struggle for Environmental Justice in Chicago*. Massachusetts: The MIT Press, 2002.

QUEIROZ, Umberto; MARAFON, Glauber. Os caminhos do lixo na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, pp. 37–53, jul/dez 2015. pg. 39.

REIS, José Carlos. *Higiene e Ilusão: o lixo como invento social*. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e Ilusão O lixo como invento social*. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

SEDREZ, Lise. “The Bay of all beauties”: State and environmental in Guanabara Bay, Rio de Janeiro, Brazil, 1875-1975. Tese (Doutorado em História). Departament of History - Stanford University. California, 2004.

SEDREZ, L. F. BARBOSA; N. A. Narrativas na Babilônia: Uma experiência de história oral, risco climático, reflorestamento e comunidade (1985-2015). In: Andrea Casa Nova Maia. (Org.). *História oral e direito à cidade*. 1 ed.São Paulo: Letra e Voz, 2019, v. 1, p. 79-98.

SCHOTT, Dieter. Urban Environmental history: what lessons are there to be learnt? Boreal Environment Research. Helsinki. Dezembro de 2004.

SENNETT, Richard. *A Carne e a Pedra o corpo e a cidade na civilização moderna*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SIMONINI, Yuri; FERREIRA, Angela Lúcia. A dimensão urbana da natureza: considerações sobre a história ambiental. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 30 de agosto de 2013, Vol. XVIII, nº 1039. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1039.htm>>. [ISSN 1138-9796].

STRASSER, Sussan. *Waste and Want a social History of Trash*. Nova York: Owl Books, 2000.

SWYNGEDOUW, Erik. *In the Nature of Cities. Urban political ecology and the politics of urban metabolism*, Nova York: Routledge Press, 2006.

SWYNGEDOUW, Eric. A cidade como híbrido. Natureza, sociedade e humanização “cyborg”. In.: ACSELRAD, H (org.) "A duração das cidades". Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TARR, Joel. Urban Environmental History. *The Turning Points of Environmental History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010. pg. 72-89.

TARR, Joel A; MCSHANE, Clay. *The Horse in the City: Living Machines in the Nineteenth Century (Animals, History, Culture)*. Maryland: Johns Hopkins University Press, 2011.

TARR, Joel A; DUPUY, Gabriel. *Technology and the Rise of the Networked City in Europe and America (Technology and Urban Growth Series)*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

TARR, Joel. *The search of the Ultimate Sink urban pollution in historical perspective*. Akron: The University of Akron Press, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, 1991.

ZIMRING, Carla Z. *Cash for your trash scrap recycling in America*. Nova Jérícia: Rutgers University Press, 2005.





